

MARCO TÚLIO PENA CÂMARA

"OUÇAM AS BICHAS PRETAS":

A MULTIMODALIDADE NA CONSTRUÇÃO DE
MASCULINIDADES PRETAS E AS PRODUÇÕES DE
SENTIDOS MEDIATIVISTAS EM VÍDEOS NO YOUTUBE



**“Ouçam as bichas pretas”:
a multimodalidade na construção de
masculinidades pretas e as produções de
sentidos midiativistas em vídeos no *youtube***

Esta obra foi publicada com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior - CAPES, com verba PROEX destinada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Unicamp.



Marco Túlio Pena Câmara

**“Ouçam as bichas pretas”:
a multimodalidade na construção de
masculinidades pretas e as produções de
sentidos midiativistas em vídeos no *youtube***

Copyright © Marco Túlio Pena Câmara

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos do autor.

Marco Túlio Pena Câmara

“Ouçam as bichas pretas”: a multimodalidade na construção de masculinidades pretas e as produções de sentidos midiativistas em vídeos no youtube. São Carlos: Pedro & João Editores, 2024. 209p. 16 x 23 cm.

ISBN: 978-65-265-1475-7 [Digital]

DOI: 10.51795/9786526514757

1. Multimodalidade. 2. Masculinidades pretas. 3. Produções de sentido. 4. Mídias. I. Título.

CDD – 370/410

Capa: Luidi Belga Ignacio

Ficha Catalográfica: Hélio Márcio Pajeú – CRB - 8-8828

Revisão: Zaira Mahmud

Diagramação: Diany Akiko Lee

Editores: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Conselho Editorial da Pedro & João Editores:

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luís Fernando Soares Zuin (USP/Brasil); Ana Patricia da Silva (UERJ/Brasil).



Pedro & João Editores

www.pedroejoaoeditores.com.br

13568-878 – São Carlos – SP

2024

Porque se chamava moço
Também se chamava estrada
Viagem de ventania
Nem se lembra se olhou pra trás
Ao primeiro passo...
Porque se chamavam homens
Também se chamavam sonhos
E sonhos não envelhecem

Clube da Esquina nº 2 – Clube da Esquina

Dedico este livro a todos que procuram se reconstruir nessa sociedade desigual e impositiva, para que possamos ser livres e exercer nossa liberdade em todos os ambientes possíveis.

AGRADECIMENTOS

A construção de um trabalho monográfico, como a tese que originou este livro, apesar de parecer solitária, só é possível a partir de diversas mãos, abraços e sentimentos.

Agradeço à minha família, por acreditar no meu sonho e apoiar, na maneira como conseguiram. Especialmente ao meu pai, por me ensinar, na prática, que as masculinidades são muitas, ainda que guardadas em determinadas caixinhas ou concedida com privilégios.

Agradeço ao Thiago que, com paciência e amor, impulsiona os passos vindouros.

Agradeço às amigas e aos amigos que fiz nessa caminhada, não somente na Unicamp, onde concluí meu processo de doutoramento, mas em toda a vida, por apoiarem os sonhos mais improváveis, reafirmando tudo ser possível. A Unicamp reafirmou meu sonho de ser professor, acreditar e defender a educação pública. Reduto de Paulo Freire, foi nos corredores do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) que me formei não somente como doutor, mas um homem pesquisador social e inquieto. Agradeço, portanto, ser o berço de tantos questionamentos e possibilidades que me fizeram chegar até aqui.

Agradeço ao meu eterno orientador, e amigo, Rodrigo, por acreditar nesta pesquisa e na divulgação dela por meio deste livro. Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pelo apoio financeiro que me permitiu dedicar ao doutorado. Por fim, mas não menos importante, gostaria de ressaltar a importância do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (PPGLA), por destacar o papel social da linguagem e da educação na formação de um mundo mais humano e possível de viver considerando as diversidades aqui representadas.

SUMÁRIO

1. TRAVESSIAS A PERCORRER: AS PEDRAS NO CAMINHO DAS PEDRAS	13
1.1 "Fazer com o braço o viver": o Midiativismo e as linguagens	17
1.2 Reestruturando caminhos	23
2. LINGUAGEM E(M) REDE DIGITAL: PRODUÇÃO E (RE)ESTRUTURAÇÃO NO CIBERESPAÇO E AS PRODUÇÕES (MIDI)ATIVISTAS	33
2.1 Ressignificando o ativismo: práticas e reflexões midiativistas	40
2.1.1 Do ciber ao Net-Ativismo: as atualizações midiáticas (d)e lutas sociais	43
2.1.2 Midiativismo em vídeo – ou videoativismo	46
2.1.3 Midiativismo como processo: do fenômeno midiático à definição teórica	49
3. MULTIMODALIDADE E CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS: AS MÚLTIPLAS REPRESENTAÇÕES DAS MASCULINIDADES	59
3.1 A pluralidade nas construções de outras masculinidades possíveis	69
3.1.1 Heteronormatividade, masculinidades e suas interseccionalidades	84
4. DISCURSOS MULTIMODAIS EM VÍDEOS E SUAS PRODUÇÕES DE SENTIDOS: CAMINHO METODOLÓGICO TRANSDISCIPLINAR E SOCIAL	93
4.1 Metodologia e algoritmo de análise	98
5. OBJETO DE ESTUDO: <i>CREATORS FOR CHANGE</i> E A SÉRIE #HOMEMNEGRO DO CANAL MURO PEQUENO	99
5.1 Projeto <i>Creators for change</i>	107
5.2 O canal Muro Pequeno	111

5.3 Vídeos para análise	112
6. "MAIS DO QUE UMA CONVERSA, UMA CONVOCAÇÃO": OLHARES SOBRE A MULTIMODALIDADE NA CONSTRUÇÃO DE MASCULINIDADES MUDIATIVISTAS	115
6.1 Vídeo 1: "Onde estão os homens negros?"	115
6.1.1 Aspectos multimodais e ocupação de espaços	121
6.1.2 Vozes e representações das masculinidades na busca de espaços	126
6.1.3 Cores, roupas e a busca da representação e ancestralidade negras	132
6.1.4 Postura, gestos e a imposição e sensibilidade de masculinidades negras	135
6.2 Vídeo 2: "Bichas pretas e masculinidade"	143
6.2.1 Aspectos multimodais e visualidades não normativas	150
6.2.2 Vozes e representação das masculinidades contra-hegemônicas	154
6.2.3 Cores, roupas e a busca da representação e ancestralidades negras	157
6.2.4 Postura, gestos e a imposição de sensibilidade de masculinidades negras	161
7. MULTIMODALIDADE E MASCULINIDADES QUE EVOCAM SENTIDOS ATIVISTAS. O QUE AS ANÁLISES PODEM NOS MOSTRAR?	165
7.1 As relações dos significados multimodais	165
7.2 Masculinidades em debate	185
8. POR CAMINHOS INFINDADOS: IMPRESSÕES QUE A TRAVESSIA NOS PERMITE OBSERVAR	191
REFERÊNCIAS	199
SOBRE O AUTOR	209

1. TRAVESSIAS A PERCORRER: AS PEDRAS NO CAMINHO DAS PEDRAS

Hoje faço com meu braço o meu viver
Solto a voz nas estradas, já não quero parar
Meu caminho é de pedra
Como posso sonhar?
Sonho feito de brisa, vento vem terminar
Travessia - Milton Nascimento

Pelo título do capítulo de introdução deste trabalho, poderia começar com uma citação do meu conterrâneo Carlos Drummond de Andrade ou referenciar uma das minhas bandas preferidas, Engenheiros do Hawaii, sobre a dificuldade de se achar o caminho das pedras com tantas pedras no caminho. Mas escolhi pôr outro mineiro de destaque: Bituca. Apesar de tratar sobre sua travessia, a epígrafe marca caminhos, processos. O que é uma pesquisa que origina um livro, senão um trajeto? Para a titulação almejada, para o sonho de brisa, para fechar o pranto. Mas para chegar até esse destino final, a travessia pode ser íngreme, de pedras, com obstáculos que a previsão do tempo não contava. Também assim foi esse processo.

Peço licença ao leitor deste texto pela linguagem direta, mas acredito que seja necessário reafirmar a importância de se pessoalizar ambientes outrora rígidos e sisudos. Pesquisas são feitas por pessoas, título se conquista por gente, caminho se conhece andando, travessia existe, pois há destino e estrada. Assim tem sido o processo até aqui, assim tenho me firmado como pesquisador/professor, pois acredito que a ciência, mais que salvar vidas, muda caminhos e trajetos. Transforma brisa em vento, pedra em atalho, lago em fresco, força em voz.

Toda pesquisa nasce de uma inquietação sobre um tema escolhido e esta não foi diferente. A inquietação, no entanto, é também objeto deste trabalho. Enquanto ainda estamos nós,

brasileiros, em um país “democrático”, questionar, mobilizar, cobrar, e tantos outros verbos devem estar presentes na sociedade, seja ela virtual ou física.

A sociedade, assim como as mídias e as linguagens, passa por constantes modificações e atualizações. É nesse contexto que se insere o fenômeno que guia esta pesquisa: o Midiativismo. Em sua gênese, ele une o ativismo, a luta pela conquista de direitos e espaço de divulgação de vozes historicamente silenciadas, às mídias, em evolução e adaptação à sociedade em que se vive (Di Felice, 2017; Foletto, 2017; Peruzzo, 2018). A linguagem, nesse contexto, exerce um papel fundamental de ser um meio para que o ativismo ocorra, além de possibilidade (e, talvez, munição?) para a expressão de grupos subjugados.

Sendo um pesquisador em instituições públicas de ensino, acredito que o meu papel seja levantar debates, provocar reflexões e me/nos posicionar/mos como produtor/es de ciência. Especificamente como pesquisador da área de ciências humanas, acredito no poder transformador da educação. Fazer pesquisa, atualmente, é, também, resistir, mostrando que meu trabalho, ao propor novas reflexões e formar pensamentos e pessoas sempre mais críticas sobre o mundo, é importante para as pessoas se entenderem como sujeitos que exercem suas diversas funções sociais.

Acreditar nessa resistência, pensar meios para que ela ocorra e incentivar novas discussões e mudanças sociais estão no centro da discussão deste trabalho. Fazer uma pesquisa, da qual nasceu este livro, que verse sobre a integração entre a tecnologia e a sociedade, visando mudanças sociais a partir da linguagem, é, além de resistência, cada vez mais necessário. Lançar luz ao ativismo e sua atualização na sociedade conectada é buscar compreender como as relações se dão e quais são os papéis dos cidadãos e pesquisadores nesse processo.

No campo das masculinidades, o tema sempre me inquietou, ainda que sem perceber. Fugindo do padrão do que se espera de um menino, como o gosto pelo futebol, sempre me foi colocado em

xeque que tipo de homem eu era, seria e me tornaria. Ainda que essa perspectiva seja fluida e ainda em eterna construção (não estamos todos assim?), o que, antes, me incomodava, serviu de combustível para construir espaços em que o tema pudesse ser debatido e em que eu pudesse ser eu mesmo, sem os rótulos impostos sobre o que é ser homem – como se existisse uma receita ou somente uma forma.

Pensando nisso e em tantas outras questões que me atravessam na construção da minha identidade, fundei, em 2019, o grupo *Homine* – primeiro grupo de discussão sobre masculinidades na Unicamp. À época, com a pesquisa ainda embrionária, as masculinidades seriam parte do meu trabalho de doutorado somente no tema dos vídeos analisados, mas ainda não era incorporado como capítulo ou aspecto teórico-metodológico para a futura tese, que inspirou esta publicação. Dessa forma, o grupo foi parte fundamental na minha formação não só acadêmica, mas pessoal e psicológica, uma vez que levantava debates e discussões sobre as variadas possibilidades de ser homem.

São esses os principais motivadores que me fizeram chegar a este livro, tendo como principal tema de estudo o *Midiativismo*. Como parte da minha formação acadêmica, desde o mestrado, debrucei-me, paralelamente à pesquisa da minha dissertação, sobre os estudos referentes ao ciber e *Midiativismo*. Tais inquietações me levaram à participação em eventos, produção de artigos (Câmara, 2016; Câmara; Nogueira, 2018) e a organização de um livro inédito que abordasse exclusivamente esse tema, do conceito à prática (Braighi; Câmara; Lessa, 2018). É a partir dessa formação acadêmica, dialogando com as inquietações e movimentos sociais, que surge a pesquisa que originou esta publicação, com seu principal objetivo de compreender, a partir da linguagem, como se dá o *Midiativismo* nessas mídias, fazendo o recorte, aqui, para o *YouTube*, a partir de um projeto que a própria plataforma indica ser transformador.

Agora abandono a primeira pessoa do singular para usar a do plural, motivado pelo processo de interlocução discursiva, assumindo que o sentido do texto só se dá a partir da dialética da

construção do conhecimento em que ele é partilhado – neste caso, com você, leitor interessado neste trabalho que se segue. Tal perspectiva coaduna o que entendemos sobre o processo de linguagem mediada pelas tecnologias, firmando-se em seu funcionamento interdependente e relacional, sob a égide dialógica, construção essa que também é o cerne do que acreditamos ser o Midiativismo como processo de construção e ação, mais do que fenômeno ou busca conceitual.

Dessa forma, gostaríamos de ressaltar que toda esta escrita até aqui, carregada de pessoalidades, informalidade e quebra de padrão do que normalmente se espera em uma publicação desta, não foi em vão. Os discursos veiculados na Internet ganharam ainda mais força, especificidades e individualidades nesse período conturbado da pandemia de Covid-19 que marcou, sobremaneira, a relação entre sujeitos e aparatos tecnológicos digitais.

Ademais, outro tema fundamental deste trabalho, a busca pela individualidade, também se fortaleceu nos movimentos ativistas, principalmente nessas novas reconfigurações. Uma vez impedidos de nos encontrarmos e reunirmos presencialmente, a Internet se tornou o ambiente de encontro, união e fortalecimento de laços e – porque não? – o novo espaço público, contradizendo, de certa maneira, a máxima de Di Felice (2017) ao conceituar netativismo, perspectiva que aprofundaremos mais à frente.

Na mesma seara, o hibridismo entre redes e ruas se fundiu ainda mais. Uma vez que a ocupação das ruas fora proibida, os ativismos só puderam se encontrar – e manifestar, tornando-se públicos e, de fato, ativistas e sociais – por meio das (e nas) redes. Elas se firmaram, portanto, como espaços discursivos de reconhecimento, identidade, representação e lutas, aspectos que, entre outros, compõem o que abordaremos e que consideramos Midiativismo.

Nesse sentido, é importante ressaltar que, embora busquemos uma definição ou conceituação melhor definida acerca do termo ativismo, este trabalho não se funda na confirmação dessa definição.

Consideramos ativismo, para este trabalho, a mudança social almejada e que se dá em espaços físicos e sociais além do virtual. Os ativismos são construídos e processuais, não se findando em conquistas iniciais e atendimento às reivindicações apenas. Além disso, o ativismo se dá como ação que antecede e integra a mediação – não apenas lexicalmente falando. A mudança é pretendida e incentivada a partir de movimentos e atitudes ativistas, com ou sem mediação ou mediação tecnológica e linguística.

Entendendo a linguagem como um processo tecnológico de produção de sentidos sociais (Flusser, 2007) por considerar a sociedade que a circunda, acreditamos ser fundamental debater esses papéis sociais que as práticas de linguagens permitem e vivenciam. Nesse sentido, é preciso refletir e incentivar práxis para além do academicismo branco eurocentrado – ainda mais sobre tema racializado. Assim, ao pensar nessas expressões a partir de visões plurais e democráticas, afastamo-nos do que o ambiente acadêmico se acostumou a considerar clássico e nos aproximamos de autores mais atuais, ainda que estejam debatendo essas questões há décadas.

É nesse contexto, portanto, que buscaremos nos referenciais teóricos aqueles autores que se propõem a debater e problematizar o uso da língua nessas situações históricas e suas relações políticas, firmando-se como uma forma de resistência (Cusicanqui, 2010; hooks, 2013; Gonzalez, 2019; Kilomba, 2019; Nascimento, 2019) característica também do termo *Midiativismo*, como veremos ao longo deste trabalho. Dessa forma, encontramos aparatos para apoiar essas discussões e propor novos olhares e posicionamentos na pesquisa acadêmica brasileira, considerando, também, o posicionamento de prestígio e influência que aqui ocupamos em uma universidade pública, gratuita e de excelência.

1.1 “Fazer com o braço o viver”: o *Midiativismo* e as linguagens

A importância desta pesquisa vai além da releitura de novas práticas ativistas e do impacto social que isso pode gerar na

realidade em que vivemos. A relevância desse estudo também se pauta nas questões que pretendemos responder: como o Midiativismo se caracteriza e se diferencia de noções correlatas? Como o canal *Muro Pequeno* utiliza os recursos multimodais da linguagem para promover discussões ativistas por meio dessa prática midiática? Como os diferentes modos de linguagem são utilizados de forma a construir o sentido midiativista do canal *Muro Pequeno*? Como a construção e os debates sobre masculinidades se representam a partir de uma perspectiva multimodal? Qual a relação que se estabelece entre as escolhas multimodais e as masculinidades que resulta em um produto midiativista?

Nosso interesse em pesquisar o Midiativismo surge de tais questionamentos. Para buscar compreender seu funcionamento, além de observar as diversas relações existentes e incentivadas no ambiente *on-line*, é fundamental que nos debruçemos sobre esse campo de pesquisa e atuação de forma a observar as reconfigurações midiáticas e o ciberespaço.

A imposição-título deste trabalho também não é aleatória. A frase, dita pelo criador do canal no último vídeo da série aqui analisada, é repetida três vezes, reforçando sua relevância. Ouvir as bichas pretas extrapola a indicação dada por Murilo, mas firma-se como obrigação quando se pensa a construção e evolução da sociedade plural e diversa, principalmente no que tange as masculinidades possíveis.

Nesse contexto, é interessante pensarmos sobre a construção da ordem frasal: o sintagma “bichas”, de identificador de orientação sexual, antecede “pretas”, característica de identidade racial. Não só neste vídeo, mas em outros complementares que compõem o *corpus* desta pesquisa, a percepção da identidade de orientação sexual antecede a identidade racial. Em outras palavras, é comum se reconhecer como gay antes do que se reconhecer como uma pessoa preta, ainda que com traços identitários fortes.

Mais do que um conselho, “ouçam as bichas pretas” carrega a potencialidade, também, deste trabalho. A partir desse imperativo,

percebemos um elemento multimodal, a ocupação de espaços, a construção de masculinidades interseccionais e como todos esses elementos são atravessados pelo midiativismo e pela subjetividade. Ressaltamos, ainda, que a construção dessa subjetividade não é individual, por mais paradoxal que essa constatação possa parecer. A partir de uma enunciação coletiva, o título presume o que prega o midiativismo no sentido da coletividade e impacto social, a partir da perspectiva pessoal e individual que constitui o sujeito enunciativo-discursivo.

É nesse contexto, ainda, que nosso trabalho dialoga e se insere no Grupo de Pesquisa em Mídia, Discurso, Tecnologia e Sociedade (MíDiTeS), ao qual estamos vinculados desde o início desta pesquisa. Os trabalhos do referido grupo versam sobre a linguagem mediada pela tecnologia em assuntos de interesse social, como o racismo no futebol, a educação para os meios, a transliteracia, a multimodalidade na produção de sentido no jornalismo científico, na representação de pessoas transexuais pela mídia e linguagem, entre outros aspectos e trabalhos que relacionam a linguagem com a tecnologia e a mídia, perpassando por questões sociais.

O presente trabalho se inscreve na Linguística Aplicada (LA) pela transgressividade, a exemplo, também, de trabalhos acima mencionados, mas também pela metodologia utilizada e o caráter transdisciplinar que a pesquisa assume, uma vez que articula diferentes estudos e disciplinas em um objeto complexo (Eversen, 1998). Signorini (1998) defende que a LA “busca a criação de novos conceitos e novas alternativas teórico-metodológicas a partir e em função de uma redefinição do objeto de estudo” (Signorini, 1998, p. 101). É nesse contexto, portanto, que se insere nosso objeto de estudo – o Midiativismo praticado no *YouTube*. Interessa-nos, portanto, como as práticas de linguagens mediadas pela tecnologia podem causar impacto nos espaços (digitais ou não) e reconfigurar as lutas ativistas e os modos de ação política que visam a mudança social.

Ancoramos essa classificação a partir da “especificidade do objeto de pesquisa em LA – o estudo de práticas específicas de uso

da linguagem em contextos específicos” (Signorini, 1998, p. 101). Em outras palavras, a pesquisa da LA ocorre no contexto de aplicação, ou seja, parte da observação prática para a ancoragem teórica e metodológica que se utiliza, a fim de alcançar os objetivos propostos. Nesse caso, partimos do fenômeno do Midiativismo para sua conceituação e abordagem de estudo como objeto de pesquisa a partir das linguagens que são nele utilizadas e ancoradas.

Dessa maneira, inserimos nosso trabalho na transdisciplinaridade característica da LA, considerando a relação entre os seguintes campos de estudo:

i) Ciência Política, para refletirmos sobre a (re)configuração do modo de fazer político, além da reestruturação do ativismo como ação política que visa mudança social, que ganha novos espaços, formatos e maneiras de fazer, além da questão racial e de gênero como tema dos vídeos em análise;

ii) Comunicação Social e as Novas Tecnologias de Informação e Comunicação, já que consideramos o *YouTube* como mídia e a reconfiguração e a atualização da Comunicação Social na sociedade cada vez mais midiaticizada;

iii) Linguística Aplicada, que abarca os dois campos anteriores e que norteará nossa metodologia a partir da Multimodalidade nos vídeos. Entendemos que a prática midiativista se dá a partir da linguagem e do discurso mediado pela tecnologia, permitindo a análise desses discursos produzidos.

Essa congruência de áreas culmina na análise do Midiativismo, que figura como objeto ainda em construção teórica, mas de observação prática que norteia o interesse primário da pesquisa. Em outras palavras, a natureza transdisciplinar desta pesquisa também se justifica pela escolha do objeto sob a ótica de múltiplos conhecimentos, a fim de buscarmos entender as novas práticas de ativismo e a estruturação do Midiativismo a partir dos vídeos no *YouTube*.

Para tanto, já foram empreendidas diversas discussões conceituais acerca de fenômenos midiáticos de cunho ativista,

embora carentes de definições do Midiativismo como conceito, não apenas fenômeno dado. Nesse âmbito, como aprofundaremos a seguir, o termo que mais se aproxima, ainda que não abarque totalmente o que consideramos aqui como Midiativismo, é o net-ativismo, cunhado pelo pesquisador Massimo Di Felice (2017). O autor o define além do uso das mídias e da centralidade do sujeito, em seu aspecto social, mas pensa as relações que se estabelecem em rede considerando esse ambiente como uma esfera ecológica, a partir de suas especificidades de linguagens, relações e interações, levando em consideração os aspectos tecnológicos, humanos e não-humanos, extrapolando a esfera social e suas consequências e sociabilidade. Nesse ponto, essa definição parece se distanciar do conceito de Midiativismo que propomos aqui. Isso porque defendemos, no campo teórico e prático, que o Midiativismo se relaciona com e serve à sociedade, considerando o intuito de mudança social que define o ativismo fora dessas redes. Importante ressaltar, no entanto, que não consideramos essas práticas e conceitos excludentes, tampouco conflitantes. Acreditamos em certo hibridismo e complementaridade de termos e ideias a partir do que se pretende aprofundar e destacar.

A definição cunhada por Di Felice (2017) nos auxilia a propor outras reflexões, tão caras a este trabalho e ao que procuramos nos debruçar. A partir da ideia de conectividade e do impulso que as tecnologias digitais permitiram às conexões sociopolíticas-interacionais, o autor reflete sobre o papel e o pressuposto de linguagem que perpassa todas essas práticas e interações não antropomorfizadas.

É nessa lacuna que este trabalho se insere. Acreditamos, portanto, que é necessário valorizar a linguagem multimodal desses conteúdos, considerando os modos de linguagem presentes em cada produto e como eles produzem o sentido incitado pelos produtores. Reconhecer tais conteúdos, produzidos sob a égide digital, é fundamental para pensarmos em possibilidades de conexão, interação e participação a partir de expressões e movimentações de

linguagens para além do que se espera ou se considera como dado na nossa sociedade. Tal aspecto é importante para a reflexão que aqui propomos, uma vez que entendemos a hibridização das mídias, discursos e linguagens considerando sua complexidade e, especificamente, na condição de nosso aparato teórico-metodológico, multimodal.

Nesse contexto, mais do que referencial acadêmico para a construção deste trabalho, a Análise Multimodal do discurso se porta como parte integrante para que o Midiativismo ocorra e possa construir sentidos. Isso porque a linguagem ultrapassa suas atribuições primitivas/iniciais e se firma como parte do processo inserida nessa ecologia produtivo-colaborativa em que a centralidade não é mais no sujeito que a produz, mas sim nas interações que esses processos suscitam e nos sentidos que elas evocam e produzem. É nesse entremeio, de linguagem, sentido, multimodalidade e efeitos sociais, que ancoramos este trabalho. Diante do que apresentamos, o objetivo deste trabalho se firma em discutir e refletir como o Midiativismo é praticado pelo canal *Muro Pequeno*, no *YouTube*, a partir das estratégias discursivas de Análise Multimodal que, por sua vez, orientam e produzem sentidos de reflexão e mudança social – sendo este o cerne do que se considera ativismo. Assim, nosso trabalho pretende discutir as formas como os vídeos do referido canal constroem sentidos midiativistas a partir de uma perspectiva de Análise do Discurso Multimodal, sendo essa sua principal abordagem metodológica. Ainda, pretendemos discutir o conceito de Midiativismo a partir de nosso objeto de estudo, considerando esses espaços audiovisuais on-line como ambientes midiáticos. Por fim, buscamos desenvolver uma abordagem para compreensão e Análise do Discurso Multimodal do Midiativismo em vídeos, respeitando as especificidades do conteúdo e da plataforma em que é veiculado.

Destacamos, ainda, que este livro é fruto da tese homônima defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada em 2023.

1.2 Reestruturando caminhos

Como apontamos no início deste texto, o presente trabalho se diferencia não somente em seu ineditismo teórico-metodológico-analítico, que não se limita à inovação do fenômeno sobre o qual nos debruçamos, mas também pela forma singular de apresentação e estruturação do texto. Entendemos que se a linguagem se renova e pode se apresentar de outras formas, ganhando novos significados, a pesquisa acadêmica é o melhor lugar para que essas rupturas aconteçam, de modo a incentivar que outros espaços sejam ocupados por novas maneiras de olhar e realizar. Foi nesse contexto que repensamos a estrutura deste trabalho, a começar pelos nomes das seções, que procurassem fugir dos padrões formais acadêmicos – seria essa uma metalinguagem sobre a contra-hegemonia visada das masculinidades representadas nos vídeos aqui analisados?

Assim como tudo o que atravessa nossa análise a partir de aspectos teórico-metodológicos, como as masculinidades, a linguagem multimodal e o Midiativismo que tal entrecruzamento produz, acreditamos que este trabalho também é atravessado e é formado por atravessamentos tanto pessoais quanto profissionais e acadêmicos. Enquanto uma pesquisa acadêmica padronizada e formal dita uma separação delimitada do que é introdução, referencial teórico, metodologia, análise, resultados e conclusão, neste trabalho, somos perpassados por um atravessamento de todas essas delimitações. Ancorados não só no que a Linguística Aplicada prega e define pela transdisciplinaridade, ou seja, por todos esses atravessamentos de disciplinas que conversam entre si e culminam em uma nova, nossa proposta também dialoga e busca inovar em uma análise metodológica própria, assim como na estruturação deste trabalho.

Nesse sentido, não delimitamos de forma padronizada, tanto pela nomenclatura quanto pela conceituação do que seriam as seções clássicas de um trabalho acadêmico. Essas divisões aparecem de forma unida e atravessada em cada um desses aspectos. Por isso que

os nomes das seções aqui apresentadas não seguem padronização do que se espera de um trabalho acadêmico formal. Não há, ainda, uma separação da teoria da metodologia, da análise e da discussão de resultados. Uma vez que acreditamos que tudo o que passamos forma o que somos hoje, e que os percursos acadêmicos nos quais caminhamos desembocam neste trabalho, as análises e os resultados também são transpassados por tudo aquilo que nos formou, academicamente, pesquisadores.

Nas análises aqui feitas, a metodologia se forma na complementaridade dos referenciais teóricos, daquilo que buscamos responder e das novas perguntas que formulamos.

Por isso, tomamos a multimodalidade, a relação da linguagem com a tecnologia, as masculinidades e o Midiativismo não só como arcabouços teóricos, mas também como contribuições para o modo como articulamos essas ideias que dão o sentido midiativista a partir de um retrato mais próximo da realidade que o vídeo busca produzir e retratar.

Assim, este trabalho se ampara na complexidade que a própria realidade nos impõe, e também na de produtos e materiais em que nos debruçamos, na condição de uma representação daquilo que somos, do que a sociedade vive e de como a linguagem está atravessada nessa sociedade e na tecnologia. Por isso, os capítulos que se seguem neste trabalho ganham nomenclaturas diferenciadas e mais abrangentes, mas que ao mesmo tempo dialogam tanto com a nossa realidade quanto com a realidade que esses produtos midiáticos visam retratar.

Então, assim como o Midiativismo prega uma junção de características e elementos que se relacionam com a realidade, que vão se atualizando de acordo com o uso que nós fazemos da mídia e com a utilização da linguagem nesse sentido, este trabalho também fomenta novos questionamentos e novas reflexões sobre aquilo que nos transpassa, nos atravessa e nos constitui como sujeitos.

Dessa forma, ancoramo-nos em arcabouços teóricos para fundamentar a metodologia, que se firma não como um método

único, mas sim complexo e plural, assim como a realidade o é. Acreditamos que o olhar para a sociedade permeada pela linguagem e pela tecnologia também nos permite fundamentar os olhares de pesquisadores de maneira mais completa, complexa e aprofundada em tudo aquilo que nos constitui, para que cheguemos a um entrecruzamento de propostas e de formas de ser e de representar este mundo.

Assim, o trabalho que apresentamos aqui se divide em capítulos que abordam o referencial teórico, metodologia, análise e a relação que estabelecemos nesse entrecruzamento.

Sendo assim, o capítulo dois, “Linguagem e(m) rede digital: produção e (re)estruturação no ciberespaço e as novas produções (midi)ativistas”, subdivide-se em dois grandes temas: a relação entre linguagem e tecnologia, linha de pesquisa na qual este trabalho está inserido no Programa de Pós-Graduação, e a construção midiativista nesses espaços digitais on-line.

Mais que contextualização institucional, discutir a relação entre linguagem e tecnologia é fundamental para este trabalho, uma vez que é o tema do primeiro vídeo a ser analisado, como veremos a seguir, além de ser um assunto de bastante relevância de se discutir, pois embasa a produção midiativista na atualidade, o que justifica a subdivisão deste capítulo.

A reconfiguração da dinâmica de produção de discursos e a circulação deles no mundo on-line é o principal foco deste primeiro capítulo teórico. Ancorado no que Levy (1998) pregava, partimos desse pontapé que permitia a horizontalidade da produção de conteúdos digitais. Atualizando para a realidade atual de algoritmos e outras lógicas comerciais, o que o autor defendia se alterou. Dessa maneira, aproximando a discussão da área linguística, Machin e Van Leeuwen (2016) relacionam a produção digital com os mecanismos e formas de poder a partir da linguagem e relações econômicas estabelecidas nesses ambientes que refletem a exterioridade.

Uma vez que o *YouTube* é a plataforma em que os vídeos estão publicados e divulgados, e à qual nos dedicamos a analisar em seus

aspectos multimodais, é preciso reconhecê-lo como uma rede de autocomunicação de massa (Castells, 2013), em que os conteúdos têm potencial de divulgação e capacidade de produção subjetiva (Burgess; Green, 2009). Tais possibilidades podem provocar reverberações que culminam em organização social e promoção de rede de defesa a partir de uma causa ou ideal que ganha notoriedade nesses espaços virtuais. A interação incentivada pelas mídias digitais extrapola os limites físicos e on-line para fortalecer conexões entre os componentes e prossumidores das redes (Jenkins; Green; Ford, 2014).

É esse contexto que favorece o Midiativismo, que é um fenômeno social e discursivo (Braighi, 2016). Assim, a subdivisão dessa seção, “Ressignificando o ativismo: práticas e reflexões midiativistas”, reflete sobre os conceitos e áreas correlatas ao Midiativismo, seja no campo prático, seja na conceituação.

Para formularmos o conceito em que se baseiam nossas considerações para a análise e para a produção de sentido pretendida pelos vídeos, partimos do conceito de mudança social do ativismo (Jordan, 2002; Assis, 2006). Reiterar tal característica é fundamental para apresentarmos o que acreditamos ser o Midiativismo e as noções correlatas que circundam sua formulação.

Partindo desses pressupostos solidificados socialmente, o tópico se divide em outros três subtópicos que guiam nossas reflexões e discussões sobre o que percebemos ao longo das análises: i) Do ciber ao Net-Ativismo: as atualizações midiáticas (d)e lutas sociais; ii) Midiativismo em vídeo – ou videoativismo; e iii) Midiativismo como processo: do fenômeno midiático à definição acadêmica.

Em (i), demarcamos as principais diferenças entre ciberativismo, net-ativismo e midiativismo (Maciel, 2012; Bentes, 2015; Carol; Hackett, 2016; Sartoretto, 2016; Di Felice, 2017; 2020). Essa distinção, além de se firmar como contribuição atual ao debate acadêmico acerca desses fenômenos, situa nosso trabalho em sua contribuição conceitual, baseada em trabalhos anteriores, como

abordaremos a seguir, e delimita as divergências e a evolução dos estudos na área, ainda que em muitos trabalhos e instituições tais termos sejam dados como sinônimos.

Como estamos analisando vídeos, discutir a definição deles no ativismo, seja como produto final ou como linguagem em que se porta e busca divulgação, é fundamental para nosso trabalho (ii). Assim, ancoramo-nos em estudos considerados clássicos na comunicação, que trabalham a formação de videoativismo (Aragão, 2013; Mateos; Rajas, 2014; Sousa, 2014). Acreditamos que nosso olhar multimodal é a fundamental contribuição para a atualização de estudos e debates de videoativismo, não só pelas disciplinas acadêmicas às quais tais conceitos e trabalhos estão atrelados, mas principalmente por considerar o vídeo não só como um produto, mas sim o contexto de produção e representação subjetiva a qual busca reproduzir e se portar. Por fim, chegamos à última parte (iii) deste capítulo, em que apresentamos nossa contribuição teórica que suscita nas nossas análises e discussões. Importante ressaltar que, neste tópico, fazemos uma releitura de importantes definições cunhadas anteriormente, tanto em termos e reflexões que ajudam a formar o midiativismo (Meikle, 2010; Mattoni, 2013; Eusebio, 2016), quanto o conceito e características sobre os quais ancoramos nossas percepções (Braighi, 2016; Braighi; Câmara, 2018). Ressaltamos a releitura que fizemos de trabalhos anteriores, tanto na atualização temporal a partir dos usos midiáticos que se adaptaram, alteraram e evoluíram com o passar dos anos, quanto pelos produtos que analisamos e pela metodologia que empregamos, como abordaremos a seguir.

Em seguida, apresentamos o capítulo “Multimodalidade e construção de sentidos: as múltiplas representações das masculinidades”, como o principal capítulo teórico-metodológico, considerando a hibridez que apresentamos anteriormente, no entrecruzamento do que se considera teoria e como ela auxilia nas análises, orientando-as. Assim, apresentamos conceitos de teóricos

da linguagem que amparam nossas análises multimodais ao passo que são perpassadas pelas masculinidades que as constituem.

Partindo da definição de modo de linguagem (Kress, 2016), apresentamos os elementos multimodais que nos servem de base de critérios analíticos, como *layout*, proxêmica, cor, gestos, postura, som, olhar e discurso verbal (Norris, 2002; 2004; 2006; Machin; Van Leeuwen, 2016; Van Leeuwen, 2008; 2016). Esses critérios multimodais são apresentados como basilares da análise crítica do discurso sob a sociossemiótica, firmando-se na multimodalidade de diversos *corpus* de análise, não somente o vídeo.

A partir dessas conceituações e categorizações, apresentamos estudos clássicos da área sobre obras audiovisuais, considerando sua complexidade de análise que foge da estática (Iedema, 2001; O'Halloran, 2004; Lima-Lopes, 2017). Mais especificamente sobre o *YouTube*, atualizamos estudos anteriores (Lima-Lopes; Câmara, 2019) que fizemos sob as primeiras impressões que guiavam este processo de doutoramento. Assim, apresentamos o arcabouço teórico-metodológico que considera a multimodalidade não só como teoria da linguística aplicada, mas também como metodologia de análise na busca da relação com o midiativismo.

O capítulo supracitado se subdivide em outra seção: “A pluralidade nas construções de outras masculinidades possíveis” que, por sua vez, apresenta o tópico (i) “Heteronormatividade, masculinidades e suas interseccionalidades”. Salientamos, portanto, que, para este estudo, as masculinidades não figuram somente como tema dos vídeos em análise, mas também como aparato teórico-metodológico, uma vez que partimos dessas noções para analisar os vídeos em questão.

Dessa maneira, discutimos a formação das masculinidades e seu poder social (Bourdieu, 2021), as representações e representatividades homoafetivas (Caetano; Silva-Junior, 2019), as masculinidades negras (Bola, 2021), ancoradas na pluralidade das masculinidades (Ambra, 2019; 2021). Importante ressaltar que o olhar que lançamos, aqui, sobre as masculinidades, além de plural,

considera a subjetividade a principal marca, por isso a proximidade com a abordagem social, psicanalítica e social. Isso porque, ao observar o *corpus* e os discursos que atravessam e estão presentes nos vídeos, percebemos que essa formação subjetiva é a chave principal de discussão sobre o tema, ainda que relacionado à sexualidade e à raça.

Esses estudos e atualizações partem de estudos clássicos da área, que ainda hoje são revisitados e que servem como base para discussões e definições do tema (Connel, 1995; 2013; Valencia, 2015). A despeito da diferença temporal, alguns tensionamentos se fazem presentes ainda hoje, principalmente no que diz respeito à pluralidade das masculinidades e à relevância de se considerar outros aspectos, como estudos de gênero, que perpassam a construção do sujeito inserido na sociedade, considerando sua raça, classe, sexualidade entre outros fatores sociopolíticos que ajudam a formar a hegemonia e a contra-hegemonia da masculinidade esperada.

Ancorados nessa interseccionalidade (i), o estudo que aqui propomos e os vídeos que analisamos abordam a confluência temática que rege as discussões dessas outras masculinidades possíveis, considerando a sexualidade e a raça. Nesse aspecto, Bourdieu (2021) aponta para a invisibilização do movimento gay, levando à reflexão sobre as funções do dominante e do dominador a partir da percepção da subversão simbólica e da reprodução de papéis delimitados de opressão, ainda firmada na relação binária heteronormativa na qual a sociedade está inserida.

Ademais, leva à reflexão acerca dessa reprodução de estigmas e dogmas até mesmo na produção de conhecimento e disseminação de informação. Cabe, então, o questionamento: se as relações de homossexuais negros já são, em si só, subversivas, sua representação on-line e modos de promover ativismos também não deveriam se diferenciar?

É, talvez, nessa seara que o midiativismo seja uma potente base e uma saída para esse grupo. Como podemos ver nos vídeos em análise neste trabalho, são questionamentos como esses e,

principalmente, a subversão do espaço que é dado à heteronormatividade que impulsionam as práticas midiativistas aqui descritas, ancoradas na possibilidade ampliada de produção digital on-line a partir das múltiplas linguagens e representações, a fim de representar e problematizar novas formas de expressão e construção de masculinidades.

Com base nessas discussões teórico-metodológicas é que se desenvolve o capítulo “Discursos Multimodais em vídeos e suas produções de sentidos: caminho metodológico transdisciplinar e social”. Na primeira parte dele, empreendemos uma discussão filosófica sobre o trabalho transdisciplinar no qual a Linguística Aplicada se insere e como isso reflete na metodologia que podemos empregar em nossas produções. Nesse capítulo, desenhamos nosso algoritmo de análise, que se subdivide em 5 etapas: i) acesso ao *YouTube*, canal *Muro Pequeno*, projeto *Creators for Change*; ii) escolha dos vídeos analisados; iii) tema dos vídeos e relação com a pesquisa; iv) análise da multimodalidade e masculinidades; e v) critérios de análise.

Embora estejamos inseridos no arcabouço teórico da Análise Crítica do Discurso, que abarca a multimodalidade e, mais especificamente, a Linguística Sistêmico-Funcional, importante ressaltar que nossas análises não são sistemáticas, mas sim interpretativas. Como uma pesquisa qualitativa, ainda que ancorada em categorizações e critérios bem definidos e estabelecidos a partir da multimodalidade, a análise empreendida neste trabalho leva em consideração interpretações possíveis e subjetivas dos vídeos em questão. Tais interpretações estão amparadas nos estudos de linguagem, midiativismo e masculinidades. A intenção de se formar um algoritmo de análise é praticar a replicabilidade da pesquisa, em uma espécie de guia ou orientação sobre como pode se caminhar em análises de vídeos como os aqui trabalhados.

O objeto de estudo e os vídeos analisados são melhores apresentados e descritos no capítulo “Objeto de estudo: *Creators for Change* e a série #HomemNegro do canal *Muro Pequeno*”. Nele,

apresentamos o projeto para o qual os vídeos foram produzidos, o canal responsável pela produção deles e as análises dos vídeos.

Para este trabalho, escolhemos a série de vídeos sobre Homem Negro que o canal produziu para o projeto *Creators for Change*, que reconhece e incentiva produções audiovisuais na plataforma que promovam a mudança social, principal cerne do midiativismo. A série é de cinco vídeos, veiculada em 2018 na semana da consciência negra, data comemorada no dia 20/11. Como recorte, escolhemos o primeiro e o último vídeo da série, por entendermos que se trata de uma linha narrativa de construção de pensamento que culminaria no sentido ativista de construção de conhecimento a partir da informação trocada no decorrer das produções e suas visualizações.

Assim, no capítulo “‘Mais do que uma conversa, uma convocação’: olhares sobre a multimodalidade na construção de masculinidades midiativistas”, aprofundamos as análises dos dois vídeos, que seguem certa padronização de critérios a fim de facilitar a comparação e a discussão sobre o que conseguimos observar. Essas considerações são feitas a partir do que apresentamos nos capítulos teórico-metodológicos, a partir do critério de replicabilidade da pesquisa e da definição de metodologia que orienta os trabalhos em sua prática.

Em decorrência disso, discutimos o que observamos em ambos os vídeos sob o prisma das masculinidades, culminando no midiativismo, no capítulo “Multimodalidade e masculinidades que evocam sentidos ativistas: o que as análises podem nos mostrar?”. Esse capítulo se subdivide em dois tópicos: i) As relações dos significados multimodais; e ii) Masculinidades em debate.

Em (i), apresentamos quadros analíticos que resumem nossas observações feitas a partir das análises do capítulo anterior, em que estabelecemos os mesmos critérios para os dois vídeos, a fim de analisar, a partir de seu contexto descritivo, o modo de linguagem e como ele está presente no referido vídeo, significante e significado, em uma análise sociosemiótica a partir da multimodalidade. Ao apresentar um quadro para cada vídeo, relacionamos o que há em

comum e divergente entre as análises, a fim de identificarmos certa padronização ou, como é o caso, evolução da utilização dos aspectos multimodais no decorrer do debate.

Tais elementos multimodais, como já apontamos, representam e são atravessados pelas masculinidades, tema central da série de vídeos. Assim, discutir como as masculinidades se colocaram em debate nos vídeos (ii), a partir da linguagem multimodal e a fim de produzir sentido ativista, é o caminho desta publicação, em que entrecruzamos todos os conceitos, abordagens e metodologias que apresentamos ao longo do trabalho.

Por fim, considerando que a caminhada não termina, mas que impulsiona para outras explorações, abordamos, em “Por caminhos infundados: impressões que a travessia nos permite observar”, algumas discussões que podem ser suscitadas a partir deste trabalho, além do apanhado de possibilidades de respostas e perguntas que construímos durante esta travessia que se inicia nestas páginas. Pois, como o próprio nome desta seção indica, aliada à última deste trabalho, travessias não terminam, como canta Milton do desejo de não parar.

2. LINGUAGEM E(M) REDE DIGITAL: PRODUÇÃO E (RE)ESTRUTURAÇÃO NO CIBERESPAÇO E AS NOVAS PRODUÇÕES (MIDI)ATIVISTAS

E aquilo que nesse momento se revelará aos povos
Surpreenderá a todos não por ser exótico
Mas pelo fato de poder ter sempre estado oculto
Quando terá sido o óbvio
Um índio – Caetano Veloso

Historicamente e considerando as estruturas de poder nas quais nossa sociedade está inserida, grupos minorizados têm seus espaços de fala ceifados e abafados por grandes conglomerados midiáticos para a manutenção de poder por parte dos grupos que representam a hegemonia social. Nos discursos midiáticos ou midiáticos, essas vozes ainda foram silenciadas ou não encontraram espaço, tendo suas mensagens ocultadas por sistemas de dominação e distribuição. Daí, suscitam algumas perguntas: Quem fala por quem? Quem tem acesso a espaços de discursos? A quem tais narrativas representam?

Com o passar do tempo, com alterações nos processos comunicacionais em um todo e com o acesso a tecnologias e possibilidades de comunicação e expressão, a realidade parece caminhar em busca de outras saídas, representativas e representantes, a fim de se mostrar aquilo que estava oculto, embora óbvio, como nos remete a epígrafe deste capítulo, escrita por Caetano. As narrativas autorrepresentativas ganham alcance e conquistam espaços que já deveriam existir, mas lhes foram tomados – os que estavam ocultados se revelam aos povos.

Assim, produtor e receptor (considerando a classificação binária tradicional) se misturam com a possibilidade de ampliação de vozes e debates que essa reconfiguração discursivo-espacial permite. É nesse contexto de hibridismo das instâncias de comunicação refletindo nas práticas de conteúdos midiáticos (Lévy,

1998) que o *YouTube* figura como mídia agregadora de conteúdos (Burgess; Green, 2009) e produto participativo da cultura de convergência na qual estamos inseridos (Jenkins, 2009). O site iniciou suas atividades em 2005, ainda como repositório de vídeos já em circulação e de outras mídias, tornando-se, anos depois, um espaço para representação do próprio internauta. O *YouTube* passa, então, a se definir como uma plataforma destinada à expressão pessoal, algo que podemos perceber pela autodefinição da mídia: seu slogan é “Broadcast yourself” (“Transmita-se”, em tradução livre). Tal característica é importante para nosso estudo, na medida em que “coloca o *YouTube* no contexto das noções de uma revolução liderada por usuários que caracteriza a retórica em torno da Web 2.0” (Burgess; Green, 2009, p. 21).

No entanto, é importante destacar que não dividimos a idealização da Internet como espaço amplamente democrático em sua forma mais ingênua, como acreditava Levy (1998) no início de suas pesquisas. Ressaltamos que sabemos que ela privilegia certos grupos e acaba sendo um espaço de manutenção hegemônica (Machin; Van Leeuwen, 2016), como *Google* e *Meta*, por exemplo, que detêm o poder e controlam as ações e usos na rede. Ainda assim, concordamos com Levy (1998) quando o autor observa a possibilidade de acesso e produção de conteúdo para sujeitos que antes não estavam inseridos em ambientes midiáticos. É nessa seara, portanto, que caminha nosso referencial teórico proposto neste capítulo.

Nesse espaço considerado democrático de criação e circulação de conteúdos, é importante ressaltar o conceito de ecologia dos meios, trabalhado por Scolari (2015), que considera o uso da linguagem nas diferentes mídias, incluindo a digital. Nesse contexto, consideramos a Internet como parte do processo comunicativo do qual o ser humano se apropria e, também, como parte das formas de veiculação e reprodução de discursos e de representações por meio da informação e das diversas linguagens que o ciberespaço permite. Assim, a metáfora sugerida por Scolari (2015) engloba dois sentidos em relação aos meios: i) o sentido de

ambientes, tendo a mídia como tecnologia que gera situações e contextualizações dos sujeitos inscritos nelas; ii) o sentido de espécies, que, como tais em estudos biológicos, precisam de se adaptar para garantir suas sobrevivências.

Destacamos essa definição como ponto chave da classificação do *YouTube* como mídia e da relação das mídias com o ativismo, proposta desta pesquisa. A primeira interpretação nos permite analisar os vídeos em relação à subjetividade de quem o produz e o impacto que tal produto pode gerar na instância receptora (Martín-Barbero, 1997; Gómez, 2005). Isso ocorre porque os vídeos partem de uma seara pessoal, mas se enquadram em um ambiente público que visa uma transformação social mais abrangente na sociedade na qual estão inseridos e circulam. Já em relação à adaptação das mídias na atualidade, acrescentamos a ideia de convergência midiática, trabalhada por Jenkins (2009), nesse processo. O autor já alertava que “estamos entrando numa era de longa transição e de transformação no modo como os meios de comunicação operam” (Jenkins, 2009, p. 148). Dessa forma, altera-se o fluxo de conteúdo pelas plataformas presentes e propostas pela convergência de mídias, que passa a contar com a participação ativa dos sujeitos envolvidos na cadeia produtiva.

Importante destacar que a convergência não é um fenômeno novo. Ela ocorre naturalmente no processo de interligação e relação feitas pelo ser humano. A principal contribuição dos aparatos midiáticos, nesse cenário, é a aceleração do processo de conexão entre conteúdos, interações e experiências. Dessa forma, o homem passa a utilizar as mídias como um catalisador dessa convergência interna, a partir de informações que são transformadas em recursos de consumo midiático. A materialização de todo esse processo é perceptível (e mais palpável atualmente) nas novas mídias em que convergem esses conteúdos, incentivando a interação do consumidor, mas sem ignorar as mídias tradicionais. De acordo com Jenkins (2009), a convergência midiática é o encontro, e não a exclusão das velhas e novas mídias, sendo, portanto,

(...) fluxo de conteúdos através de múltiplas plataformas de mídia, cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação (...) definindo transformações tecnológicas, mercadológicas, culturais e sociais (Jenkins, 2009, p. 30).

Tal definição pode ser aplicada no nosso *corpus* na medida em que os vídeos em análise, como veremos mais adiante, fazem referência a conteúdos de outras mídias, visando mudanças na sociedade. Tal circulação, pontua o autor, é decorrente da maior participação ativa dos receptores, que passam a procurar mais informações em diferentes meios, indicando uma transformação cultural a partir dessa nova relação que se estabelece com as novas mídias, potenciais produtores de conteúdo.

Com essa alteração no consumo midiático, a comunicação passa a ser mais voltada, então, a esse novo público. Para Jenkins (2009), esse novo público apresenta, dentre outras, as seguintes características: i) é ativo, ou seja, pode produzir seu próprio conteúdo e interagir/questionar o produto que consome; ii) é migratório, já que tem uma gama de conteúdos e meios para desfrutar a liberdade que a Internet prega sobre a navegação de diversas plataformas; iii) é mais conectado socialmente com o mundo, uma vez que não se limita a espaços territoriais, expandindo sua rede de contatos a partir de afinidades e interesses divulgados no ciberespaço, considerando esse ambiente propício para (e que incentiva) tal propagação; iv) é público e “barulhento”, ou seja, capaz de divulgar, enaltecer e publicizar o conteúdo que consome, tanto para o bem quanto para o mal, atingindo outros públicos que, até então, não eram alvo da publicação original.

É nesse sentido que podemos relacionar a convergência midiática com o surgimento e crescimento do *YouTube*, observando, também, a prática midiativista atual. Jenkins (2009) reconhece o poder que a Internet deu a pessoas comuns que, antes, na mídia tradicional, não encontravam espaço para que suas vozes fossem ouvidas ou conseguissem produzir o próprio conteúdo. Assim, o cidadão pôde, enfim, “expressar suas ideias, fazê-las circular diante

de um público maior e compartilhar informações na esperança de transformar nossa sociedade” (Jenkins, 2009, p. 355).

Exemplo dessa ampliação no alcance e na possibilidade de produção de conteúdo é nosso *corpus*, visto que o canal em análise não pertence a grandes conglomerados político-econômicos nem empresas midiáticas, sendo feito por uma pessoa comum da sociedade civil que, anteriormente, poderia não ter conseguido um espaço para que sua mensagem fosse veiculada. Nesse contexto colaborativo e livre, o *YouTube* estimula essas novas maneiras de expressão e promove maior visibilidade a essas mensagens, tendo em vista seu domínio público e alcance mundial, afastando-se da comunicação direcionada e fechada comum a tal tipo de conteúdo.

Dessa forma, podemos destacar três papéis fundamentais exercidos pelo *YouTube* (Jenkins, 2009), que nos são caros para a delimitação do nosso objeto e na análise feita posteriormente: i) reúne, no portal, diversas comunidades independentes que produziam seus conteúdos individualmente e de maneira segmentada, obtendo, portanto, maior visibilidade, interação e colaboração entre esses grupos e, também, com os consumidores; ii) funciona como arquivo de mídia, como espaço de memória e possibilidade de divulgação de conteúdos que encontram, na plataforma, maior tempo de exposição frente a perenidade na comunicação linear feita anteriormente; iii) relação com outras redes sociais digitais, com fácil compartilhamento, incorporação em outras plataformas, refletindo, portanto, em maior propagação do conteúdo em diversos outros espaços midiáticos on-line, tornando-se uma “mídia espalhável” (Jenkins, 2013) que se dá a partir da ação do usuário, valorizando, então, a participação e interação com o receptor, que passa a ser, de certa maneira, também produtor e canal de distribuição de conteúdos.

Dessa forma, a participação ocorre em três níveis: produção, seleção e distribuição. O *YouTube* é capaz de unir todas elas em uma só plataforma, valorizando outros produtores que não as grandes empresas de mídia, promovendo “modelos alternativos por meio

dos quais a cultura é produzida e distribuída” (Jenkins, 2009, p. 358). Assim, tal distribuição permite, também, a criação e reformulação de sentidos, a partir desses novos tipos de conteúdo, aproximando-se, portanto, do Midiativismo.

A utilização de meios de comunicação como meios educativos não deve se reduzir ao seu uso como objeto. Sobressalente ao papel industrial relacionado à comunicação, impulsionado pelo seu papel principalmente nos períodos de guerra e pós-guerra, a mídia pode se apropriar de sua tecnicidade e poder receptivo para auxiliar nas formações sociais, não só como instrumento político, mas principalmente considerando seu potencial cidadão (Peruzzo, 2005; 2007; 2013).

Baseado nesses aspectos, consideramos salutar a escolha pela denominação de Midiativismo, não se restringindo ao ciberespaço, ainda que esse seja o recorte. Fazemo-lo por considerar tais produtos como mídias que podem ser formativas, baseados, também, no conceito de Midiativismo sobre o qual nos ancoramos. Ademais, salientamos a hibridização dos espaços, on-line e off-line, também como aspecto sócio-cidadão dessa mídia.

Nesse contexto, consideramos, portanto, a “dimensão ecológica” (Di Felice, 2017, p. 39) da comunicação. Principalmente impulsionada pelas constantes (e crescentes) inovações tecnológicas, a mídia tem se firmado mais como ambiente mutável e evolutivo, não só como meio ou instrumento para que a comunicação ocorra, pois “ao se falar em comunicação, deve-se falar sempre em ecologia ou, ainda, como proposto no contexto tecnológico contemporâneo, de forma análoga, em redes” (Di Felice, 2017, p. 41).

As tecnologias digitais proporcionaram e impulsionaram novas interações e arquiteturas de informação, envolvendo não só novos sujeitos como esses novos atores sociais, mas considerando, também, os dados e algoritmos como participantes desses processos comunicacionais. Algoritmos esses que visam fortalecer interações e contatos a partir de suas conectividades on-line, mas que podem extrapolar tais ambientes, com essa relação interpessoal

potencializada, antecipando alianças e identificações que podem servir de base para o (midi)ativismo (Machado, 2018).

Ainda que não seja esse o foco principal deste trabalho, é importante considerar essas redes interacionais no processo de difusão de informação e dos conteúdos midiativistas. Tal aspecto é relevante ao se considerar o alcance que esses vídeos aqui analisados podem ter a partir das relações e impulsionamentos provocados e incentivados tanto pela própria plataforma, que é o ambiente de negócios, quanto pelos seus usuários, que são os perfis sociais (Machado, 2018).

É nesse contexto que se inserem as redes sociais digitais, que objetivam facilitar a circulação de conteúdos e ideias. Nesse sentido, Di Felice (2017) aponta a relação dessas mídias com o ativismo na condição de possibilidade de expansão e maior divulgação de suas causas e lutas, com maior participação do público também na produção desses conteúdos. Nesse cenário, ele destaca o papel do *YouTube* para o “desenvolvimento das ações dos cidadãos individuais” (Di Felice, 2017, p. 182), na medida em que há maior colaboração e criação de conteúdos que expandem os ativismos já preexistentes.

Dessa forma, observamos que a horizontalidade e o grande alcance das redes permitem uma comunicação multidirigida, sem a necessidade do contato físico e voltada (em tese) para um sem-número de pessoas, sem especificidades e restrições. Essa característica favoreceu, também, além da criação de novos meios de comunicação, o fortalecimento do ciberativismo, já que amplia e difunde o debate que se pretende estabelecer.

2.1. Ressignificando o ativismo: práticas e reflexões midiativistas

A nossa indignação é uma mosca sem asas
Ela ultrapassa janela de nossas casas
Indignação indigna
Indigna inação
In(dig)nação – Skank

Quando a banda Skank entoava a canção da epígrafe deste capítulo em 1992, a realidade era outra. Muito utilizada nos protestos conhecidos como “caras pintadas”, que pediam o *impeachment* do então presidente Fernando Collor de Mello, a música trata da apatia do brasileiro perante tantos motivos para se indignar. Como uma mosca que não consegue voar, a revolta se internaliza e não ganha forças, ainda que tenha sido entoada em uma das maiores movimentações populares contra um político. Essa inação, considerada indigna na letra de Samuel Rosa, muitas vezes se aproxima do que popularmente é conhecido, atualmente, como “ativismo de sofá”.

Os tempos são outros, apesar da semelhança de problemas e de figuras políticas nos principais quadros de representação cidadã. A inação de outrora, figurada por uma mosca impedida de voar, ganhou asas. A dificuldade de se unir, estando cada um em sua casa, pôde ser superada a partir do contato on-line que estabelecemos atualmente. A indignação ganha asas, ainda que continue no sofá. Impulsionada pelo acesso às tecnologias digitais e espaços on-line, essa famigerada indignação ganha aliados, público, coro, voz e passa a impactar outras pessoas.

As conexões e novas interações permitidas e facilitadas pelas tecnologias de comunicação reconfiguraram também a ideia de participação social e o respectivo convívio em sociedade. A concepção de sociedade parte de princípios individuais potencializados, reconhecendo o “papel social da tecnologia da comunicação no interior dos processos de formação e não somente de transformação da vida das comunidades e dos indivíduos” (Di Felice, 2017, p. 20).

Tal concepção vai ao encontro da ideia de (in)formação inscrita no conceito de Midiativismo com o qual trabalhamos. Considerando, portanto, o impacto da tecnologia da comunicação na formação social (e política) do indivíduo, campanhas como as analisadas neste trabalho se inserem e desenvolvem esses papéis. Fundamental ressaltar que participação política, incluindo tais práticas midiativistas, é a base da democracia, em seu conceito de sistema e vivência social. E é nesse contexto que a Internet se insere como potencializadora de tais participações e interações, como preceito democrático de diversidade. Essa prerrogativa ampara nossa justificativa de considerar, neste estudo, o Midiativismo, e não o ciberativismo, uma vez que é importante firmá-los como produtos midiáticos, como ambientes e produtos de mídia, de comunicação, não se restringindo ao *status* de conexão on-line ou off-line (Antoun; Malini, 2013; Parente, 2014).

Nesse cenário de reconfiguração comunicacional por meio da tecnologia, é importante frisar o caráter social que a Internet presume, estimulando e reforçando laços e alianças sociopolíticas. Ainda que esteja guiada por interesses financeiros e comerciais, consideramos sumariamente importantes as relações e trocas de linguagens que se dão entre sujeitos, indivíduos sociais e políticos que estão em constante aperfeiçoamento e adaptação, não só aos meios em que circula, mas também às causas e pautas que defende, comenta e incentiva.

Dessa forma, Di Felice (2020) aponta que a circulação de informações não ocorre de maneira direcional em relação ao externo, mas fomenta o que chama de “sociabilidade habitável”, promovendo uma reconfiguração do ambiente digital para ambiente de interação, com novas formas de relações e movimentações sociopolíticas. Apesar de estar mais focado nos públicos internos ao ambiente on-line, acreditamos que é a partir desse processo que a linguagem se reconfigura, assume papéis multimodais que podem promover sentidos avançados que expurgam a força motriz que se buscou como base dessas interações sociais, o que nos leva ao

Midiativismo não só como fenômeno social, mas também de linguagem.

Nesse sentido de relações sociais on-line, ainda que seja necessário considerar a lógica mercadológica de engajamento, algoritmo e outros aspectos quantitativos dos quais os produtores de conteúdo se veem cada vez mais reféns atualmente, a fim de atingir mais públicos a partir da construção e fortalecimento de laços de influência digital, acreditamos que essas discussões não devem se reduzir a números, mas sim às possíveis interações que podem suscitar dali, principalmente para além do ambiente virtual. Entendemos que os laços sociais externos ao ambiente on-line podem migrar para este, como viemos observando na realidade brasileira desde 2013; principalmente, mas, mais que isso, podem fortalecer essas relações e incentivar mais criações de conteúdos que dialoguem com a luta e a crença externas, na produção de conteúdos de linguagem contra-hegemônica (Aragão; Freitas, 2015). Assim, parte-se do pressuposto que, mesmo em lógica comercial, são as relações que alimentam tais redes.

Considerando que as redes sociais digitais estão inscritas em uma lógica de relacionamentos, é importante destacar a intensidade dos laços estabelecidos nelas, comumente classificados como fortes e fracos, quando se pensa em interação em rede (Latour, 2012). Nós, nesta pesquisa, destacamos o poder desses laços e as interações previstas e possíveis nessas redes de potencializar a realização de trocas sociais, a partir da relação que se estabelece entre os ambientes on-line e off-line (Di Felice, 2020). Essa relação é fundamental para se trabalhar a ideia de Midiativismo, pois consideramos ativismo aquilo que se dá fora dos ambientes digitais, que pode culminar em transformações sociais, uma vez que a ação precede a mediação dela, no sentido do registro e midiaticização.

Nessa esteira, o autor também considera o conceito de capital social como norteador das relações estabelecidas nas redes sociais digitais. Ainda que não seja de nosso interesse, aqui, aprofundar nesses estudos sociológicos, apontamos as principais características

que nos dão pistas sobre o que podemos encontrar nessas interações e conteúdos, como questões relacionais, normativas, cognitivas, institucionais e confiança no ambiente social. Os aspectos cognitivos se referem à disseminação de informação e elaboração de conhecimento, ideias que se aproximam do que acreditamos ser parte do conceito e elementos do Midiativismo.

Nesse sentido, considerando a amplitude de possibilidades de contatos e formação de redes, Di Felice (2020) trabalha com o conceito de comunitarismo digital, que se define a partir da amplitude de laços físicos e de redes sociais digitais, “fazendo [dessas] redes um novo sistema operativo social” (Di Felice, 2020, p. 24). A partir desse novo sistema, as diversas formas e finalidades de interação se desenvolvem de maneira transubstancial, distanciando-se de seu objetivo inicial acerca da mera conexão ou de associação. Essas premissas se incorporam aos produtos midiativistas e, principalmente, aos sujeitos que o praticam. Isso porque a produção, cada vez mais individualizada, ainda que com potencial coletivo, resvala seus históricos, subjetividades e aspectos pessoais que se aproximam da identificação como um primeiro ponto de contato e ponte para que lutas e causas maiores tomem corpo.

2.1.1 Do ciber ao Net-Ativismo: as atualizações midiáticas (d)e lutas sociais

O termo Net-Ativismo origina-se da expressão “Networking Activism”, que prevê a interação mediada pela Internet. A criação do termo supera a ideia do ciberativismo na medida em que não restringe a Internet à ideia espacial, mas também à ideia de rede de contatos, interação e relação sociopolítica (Di Felice, 2017).

Mais do que redes de difusão e de informação, o ciberativismo prevê a construção de uma arquitetura própria de informação, considerando os atores sociais envolvidos, as redes de contato e de atuação, além da própria produção de conteúdo e reflexão crítica da realidade e sociedade, permitindo criar formas e métodos ativistas

específicos para esses espaços. No entanto, nessa fase inicial, o objetivo principal ainda era difundir e divulgar esses grupos, ideias e ações, ainda não se dedicando tanto às especificidades de relações e espaço que a Internet prevê e permite. Desse modo, a arquitetura de informação possibilitada por ela, principalmente considerando sua amplitude, ainda não era explorada em suas singularidades, mas sim como uma possibilidade de maior divulgação a partir das variadas conexões que vão além daquelas estabelecidas no mundo off-line.

Dessa forma, a sociedade em rede se caracteriza pela difusão de informação, flexibilidade de produção, lógica reticular, difusão e convergência das tecnologias de comunicação digital (Castells, 2013). Assim, tendo a informação como papel central para a criação e desenvolvimento do Net-Ativismo, Di Felice (2017) explica sua origem em três fases, a saber:

i) **Etapa preparatória.** Ligada ao surgimento da Internet, a partir da possibilidade de compartilhamentos de textos entre os usuários. Marca a passagem da mídia alternativa para a mídia participativa sem, necessariamente, a figura de um líder que comandasse essa transição ou ações midiáticas. Parte do consumo midiático para a interação nas mídias.

ii) **Etapa de Experimentação.** Com mais autonomia dos movimentos sociais, relações e identidades, situa no espaço-tempo de conflitos mediados pela Internet. Com a participação descentralizada, essa forma de se relacionar também impacta nos conflitos e relações entre esses usuários/participantes. Parte da interação proporcionada pela fase anterior à relação entre esses sujeitos que participam dessas mídias.

iii) **Redes Sociais.** As relações criadas e motivadas nas redes sociais deram espaço e possibilidade à promoção de movimentos de protesto, marcando mais fortemente a relação entre espaços digitais e sociedade “física”, causando forte impacto social e político, a partir de uma ecologia colaborativa. É a fase que mais se aproxima do que consideramos como Mídiativismo, uma vez que parte da relação que

se estabelece em ambientes digitais para ações tanto nas redes quanto fora delas.

Dessa forma, o autor considera *Facebook* e *Twitter* como “atores informáticos e de arquiteturas de interação” (Di Felice, 2017, p. 182), enquanto o *YouTube* se porta como site de compartilhamento de vídeos que “desenvolvem ações de cidadãos individuais, colaborando para a criação de ecologias net-ativistas” (Di Felice, 2017, p. 182). É nessa seara que o autor define o “Net-Ativismo” (Di Felice, 2017; 2020), termo que consideramos para este trabalho, mas que aprofundaremos no nosso distanciamento conceitual a seguir.

Denominamos essas diversas e complexas interações de “net-ativismo”, termo que exprime não somente o conjunto de interações colaborativas que resultam da sinergia entre atores de diversas naturezas, mas a comum condição digital que antecede e forma pessoas, circuitos informativos, dispositivos, redes sociais digitais e territorialidades informativas, apresentando-se, segundo essa perspectiva, como a constituição de um novo tipo de ecologia (eko-logos) não mais opositiva e separatista, mas expandida e portadora de uma substância comum que a torna reticular e conectiva. O elemento caracterizante desse tipo de interação é que esta acontece em um contexto ecológico informatizado, isto é, digitalizado e conectivo, num processo ecológico complexo e inédito, não apenas social e arquitetônico, mas expandido nos bits e nas redes, configurando-se como uma interação não somente associativa, mas também reticular conectiva (Di Felice, 2020, p. 28-29).

Como observado acima, o autor aborda o ativismo nas redes sociais digitais considerando o ambiente on-line uma nova ecologia social e midiática que, como tal, guarda suas especificidades relacionais e de características. Ademais, parte das relações que se estabelecem apenas entre os atores que ali estão e se relacionam, focando na conexão que tal espaço proporciona, sem, no entanto, questionar as vias em que essa rede se estabelece, tampouco os impactos externos que busca causar.

Assim, o autor classifica o Net-Ativismo em quatro tipos: i) Frontal, com ativismo exclusivamente on-line; ii) Imersivo, mais localizado, aprofundado, intenso, com certa frequência; iii) Dialógico, em que o digital e físico dialogam e se complementam,

em uma autorreferenciação; iv) Ecológico, considerando os atores biológicos e a expansão dos elementos “não-humanos”.

Nessa seara, Di Felice (2020) acredita que a ação não é do sujeito ou dos interlocutores, mas sim de como essas relações se dão no ambiente digital. Apesar de compreender a gama em que tal estudo nasce e se reitera, acreditamos, como proposto em parágrafos anteriores, que essas relações no ambiente digital não podem ser restritas a ele nem se dar de maneira isolada do ambiente externo. O caminho para que o Midiativismo ocorra parte dessa intersecção e interdependência relacional. A relação do ativismo com Internet, ilustrada aqui, é além do que as pessoas podem fazer ou como elas a utilizam, abrange, também, as relações que podem ser estabelecidas. O Midiativismo, então, mais do que o net-ativismo, deve superar essas relações já previamente estabelecidas e pensar em novas configurações de utilização das mídias e das relações a que os sujeitos estão submetidos, em uma nova cultura ecológica social numa ontologia relacional.

2.1.2 Midiativismo em vídeo – ou videoativismo

Como apontado ao longo deste capítulo, acreditamos que o Midiativismo é muito mais do que a representação ou a visibilidade de representatividade; é também a possibilidade de mais espaços e ambientes midiáticos para que as lutas ativistas possam ecoar. A reverberação nos espaços midiáticos é importante para que haja neles mais discussões nesse sentido, mas, além da mídia, é preciso considerar a mudança social visada pelo ativismo ao qual está ligado. Ainda assim, é na representação e busca por representatividade que muitos dos produtos midiativistas se ancoram, demandam espaços e tornam-se bases motivadoras para que se divulguem.

Considerando que nosso principal objeto de estudo é uma série de vídeos na plataforma *YouTube*, que impulsionou ainda mais a produção audiovisual de maneira mais acessível (Aragão, 2013),

discutiremos, aqui, algumas características de produções em vídeo que contribuem, também, para sua classificação como produto midiativista. A considerada democratização de acesso e produção de conteúdos permitiu maior impulsionamento de discursos e linguagens nas variadas mídias, tanto como suportes, quanto como produtos discursivos. Esse processo, centrado no sujeito, potencializa o poder transformador que as mídias carregam, por evidenciarem comunidades e discursos que antes estavam marginalizados, e por se ancorarem na representação e na representatividade.

A questão da comunicação é tratada muitas vezes do ponto de vista dos direitos individuais – direito à informação; direito de expressão. Naturalmente ela tem essa dimensão, e não se trata de minimizá-la. Mas ela deve ser tomada, sobretudo, do ponto de vista mais coletivo. É através da palavra, da construção de projetos e lugares de fala que os grupos sociais acedem ao universo das representações – e constroem sua identidade. Nós nos damos a conhecer, dizemos quem somos – e nos construímos e reconhecemos enquanto tais – através dos discursos que proferimos. As identidades se constroem discursivamente, isto é: identidades são falas, discursos que dão visibilidade (projetam) traços de caracterização e de unificação, provocam compartilhamento – e por aí também estabelecem tanto os pares quanto os não iguais. Processos identitários estabelecem tanto as semelhanças e os semelhantes quanto à diferença e os diferentes – o outro (França, 2001, p. 04).

É nesse sentido coletivo que ancoramos nossa definição de Midiativismo e de construção identitária, a partir e para grupos que estão ali representados. Os discursos são potencializados e amplamente divulgados, com seu teor contra, representando uma possibilidade de mídia alternativa que, mais do que uma lógica comercial ou uma divulgação, seja processo, ambientes, discursos e representações.

Dessa maneira, produções audiovisuais são incentivadas e possibilitadas pela popularização de conteúdos, uma vez que esse tipo de produto conta com diversas ferramentas e linguagens que visam sensibilizar o espectador, abrindo mais perspectivas de atuação para além de seu ambiente midiático de circulação,

atingindo outros públicos e pessoas que não seriam pensadas e direcionadas a priori. Historicamente, produções audiovisuais retratam realidades e lutas da sociedade, em função de sua capacidade de intervenção social, de incentivar e debater mudanças.

Essas possibilidades de atuação também podem resultar em didatismos, tendo os vídeos como instrumento de lutas e debates. A consequência didática aproxima o videoativismo da proposta conceitual de Midiativismo, mas afasta-se dela, concomitantemente, ao considerar apenas uma mídia e, mais que isso, a forma como o produto é realizado. Logo na apresentação do livro “Videoativismo: câmera de mão de ação política”,¹ o videoativismo é classificado mais como registro de movimentos sociais e ativistas, como em manifestações episódicas. Essa definição do termo acaba por não abarcar uma produção previamente elaborada e construída discursivamente, de maneira aprofundada e estudada, para conseguir chegar aos fins ansiados.

No entanto, Mateos e Rajas (2014) consideram o videoativismo uma prática social utilizada como recurso de intervenção política. Destacamos, aqui, a prática social supracitada inserida nos estudos da Linguística Aplicada, área em que este trabalho está inserido. Não obstante, os autores salientam o papel informativo desses produtos, aproximando-se do jornalismo com características televisivas. Ademais, destacam a força político-partidária a que videoativismos comumente estão relacionados.

Seja como for, o videoativismo sempre acontece fora do sistema de produção industrial hegemônica e torna visível uma abordagem, um argumento, um fato ou uma interpretação de coisas que o poder dominante preferiria não formular, isto é, que é uma alternativa ao que o poder vigente comunica através dos canais convencionais (Mateos; Rajas, 2014, p. 46)².

¹Tradução livre para “Videoactivismo: acción política cámara a mano”

²Tradução livre para “Sea como fuere, el videoactivismo siempre se desarrolla fuera de los esquemas de la producción industrial hegemónica y para visibilizar un planteamiento, un argumento, un dato o una interpretación de las cosas que el poder dominante preferiría que no se formulara, es decir, que es una alternativa a lo que el poder constituido comunica por las vías mainstream”.

Trazendo para a realidade brasileira na última década, nas manifestações de 2013, eclodiram videoativistas que registraram, na contramão da cobertura jornalística tradicional, a violência corporativa policial na repressão dessas manifestações. Seguidas dos movimentos contra a realização da Copa do Mundo de 2014, sediada no Brasil, as práticas midiativistas por vídeo ganharam força tanto como cobertura midiática em tempo real quanto como uma “arma” ativista, como um instrumento de registro e denúncia, ampliando as denúncias ali aclamadas (Braighi, 2016). Esses registros videoativistas ganham destaque por seu caráter autêntico, intitulado-se documentação do que a grande mídia não mostrou, fluindo a partir da multidão na qual esses sujeitos estão inseridos e a qual buscam representar (Sousa, 2017).

2.1.3 Midiativismo como processo: do fenômeno midiático à definição teórica

Para buscar a conceituação do termo Midiativismo, devem-se considerar essas novas formas de produção de conteúdo, incentivada, principalmente, pelas novas TICs e pela sua intrínseca relação com as novas formas de militância (Braighi, 2016). Considera-se, então, que o ativismo atual pode ter “se apropriado” dessa nova configuração midiática na expansão de seus ideais, alcance e a luta propriamente dita. Dessa forma, Meikle (2002, apud Hug, 2012) acredita que o Midiativismo é capaz de abranger essas outras formas de apropriação de mídia, que eram consideradas incompletas e temporárias.

Para a construção de conceito, tomamos como base os estudos da pesquisadora italiana Alice Mattoni (2013). Ela faz a distinção entre o ativismo na mídia, o ativismo sobre a mídia e o ativismo pela mídia. Segundo ela, o “ativismo na mídia” ocorre quando as tecnologias de informação são usadas como espaço de produção de conteúdos que objetivam a mudança almejada, além de ser uma forma de divulgação de vozes antes silenciadas.

A autora considera o movimento da contracultura exemplo dessa forma de ativismo, já que procura questionar e combater a cultura dominante, atualmente impulsionada pelas novas tecnologias, que facilitam tal processo, como a *Adbuster Media Foundation*. A associação, fundada no Canadá em 1989, mantém uma revista e se define como espaço de resistência contra a cultura do consumo ao qual o mundo está inserido, realizando, portanto, o “ativismo na mídia”.

Já o “ativismo sobre a mídia” abarca os movimentos sociais (nacionais ou internacionais), como espaço de conexão entre eles e a ação política propriamente dita, com a possibilidade de resultar (e provocar) ações ativistas fora das mídias. A autora cita o *site Wikipédia* como exemplo, já que permite a produção de conteúdo público *on-line*, em que todo internauta pode criar e editar informações que lhe são caras. Como rede de conexão, podemos considerar o espaço de redes sociais digitais, que promovem e facilitam essas conexões entre indivíduos e grupos, além de outras redes que surgem com o avanço da tecnologia, principalmente móvel.

Por fim, o “ativismo pela mídia” é considerado como um processo de mobilização, resultando no uso que os ativistas fazem das mídias, tendo em vista seus objetivos e modos de “servir” aos movimentos aos quais estão inseridos, seja na cobertura de protestos, seja na prática midiativista. Destacamos aqui o fator de pertencimento a algum movimento social, o que nos faz distanciar dessa definição para nosso trabalho. A autora destaca a facilidade que as novas tecnologias de informação trouxeram para esse registro e produção de conteúdo, principalmente com os *smartphones* e o acesso à *Internet* e redes sociais digitais, o que leva o usuário a praticar o Midiativismo ainda que não se considere um ativista. Um exemplo clássico dessa prática foi a Jornada de Junho de 2013, além de seus desdobramentos como as manifestações acerca da Copa do Mundo de 2014 (Braighi, 2016).

Considerando, portanto, essas definições apresentadas por Mattoni (2013), nossa pesquisa converge esses três pontos, criando

um possível conceito próprio a partir da observação da prática. Acreditamos ser “ativismo na mídia”, pois os *YouTubers* utilizam as tecnologias de informação para produzir conteúdos que visam e promovem a mudança social (como reconhece o projeto *Creators for Change*), além de o *YouTube* ser um espaço considerado plural com a possibilidade da disseminação (e representação) dos ideais e ideias desses sujeitos e grupos que não encontravam espaço e oportunidade de divulgação nas mídias tradicionais. Também pode ser considerado um “ativismo sobre a mídia” se considerarmos o *YouTube* um ambiente midiático em rede, permitindo conexão com outros canais e alcance a partir desse relacionamento em redes que a Internet permite e proporciona (Castells, 2013). Já o “ativismo pela mídia” abarca o uso das mídias para alcançar o público e os objetivos desejados daquele sujeito produtor.

Assim, nessa lógica, podemos observar características presentes nas três definições no objeto de estudo em que nos dedicamos a refletir, uma vez que é um conteúdo produzido a partir da tecnologia de informação, encontrando espaço para divulgação de seus discursos por meio das redes de conexão, firmando-se, portanto, como um meio de luta de determinado movimento ou sujeito ativista.

Com base no que apresentamos até então, concordamos com o que Meikle (2010) acredita ao defender o conceito de intercriatividade³, que aposta na capacidade dos usuários da Internet em criar conteúdos próprios e fazer circular entre eles. A análise do autor parte, então, para quatro aspectos: textos, táticas, estratégias e redes. Os textos são releituras dos conteúdos que já existem; as táticas são as novas formas de protesto; as estratégias tomam como norte a mídia alternativa; e as redes fazem referência à Internet e as conexões que suscitam dela, provocando maior participação e interação, remodelando as mídias atuais.

Em trabalho anterior (Braighi; Câmara, 2018) discutimos e buscamos formular o conceito de Midiativismo, elencando o que a

³Tradução livre para *intercreativity*.

literatura já aborda e consideramos convergir e divergir daquilo que acreditamos ser o conceito, ainda em formação e discussão. Eusebio (2016) ressalta a importância da Internet na prática midiativista, já que o define como “a teoria do ativismo que utiliza a mídia e as tecnologias de comunicação para os movimentos sociais e políticos” (Eusebio, 2016, on-line). No entanto, acreditamos que o termo “mídia” alcinha outros aparatos midiáticos além da Internet, ainda que este seja nosso objeto de estudo central.

Nessa esteira, concordamos com Huesca (2008) em relação à ação midiativista, que é produzida pelas ondas do “rádio, televisão e (em) outras práticas midiáticas que têm como objetivo a mudança social, geralmente se engajando em algum tipo de análise estrutural preocupada com as formas de poder e a reconstituição da sociedade em arranjos mais igualitários” (Huesca, 2008 apud Hug, 2012, p. 275)⁴. Essa definição é a que mais se aproxima do que consideramos Midiativismo e do que nos baseamos para a construção do conceito e da análise que buscamos traçar neste trabalho.

Ainda nessa linha, Sartoretto (2016) acredita que o Midiativismo nasceu por causa da necessidade de representação de grupos que antes eram silenciados ou invisibilizados na grande mídia, um reflexo do apagamento social. Para a autora, o Midiativismo se valeu, então, como um espaço de discussão e troca de informações (Sartoretto, 2016).

Compreendemos que tal aspecto pode ser considerado uma (das muitas) característica do Midiativismo, levando em conta seu histórico de criação e diversidade midiática. Ou seja, ainda que a representação e a representatividade sejam aspectos importantes e sempre muito presentes nas práticas midiativistas ao longo do tempo, acreditamos que elas não sejam o sinônimo do termo nem uma característica definidora dele. Ao longo da história, é possível

⁴Tradução livre para “Activist media are radio, television, and other media practices that aim to effect social change and that generally engage in some sort of structural analysis concerned with power and the reconstitution of society into more egalitarian arrangements”.

observar práticas midiativistas que não visam a representatividade, assim como outras práticas representativas que não promovem o ativismo. Ainda nesse contexto social e de representação, Carroll e Hackett (2016) entendem que são diversas as causas ativistas que se valem das mídias e que, talvez por isso, a indefinição do que é o Midiativismo ainda seja uma questão que instiga pesquisas (como a nossa).

Portanto, acreditamos que o Midiativismo seja mais do que a mera junção das palavras e a simples utilização das mídias para finalidades ativistas. O Midiativismo ocorre a partir da intervenção e utilização do sujeito que o interpela, o midiativista. A partir do uso que ele faz das mídias, devem ser levados em consideração os aspectos técnicos que insurgem dessa prática, além das especificidades da linguagem, de produção e interação da construção narrativa que se propõe a fazer. Destacamos esse fator pois é o fio condutor da nossa pesquisa, na medida em que analisamos o discurso multimodal utilizado como prática midiativista, o sujeito que o produz, as relações e conexões em rede que se insere e a recepção desses produtos midiáticos.

Nesse sentido, considerando e valorizando o papel do sujeito produtor para o Midiativismo, elencamos cinco características e definições acerca do Midiativismo em si, como um todo, não aplicado, ainda, a nosso objeto de pesquisa (ou *YouTube*). No entanto, julgamos conveniente trazer, aqui, alguns desses esclarecimentos que elencamos na obra anterior já citada (Braighi; Câmara, 2018). O Midiativismo, baseado no conceito de ativismo (Jordan, 2002), presume a solidariedade. Ou seja, as ações não visam o desenvolvimento de causas individuais, mas um sentimento altruísta pertencente a um grupo maior, que transcende necessidades pessoais. É nesse ponto que podem estar presentes a representatividade e a representação, ainda que não se limite a elas.

Para se constituir como Midiativismo, o produto deve ter um propósito, um objetivo para o qual ele foi criado. A mudança social pretendida, mesmo que não esteja óbvia no processo de produção

dos conteúdos como objetivo principal e único, deve perpassar os discursos que a compõem, além de ser observável na troca com os receptores, na construção de sentido dialógica. Ou seja, ainda que seja utópica a mudança de toda a sociedade, a produção que objetiva atingir outros sujeitos e/ou promover reflexões e discussões que, somadas e em longo prazo, podem visar a mudança social, pode ser considerada um exemplo de Midiativismo.

Nesse contexto, assumimos que o Midiativismo, na condição, também, de prática do registro midiático, atua e se conceitua a partir de cinco frentes que visa potencializar (Braighi; Câmara, 2018):

i) **Conhecimento.** Ainda que não seja o papel e o objetivo principais da prática midiativista produzir e construir os diversos tipos de conhecimento, acreditamos que, com a divulgação de pontos de vista distintos dos que observamos em larga escala nas mídias tradicionais, além do posicionamento que representam os grupos antes marginalizados, essa máxima pode ser alcançada. Ademais, em uma lógica de construção de conhecimento a partir das experiências e troca dialógica, o Midiativismo pode se portar como uma fonte alternativa desses conhecimentos sociais, com informações novas e críticas que visam maior reflexão conjunta.

ii) **Informação.** O Midiativismo é um ótimo meio de divulgação de informação, independentemente da plataforma em que essa distribuição ocorre. Assim, os midiativistas são responsáveis por disseminar informações, muitas vezes, ignoradas pelos grandes conglomerados de mídia. Exemplos disso seriam as transmissões de manifestações a partir do olhar de quem participa ativamente daquele movimento. A cobertura subjetiva e pessoal se torna uma forma de divulgar essas informações de um modo alternativo, como observamos nas Jornadas de Junho de 2013 (Braighi, 2016; Custodio, 2018) e na ascensão de coberturas que seguem esse modelo.

iii) **Presença.** Uma das características do Midiativismo é estar e se mostrar presente no movimento que retrata. Ampliando o conceito de presença, considerando nosso objeto de estudo, gravar um vídeo no *YouTube* sobre a presença do homem negro nas mídias é uma

forma de demarcar e se inserir no debate, posicionando-se, mostrando-se presente na discussão que objetiva fazer.

iv) **Resistência.** Esta, talvez, seja a frente que mais se delimita atualmente, já que os midiativistas ressaltam que os conteúdos que produzem são formas de se colocar como resistência frente às mazelas sociais e impeditivos políticos. De maneira combativa, é uma característica do *front* midiativista, transformando a causa em discurso, que, a partir das performances empreendidas, tonifica a luta em empreender resistências.

v) **Defesa.** O Midiativismo é além da ação combativa, do ataque, da ação tempestiva. Midiativismo é também promover estruturas que possam servir de defesa, não só ideológica e política, mas também social e midiática. Social pois a partir de produtos midiativistas no ciberespaço, por exemplo, é possível formar redes de apoio em torno daquela causa, unindo sujeitos que se identificam com tais representações discursivas e ativismo mediado. Já a defesa midiática ocorre na medida em que o midiativista está resguardado na narrativa que empenha, com a possibilidade de usá-la como prova e argumento no caso de ataque, resvalando-se da mídia com a funcionalidade arquivística.

Dessa maneira, percebemos que o Midiativismo pode conter várias frentes, características, o que leva a diferentes possibilidades de definição. Acreditamos, portanto, que o conceito em construção não é único, fechado, mas sim adaptado e referente ao produto que se busca analisar e tomar como base. Concordamos com Bentes (2015) que o Midiativismo se valida, também, pela experimentação de linguagens, narrativas e modos de expressão, questões que nos são caras para esta pesquisa.

Por fim, vale ressaltar que diferenciamos do ciberativismo, ainda que estejamos analisando produtos midiáticos no ciberespaço. Além disso, a valorização já observada do sujeito na produção desse Midiativismo, uma vez que seu sentido passa por uso de linguagens, mídias, dentre outras mediações.

Para nós o ativismo em rede se diferenciaria do Midiativismo. Enquanto o primeiro se serve dos dispositivos tecnológicos e da *Web* para a sua emergência, o segundo serve ao ativismo, que, transmitido/registrado ou não, mantém a métrica de intervenção social, ao passo que o primeiro, sem a *Web*, não existe (como conceito). A função mídia, no interior da militância, avigora a causa, mas não a determina, ainda que o dispositivo *Web* lhe entrecruze com seus vergalhões de conformação. O que é decisivo é o comportamento do midiativista, ao se inscrever nos acontecimentos em curso, (inter)mediando e registrando sua narrativa. Decorre dessa postura o Midiativismo e não o contrário, compreendendo mais o lugar do indivíduo do que das instituições, grupos ou coletivos, como sempre lembramos. Em outras palavras, o mais importante, afinal, é o comportamento do sujeito, na expressão maior que esse outro conceito tem (Braithi; Câmara, 2018, p. 40).

Tendo em vista o comportamento do sujeito midiativista, como ele constrói o produto midiativista e os sentidos narrativo-discursiva do Midiativismo, é fundamental que nos atentemos, no nosso caso, ao vídeo como produto midiático-discursivo, considerando seus múltiplos modos de linguagem e os sentidos que emergem a partir dessa análise. Para tanto, o *YouTube* figura como aparato midiático e meio de divulgação de ideias e ideais, além de uma possível prática para o Midiativismo, considerando sua consequência, não apenas o modo de fazer. Dessa forma, partimos do pressuposto de que o Midiativismo visa a mudança social, a partir de problematizações que se dão e são incentivadas nos vídeos do *YouTube*.

Considerando as classificações apresentadas aqui, os vídeos que analisaremos distanciam-se dessas definições por serem registros e produtos de movimentos sociais. Ainda que acreditemos que produtos midiativistas devam ser pensados e representados coletivamente, não os consideramos somente como parte de atuação de movimentos e grupos sociais organizados, como apontamos neste capítulo. No entanto, transitar por essas classificações acerca do videoativismo nos fez perceber características e peculiaridades do formato e da mídia, principalmente em relação ao sentido da representação e da representatividade dos sujeitos que os produzem.

É nesse contexto que o tema de masculinidades negras se insere, não só como tema de discussão dos vídeos a serem analisados, mas também como pauta social a qual se busca debater, aprofundar e incentivar reflexões e mudanças sociais, como abordaremos a seguir.

3. MULTIMODALIDADE E CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS: AS MÚLTIPLAS REPRESENTAÇÕES DAS MASCULINIDADES

Colhendo flores pra não colher lágrimas
Chorei sentado na estação
Cansado de ser forte, me sentindo atrasado
E lembro que expus meu corpo pra guardar minha mente
E o menos tenso é rir por extenso
Pra quem eu nunca vou abrir os dentes
Essas palavras são armas de analfabeto, flores aos mestres
Estudo dos doc, mas vivo à procura de palavras mágicas
Rico Dalasam – Expresso Sudamericah

Enquanto as palavras mágicas do trecho da epígrafe deste capítulo não existem, as linguagens nos dão outros modos de expressão que visem demonstrar os sentimentos, forças e maneiras de existir no mundo. Assim como o rapper sinaliza, expressar a virilidade e a seriedade são algumas das características esperadas pela sociedade. No caso específico dos homens negros, tais características soam como fardos que eles se sentem na obrigação de carregar, dado o resgate histórico e a representação do que esperam que sejam.

Ainda que não aprofunde em questões de negritude nem de masculinidade, a música que abre este capítulo nos incita à reflexão: quando não se encontra as palavras mágicas, a quais linguagens pode-se recorrer para expressar aquilo que lhe toma o peito e a mente? Mesmo que sem respostas prontas diretamente, abrimos aqui o debate de outros modos de linguagem a fim de representar as masculinidades às quais fomos impostos e, por outro lado, que buscamos ressignificar e exercer.

É nesse sentido, portanto, que a multimodalidade figura não só como opção e modos de dizer e expressar sentimentos, como a música indica, mas também como arcabouço teórico-metodológico

deste trabalho, a fim de identificar como essas construções do que é ser homem perpassam a linguagem. Assim, é fundamental buscar compreender o que forma essas representações a partir do discurso que é proferido, e a maneira plural em que ele se expressa, assim como a realidade diversa que ele representa.

Para realizar uma análise multimodal do discurso, devemos levar em consideração o contexto em que ele está inserido e suas interações, na condição de um componente de uma ação social, construindo significados (Norris, 2002; Kress, 2016; Van Leeuwen, 2016). É a partir desse contexto que se estrutura o discurso e os aspectos multimodais que o constituem. Tal fato é importante para nosso estudo, pois nos permite compreender a condição de produção do discurso digital audiovisual, ou seja, os vídeos que são veiculados no ciberespaço como produtos discursivos complexos (Norris, 2006). Tais vídeos são constituídos por diversos elementos multimodais que permitem diferentes sentidos construídos e escolhas de ações múltiplas. Norris (2002) acredita que, para realizar a análise desse material, pode-se utilizar a transcrição multimodal, considerando o signo, o significado e o significante, em uma aproximação semiótica. Tal concepção nos é cara como metodologia de análise, como veremos a seguir, na caracterização dos aspectos multimodais e seus sentidos produzidos a partir da interação entre produtor e receptor, levando em consideração a autonomia da instância receptora, como vimos anteriormente.

É nesse sentido que Machin e Van Leeuwen (2016) orientam seus estudos e análises. Ainda que baseados no discurso político e nas relações de poder que ele e o discurso midiático estabelecem, além da manutenção da hegemonia também presente no ambiente digital, como citado acima, os autores trabalham a relação de significante e significado do discurso multimodal que são úteis ao nosso estudo. Para eles, a análise semiótica social do discurso político multimodal é composta por três etapas em *looping*: a primeira se refere ao significante, a partir da evidência fornecida pelo objeto de análise; por exemplo, as palavras utilizadas, as

escolhas lexicais feitas para caracterizar determinados movimentos e grupos sociais, como observamos nos vídeos em análise para esta pesquisa. A segunda etapa foca no significado, abrindo a possibilidade de diversas interpretações, não necessariamente inteiramente subjetivas, já que dependem do potencial de significado e do contexto no qual se inserem, ou seja, devem ser levadas em consideração as condições de produção e veiculação daquele discurso, daquele vídeo (em nosso caso específico), para que seu conteúdo não seja usado de forma distorcida.

Já a terceira etapa da análise proposta por Machin e Van Leeuwen (2016) se refere ao significado mais amplo dos textos e dos recursos semióticos presentes nele, ou seja, um processo de significação ampliada com teorias sociais abstratas. Tal abordagem engloba as etapas anteriores e se relaciona diretamente com elas, pois prevê a multidisciplinaridade nos estudos e análises semióticas que podem ser feitas com base nessa metodologia, considerando os aspectos multimodais presentes no objeto e suas relações e possíveis análises, como as cores, os posicionamentos de elementos no vídeo e a postura do falante, por exemplo. Os autores confirmam, então, que tais análises integram diversos tipos de conhecimentos, como “um conhecimento da linguagem e de outros modos, de cultura e história e um conhecimento de teoria sociológica que nos ajuda a entender o papel do discurso multimodal na vida social”⁵ (Machin; Van Leeuwen, 2016, p. 254), abrindo o leque de interpretação, considerando toda a sua complexidade, como são o objeto e o objetivo deste trabalho, relacionando-se com o significante já dado no discurso, os significados potenciais e o contexto no qual a comunicação se insere.

É nesse sentido de análise multimodal semiótica que Iedema (2001) lança seu olhar sobre um documentário ambientado em um Hospital. Em seu trabalho, propõe critérios a serem analisados em

⁵ Tradução nossa para “a knowledge of language and other semiotic modes, a knowledge of culture and history, and a knowledge of sociological theory to help us understand the role of multimodal discourse in social life”.

produções audiovisuais como filmes e produtos televisivos. O autor acredita que há padrões e regularidades nas aparições e representações dos personagens que podem denotar o ponto de vista orientado do produtor do vídeo a partir do enquadramento e outros possíveis “jogos” permitidos pela filmagem e pelo movimento de câmera, indicando outras perspectivas e orientando o olhar e atenção do espectador.

Inserido na perspectiva semiótica social, Iedema (2001) leva em consideração, também, o contexto político e a crítica social que o documentário faz, não se reduzindo a uma simples produção audiovisual isenta, mas provocando e promovendo a construção de significados a partir dos elementos sociosemióticos presentes no filme. Assim, tal análise leva todos esses aspectos em consideração, influenciando em como o espectador consome o produto a partir dessas construções e representações sócio-político-econômicas, já que “não se concentra nos signos, mas no significado social e nos processos”⁶ (Iedema, 2001, p. 187).

Nesse contexto, os produtos televisivos (assim como todas as outras produções audiovisuais possíveis) são representações da realidade, criando o próprio espaço-tempo de forma abstrata, ou seja, não é a realidade, mas a representa, considerando o intervalo entre a sua ocorrência, registro e veiculação, criando novas realidades e representações a partir de técnicas como a edição e a continuidade, por exemplo. O’Halloran (2004) também define essas produções como sequências narrativas e elementos que representam nossa realidade, materializada em um produto bidimensional, tornando-se a “semiose da vida cotidiana”.

É nessa seara que Norris (2004) estabelece alguns critérios de análise a partir da classificação dos múltiplos modos presentes em vídeos. Ela acredita que as ações que compõem produtos audiovisuais são fluidas e complexas, ou seja, ocorrem em conjuntos que agrupam pequenas ações simples (como elemento físico e

⁶ Tradução nossa para “social semiotics does not focus on ‘signs’, but on socially meaningful and entire process”.

unidade de análise), materializando-se, no que ela chama de “ação congelada”, como mídia.

No entanto, é importante destacar que suas análises são orientadas para as interações internas do vídeo, ou seja, o material não prevê a interação com o espectador, algo como a conhecida “4ª parede” da dramaturgia (Carreira, 1998; Da-Rin, 2006). Tal característica não se aplica ao nosso *corpus*, uma vez que os vídeos do *YouTube*, em geral, preveem a interação e a presença do espectador, ainda que virtualmente, haja vista seu discurso direto com o interlocutor e a edição proposta de um vídeo contínuo, como se não houvesse cortes drásticos, simbolizando um diálogo informal do produtor com o receptor, característica de *Youtuber* (Coruja, 2017).

Norris, então, propõe dez modos comunicativos como critérios de análise para classificação de vídeos, considerando seus aspectos multimodais, como apresentamos a seguir:

i) **Linguagem falada:** geralmente é estruturada, alternada, mas também pode haver sobreposição de falas em um diálogo. Além dessa interação, há também variação no tom de voz e nas ênfases em determinadas palavras e temas para os quais o produtor quer chamar atenção ou destacar;

ii) **Proxêmica:** é a distância entre pessoas dentro do vídeo ou entre objetos relevantes que compõem a narrativa. Além disso, também podemos considerar como proxêmica a distância entre os participantes do vídeo e a câmera, já que ela pressupõe o diálogo e a presença do interlocutor/espectador no debate;

iii) **Postura:** o modo como os participantes do vídeo posicionam seus corpos em uma dada interação, podendo ser classificada como uma postura “aberta” ou “fechada” para o diálogo e o posicionamento do outro. Apesar de a postura ser mais padronizada em vídeos com convidados –, como os que vamos analisar – também podemos observar variações que são significativas para a construção de sentido dos vídeos;

iv) **Gestos:** podem ser icônicos, metafóricos ou dêiticos, estabelecendo relações do mundo externo com o discurso,

representando outros símbolos. Aqui, podemos perceber a interação entre os gestos e o discurso falado, como característica de fala do produtor e seus convidados;

v) **Movimento de cabeça:** quando a pessoa faz movimentos que indicam posicionamentos e outros significados (como “sim” e “não”, por exemplo). No nosso *corpus*, os movimentos são mais sutis mas, ao mesmo tempo, com outros tipos de significados e movimentos;

vi) **Olhar:**⁷ refere-se à organização, direção e intensidade do olhar, manifestando a interação entre os participantes da conversa, relação de subordinação, engajamento e envolvimento entre eles, sendo diretamente proporcional ao nível de interação que se observa. Neste trabalho, o olhar é referente à câmera e aos outros participantes do vídeo;

vii) **Música:** trilha sonora do vídeo, seja instrumental ou com voz. No caso dos vídeos aqui estudados, esse modo é quase padrão do canal e não está presente no discurso, somente na vinheta do canal vinculado ao projeto CfC;

viii) **Impressão:** ferramentas de uso individual (objetos como caneta e papel) e os objetos impressos (jornais e revistas) e sua interação com as pessoas do vídeo;

ix) **Layout:** interação com o ambiente, composição de fotografia aplicada ao espaço em que o vídeo foi gravado;

x) **Interconexão de modos:** prevê que os modos são interdependentes uns dos outros e sua hierarquia varia de acordo com as situações específicas e análises empregadas.

Essas dez unidades de análise apresentadas por Norris (2004) nortearão nossas análises, além de outras que podem surgir de acordo com o material coletado. A partir delas, também tomamos como base as análises propostas por Iedema (2001) e O’Halloran (2004). O primeiro autor propõe seis níveis, a saber: i) *frame*, como representativo

⁷Tradução para “Gaze” (Lima-Lopes, 2012; 2016). Embora entendamos que o termo em inglês seja mais específico, acreditamos que “olhar” seja o mais adequado para nossa realidade e língua portuguesa.

de um lance; ii) *shot*, considerando o plano contínuo sem edição; iii) cena, na condição de unidade temporal de tempo-espaço com mais de um lance; iv) sequência como uma junção de cenas a partir de movimento de câmera; v) estágio genérico/geral, definindo-se como a narrativa do filme e vi) trabalho como um todo, sendo a classificação particular do conjunto (produto audiovisual).

Por ser um produto audiovisual, o áudio do vídeo também exerce importante influência no sentido produzido e em seu processo de produção. Assim como empreendemos estudos anteriores acerca de análise de vídeos do *Muro Pequeno* (Lima-Lopes; Câmara, 2019), também pesquisamos a produção de sentido a partir de áudios, considerando que também são linguagens multimodais (Lima-Lopes; Câmara; Oliveira, 2021).

Portanto, os áudios inseridos nos vídeos em análise, e também em nosso *corpus* complementar – que consistem em outros produtos midiáticos do mesmo canal – são constituídos por elementos multimodais que permitem diferentes sentidos construídos e escolhas de ações múltiplas. Esses elementos são evidentes no tom de voz, na imposição dela tomada pelo narrador, na interação com o espectador ou com o grupo ao qual pertence, nos efeitos sonoros, entre outras variáveis específicas para cada produto audiovisual.

É também nesse contexto que se encontra o processo de edição de áudio, a partir da plástica adotada nesses produtos, como trilha sonora e efeitos de transição e edição, visando produzir sentidos mais profundos ou provocados a partir da gravação bruta desses produtos. Os sons de jogos digitais, por exemplo, estruturam não só o mundo que representam, mas também o que os jogadores podem ou não fazer, representando a relação que se estabelece entre os jogadores e as atividades e ações sobre o jogo (Machin; Van Leeuwen, 2016). Dessa forma, o som, um material semiótico, pode contribuir para o engajamento das pessoas nas práticas sociais que aquele som, inserido no jogo, representa. Assim, o som é um dos elementos responsáveis para nos inserir no ambiente do jogo,

sinalizando os tipos de relações sociais que podem ser estabelecidas ali, de maneira multimodal.

No campo da multimodalidade, Machin e Van Leeuwen (2016) defendem que a música e o som realizam discursos próprios. Os autores alertam para o ineditismo, no campo da análise crítica do discurso, da abordagem multimodal na análise de som. Especialmente os estudos do cinema se atentam a esses aspectos, a partir da contribuição da música para a ação, indicando sensações como tensão ou perigo, por exemplo. Na multimodalidade inserida na Linguística Aplicada, para além dessas relações, preocupamo-nos com os sons como recursos semióticos, uma vez que eles “transmitem também ideias, atitudes e identidades” (Machin; Van Leeuwen, 2016, p. 417), servindo para fins ideológicos.

Portanto, tais escolhas, assim como a ausência de efeitos e edição, não são aleatórias. Consideramos que a não-inserção de efeitos sonoros, de corte nas falas e de ritmo de diálogos são escolhas editoriais, já que visam produzir um tipo de sentido diferente daqueles arquivos que investem nesse tipo de edição plástica.

A multimodalidade se propõe a analisar a qualidade dos sons, considerando a importância desses detalhes para a Análise Crítica do Discurso. Nesse contexto, “a sociosemiótica está interessada na forma como os recursos semióticos são utilizados para atingir objetivos comunicacionais específicos” (Machin; Van Leeuwen, 2016, p. 418)⁸, a partir dos significados e valores que esses sons carregam.

Ainda que os autores se debruçam em jogos digitais e outras edições de som com objetivos comerciais e de entretenimento, que passam por processos de sintetização, equalização e outras edições profissionais, destacamos como a modalidade do som pode indicar graus de realismo e o significado metafórico a partir de suas condições de produção. Nessa perspectiva, consideramos, na prática

⁸Tradução nossa para “multimodal critical discourse analysis needs to be able to demonstrate how semiotic resources such as the schemasthatunder lieson atas cancarryideas, attitudes and identities, and can be deployed for ideological purposes”

de análise dos objetos aqui observados, os diferenciais da criação identitária do canal, a saber, a plástica e os efeitos sonoros relacionados ao que busca retratar. Além disso, há a perspectiva pessoal-relacional, aproximando-se da situação de sala por as entrevistas serem conduzidas em uma roda de conversa. Nesse último caso, podemos considerar que a não edição é uma escolha editorial, uma vez que pode buscar transmitir a ideia de informalidade e naturalidade, características de debates presenciais, que estão sendo mediados por aparatos tecnológicos e midiáticos, como neste caso.

Nessa perspectiva, Machin e Van Leeuwen (2016) trabalham com a ideia de “graus de modalidades e de verdade”, considerando que esses sons são representações mais ou menos realistas a partir de escolhas semióticas ideologicamente motivadas. A partir dessas representações, os autores relacionam três critérios de classificação, a saber:

i) modalidade naturalística: aborda a verossimilhança entre a representação e a realidade que visa retratar;

ii) modalidade abstrata: aposta no cognitivo, considerando que o som representa o que é, naquele contexto específico de produção e veiculação;

iii) modalidade sensorial: aposta no critério emotivo, considerando que quanto mais o som nos afeta, maior é sua modalidade, que leva a outros sentidos e sensações.

Embora tais critérios tenham sido elaborados considerando obras ficcionais de jogos e filmes, percebemos uma congruência com produtos considerados amadores e além do entretenimento. Van Leeuwen (2016) acredita que representações sonoras possuem um potencial de significado muito amplo, que acaba por ser restringido a partir do contexto no qual elas são aplicadas e veiculadas. Tais representações também são formadas a partir de diferentes combinações de qualidades de som, indicando suas complexidades e a multiplicidade de significados.

É nesse contexto que o autor discorre sobre a qualidade vocal e os significados que essas categorizações podem abarcar. Tais aspectos são pessoais como parte constitutiva dos sujeitos produtores, conferindo-lhe especificidades que permitem identificar e diferenciar seus aspectos identitários a partir dessas características e classificações, visíveis e representadas pela adjetivação. Ou seja, ainda que esses produtos sejam feitos por pessoas do mesmo sexo, idade e contexto social e de produção, cada um vai carregar singularidades não só de conteúdo, mas também das características subjacentes à gravação e produção de um produto sonoro, tanto pela interpretação que cada narrador pode dar quanto pelo “desenho do som” (West, 2016) que produz sentidos específicos a partir dessas subjetividades observadas.

Nosso interesse principal não é analisar os áudios de forma separada e individualizada, nem analisar a composição das imagens estáticas por congelamento das imagens em movimento, com suas formas de leitura a partir dos elementos que a compõem; nosso interesse principal é analisar o vídeo em si, como um todo, considerando os movimentos das imagens e elementos ali presentes. Destacamos que tais análises, critérios e definições são subjetivas, e servem de norte para nossa análise, porém, aqui levaremos em consideração as particularidades da produção audiovisual de *YouTube*, com base no referencial teórico aqui abordado acerca da multimodalidade nesses vídeos. Nesse sentido, é fundamental considerarmos a produção em sua fluidez, naturalidade e completude, não fragmentada.

Consideramos os vídeos recortes da realidade, e levamos em conta a relação do produto audiovisual digital com o ambiente off-line e seu respectivo impacto social; em função disso, todas as variáveis e elementos devem ser analisados em conjunto, a partir de uma ótica pessoal e interacional, relacionando-se à sociedade. Ou seja, as interações ali presentes e as peculiaridades só são possíveis e percebidas devido à construção da identidade desses participantes, que os leva a estar ali e compartilhar as experiências e

vivências, fazendo com que elas sejam tema não só dos vídeos, mas também das lutas e movimentos dos quais fazem parte e aos quais dão visibilidade.

Levando isso em consideração, a multimodalidade também é aliada à construção da masculinidade que esses homens experienciam. Mais do que conjunto metodológico, a relação entre os dois temas é de desenvolvimento mútuo, uma vez que os dois contribuem entre si de igual maneira para que construam a identidade própria e sua relação com a coletividade, na busca do desenvolvimento midiativista. Assim, as masculinidades se expressam e ganham vida a partir de elementos multimodais, e essas características também formam os homens que as expressam. Dessa forma, discutir e analisar esses dois aspectos são indissociáveis.

3.1 A pluralidade nas construções de outras masculinidades possíveis

Um dia, vivi a ilusão
De que ser homem bastaria
Que o mundo masculino
Tudo me daria
Do que eu quisesse ter
Super-Homem (A canção) – Gilberto Gil

Inspirada no filme homônimo, a música de Gilberto Gil, lançada em 1979, já indicava reflexões de relações de gênero e a reconfiguração social dos papéis de masculino e feminino⁹. Apesar de ser muito centrada na heteronormatividade, o compositor levanta um debate que nos é caro ainda hoje, mais de 40 anos depois: como a masculinidade opera, beneficia e privilegia a existência masculina.

⁹ Em entrevista, o compositor defende que essa harmonização entre gêneros é o primeiro passo para a harmonia social. Disponível em: <https://gnt.globo.com/programas/papo-de-segunda/noticia/gilberto-gil-conta-como-criou-musica-super-homem-inspirado-no-filme-de-1978.ghtml>

Ainda que sob a ilusão de “superpoderes”, impostos ou esperados, ser homem, no contexto social patriarcal, prevê benesses apenas por essa condição considerada natural. À medida que os estudos sobre o tema foram se aprofundando e a sociedade se reconfigurando, principalmente em seus papéis, locais e relações de gênero, firmou-se como necessário refletir sobre o conceito de masculinidade e sua representação plural. O psicanalista Pedro Ambra (2019) acredita que a considerada masculinidade frágil é aquela que não consegue se olhar no espelho e se ver diferente dos ideais, pensamento que parece complementar a ilusão apontada por Gil na canção. Assim, o que se espera e se vive nesse monopólio masculino, reforçando papéis estáticos de gênero e hierarquização das relações, é denominada masculinidade hegemônica.

Antes de tecer reflexões que buscam a definição de masculinidade hegemônica no espectro social da atualidade, é importante analisar o conceito de hegemonia, em um sentido amplo, entendendo: o papel da masculinidade nesse contexto, o processo de dominação e os privilégios que esses termos preveem. Ainda que não seja uma discussão central para a elaboração e discussão do conceito referente às masculinidades, contextualizar a hegemonia na seara político-ideológica, a despeito do funcionamento como aparelho de controle de estado, é importante para a definição do que se coloca como masculinidade hegemônica, inserida na pluralidade de identidades, e sua relação com a sociedade – sobretudo mulheres e outros grupos minorizados.

Discutir a hegemonia é pensar nas relações sociais, em como elas se dão e o seu papel. Nesse sentido, Alves (2010) trabalha o conceito de hegemonia para pensar configurações sociais sob o prisma marxista e debruça, também, sobre o capitalismo e suas disputas nesse novo espaço. A hegemonia surge como dominação ética, política e econômica sobre as classes aliadas, a partir do monopólio ideológico, amparado, também, no sistema capitalista, que fortalece tais superestruturas.

Nesse contexto, destaca-se o poder dominante exercido pela hegemonia, que encontra nos subordinados a oportunidade e a cumplicidade dessa dominação. Sugere-se, portanto, que, para minar tal relação, faz-se necessária a criação de um novo bloco histórico, fruto da crise da hegemonia, que se manifeste no campo político, ideológico, social e econômico.

Gramsci aponta que a questão da hegemonia não deve ser entendida como uma questão de subordinação ao grupo hegemônico; pelo contrário, ela pressupõe que se leve em conta os interesses dos grupos sobre os quais a hegemonia será exercida, que estabeleça uma relação de compromisso e que faça sacrifícios de ordem econômico-corporativa. Entretanto, ele aponta que esses sacrifícios nunca envolvem os aspectos essenciais do grupo hegemônico, pois se a hegemonia é ético-política, ela é também econômica (Alves, 2010, p. 78).

A classificação da masculinidade hegemônica caminha, portanto, tanto sobre as relações sociais, quanto nas relações de poder e, ainda, no processo de formação histórica. Seguindo a perspectiva de Gramsci (2002), o conceito e o contexto de hegemonia não podem se deslocar das relações econômicas e de trabalho, principalmente inseridos no sistema capitalista. Esses contextos expõem relações de poder que são fortemente atravessadas por questões de gênero, promovendo uma hierarquia entre o masculino e o feminino.

É nesse ponto que Connel (2013) aponta a masculinidade hegemônica como uma expressão, também, do aspecto cultural, mas que pode se alterar de acordo com o momento histórico, regionalização e outros fatores externos que influenciam nessa classificação. Não há, portanto, um determinismo único nessa hegemonia; ela se manifesta a partir de um conjunto de padrão de práticas, e não de identidades, que contribuem para a sua manutenção e para a relação hierárquica, também de dominação, ainda que simbólica, de homens sobre mulheres em um contexto binário de gênero na sociedade patriarcal atual.

Assim, essa hegemonia (ou padronização) não é estatística, mas sim social. Ainda que muitos homens não exerçam esse poder,

não expressem essa força, não representem esses modos hegemônicos a partir de ações dominadoras, todos nós (aqui me incluo como homem inserido nessa sociedade e que me benefico disso) colhemos as vantagens de estarmos inseridos nessa normatividade. A masculinidade hegemônica, portanto, é normativa, não totalitária ou totalizante, uma vez que somos favorecidos pelas relações de poder simbólico, pelas estruturas sociais e formativas de gênero (Connell, 2013).

Dessa maneira, discutir masculinidades é refletir sobre o papel do masculino na sociedade, na posição social que ocupa, considerando, principalmente, as relações de poder que estão ali imbricadas. Assim como apontam alguns estudos feministas de gênero, os estudos sobre masculinidades devem considerar a evolução e a transformação social pelas quais essas representações masculinas passam. Isso significa dizer que o que se tem como masculinidade atualmente é diferente do século passado, assim como também varia de acordo com a região e os papéis sociais, de trabalho e de poder que essas figuras ocupam e operam.

Compreender essa pluralidade é fundamental não só para o estudo das masculinidades como um todo, mas, principalmente neste trabalho, para os objetos de estudo aqui colocados, para os entrevistados convidados, para o tema abordado e para o caminho de discussão e reflexão que tais discursos parecem guiar. Ademais, é importante levar em consideração também que essas relações de poder também estão presentes nessa pluralidade de representações masculinas, pois os gêneros se estabelecem a partir das relações que envolvem a sociedade em suas diversas esferas, seja em locais de trabalho, de política ou no ambiente doméstico.

O conceito de "papel masculino" tem vários pontos fracos, tanto em termos científicos quanto práticos. Ele não nos permite compreender questões relacionadas ao poder, à violência ou à desigualdade material. Trata-se de um conceito que não nos permite ver as complexidades no interior da masculinidade e as múltiplas formas de masculinidade (...). A masculinidade é uma configuração de prática em torno da posição dos homens na estrutura das relações de gênero. Existe, normalmente, mais de uma configuração desse

tipo em qualquer ordem de gênero de uma sociedade. Em reconhecimento desse fato, tem-se tornado comum falar de "masculinidades" [no plural] (...). Por isso, é importante sempre lembrar as relações de poder que estão aí envolvidas (Connel, 1995, p. 188).

A autora reforça o contexto neoliberal de exploração de trabalho e como se porta em relação ao Estado, seja na figura de poder, seja na corporificação sexual, uma vez que é essa a representação imagética do que é ser masculino. Tal figura, no entanto, apesar de parecer universalizante, não é unificada e padronizada em um totalitarismo de gênero, mas sim uma hegemonia de gênero. Em outras palavras, podem existir diversos tipos de masculinidades dentro daquela considerada a hegemônica, assim como essas identidades podem coexistir em um único sujeito. Esse conflito subjetivo ganha atenção psicanalítica como definição de gênero, de sentimentos e de representações complexas que constituem os indivíduos.

É nesse contexto conflitante que o homem busca se afastar do que representa o feminino, principalmente a expressão de sentimentos e a considerada fragilidade. No entanto, seguindo o fluxo de mudanças pelas quais a masculinidade hegemônica passa de acordo com o tempo em que se vive, essa busca pelo sentimental e pelo autorreconhecimento nas vivências dessas relações dialógicas e emocionais tem se configurado como parte dessa nova hegemonia masculina, como uma "masculinidade comedida" (Ambra, 2019, p. 18), inserida nas relações de poder econômico no contexto da burguesia como uma prática dela.

Nesse sentido, Connel (1995) destaca a hegemonia socioeconômica desse novo padrão, que segue sendo eurocentrado, focado no norte-global e, em cenários político-partidários, na transformação dessa masculinidade hegemônica progressista em masculinidade sensível, pautada na cor branca e na heteronormatividade. Esse contexto exclui, portanto, dinâmicas raciais nessa relação e busca por representação de masculinidades, o que é um grave problema quando se trata de relação de gêneros e,

mais que isso, relações sociais como um todo. Considerar a raça como importante foco nesse debate é peça fundamental para nosso objeto de estudo, cujo tema central é a masculinidade negra.

Nessa construção coletiva de masculinidades, em uma perspectiva dialógica e não individual, Connel (1995) elenca quatro tipos distintos de masculinidades, que nos ajudam no debate analítico e social dos vídeos neste trabalho, como destacaremos a seguir.

i) **Terapia da masculinidade.** Esse tipo de construção de masculinidade ignora os papéis sociais e as relações econômicas que envolvem as questões de gênero, em uma espécie de “recuperação terapêutica” por parte dos homens que se reconhecem nesse local privilegiado, tentando se entender na sociedade e entender seus papéis de gênero. Frequentemente representado pelo homem branco de classe média heterossexual, é o que a grande mídia, sobretudo brasileira atual, tem pregado acerca dessa nova masculinidade, amparada pelo eurocentrismo e pelas relações de poder econômico, social e racial que as condições lhes dão, acrescidos à sensibilidade que antes lhes eram julgadas. Essa reconstrução de masculinidade se afasta do que consideramos papel ativista, uma vez que o ativismo prevê a coletividade, enquanto a denominada terapia da masculinidade contempla apenas o indivíduo, ainda que em sua complexidade e atitudes em relações interpessoais que busca promover.

ii) **O lobby das armas.** Esse fator guarda profundas relações com o papel de força que, historicamente, é concedido ao homem e esperado dele no reforço de papéis sociais e de proteção. Amparado no fator biológico, reverbera, também, nas relações econômicas e empresariais, com grandes representações midiáticas, principalmente em filmes hollywoodianos de ação, que melhor personificam essa masculinidade.

iii) **A liberação gay.** Esse movimento, com grande força na década de 1970, é um importante marco para a quebra de estereótipos e de opressão, além de ressaltar a relevância de se criar comunidades que

pudessem ser representadas a fim de lutar por suas visibilidades, por conquistas de direitos e, nesse contexto de masculinidades, representações verossímeis, guardando suas pluralidades.

iv) **Política de saída ou política transformativa.** Assemelha-se muito à liberação gay, mas não foca em sexualidade, e sim na fuga de estereótipo de gênero, sem a busca de uma afirmação identitária. Em um contexto heteronormativo, foca no papel do homem na criação e no cuidado da família e da casa, não delegando todas essas funções afetivas e do lar somente para as mulheres.

Nesse contexto de representações de masculinidades e relações de gênero, é fundamental indicar que todas essas formas de políticas de masculinidades apontadas no decorrer dessa discussão envolvem uma relação direta com o feminismo, em consonância com o papel do homem no movimento feminista e na vivência na sociedade, em que há os benefícios que o patriarcado, em vigência social, promove aos homens, ainda que não os reconheçam.

Os "homens" como um grupo e, em particular, os homens heterossexuais, não são oprimidos nem estão em situação de desvantagem. (Embora essa crença seja agora promovida por campanhas da direita contra a ação afirmativa). A masculinidade hegemônica não é uma identidade estigmatizada. Bem pelo contrário: a cultura já a privilegia. Buscar a unidade dos "homens" só pode significar enfatizar as experiências e os interesses que os homens têm e que os separam das mulheres, em vez de enfatizar os interesses que eles partilham com as mulheres e que podem levar à justiça social (Connel, 1995, p. 201).

Tais vantagens não se dissociam da sexualidade, raça e classe, importantes variáveis que compõem essa equação social do chamado "dividendo do patriarcado" que nunca fecha. É por isso que a autora aponta que nem todos os homens se apropriam dessas benesses, o que justifica, portanto, olhar para a pluralidade das masculinidades possíveis e hegemônicas. A manutenção desigual de gênero atinge, portanto, os interesses inseridos nessa masculinidade.

Outra importante reflexão que o trabalho de Connel nos traz, também aplicável ao que propomos estudar aqui, é a historicidade e as mudanças dessa masculinidade, como já apontamos.

Historicamente, observamos os padrões que essa masculinidade hegemônica reproduz em diferentes espaços e de diversas formas, desde a força física até a imposição intelectual, com suas representações nesses ambientes e, também, nas mídias, que reforçam essa hegemonia.

A masculinidade é definida como uma configuração de práticas organizadas em relação à estrutura das relações de gênero. A prática social humana cria relações de gênero na história. O conceito de masculinidade hegemônica embute uma visão histórica dinâmica do gênero na qual é impossível apagar o sujeito. É por isso que os estudos de história de vida se tornaram um tipo característico de trabalho sobre masculinidade hegemônica. O conceito homogeniza o sujeito apenas se ele é reduzido a uma dimensão única das relações de gênero (usualmente o simbólico) e se ele é tratado como uma especificação da norma (Connel, 2013, p. 259).

Ainda na retomada desses estudos e históricos de masculinidade, a autora destaca cinco críticas sobre o debate das pesquisas de masculinidades desde a década de 1990. Importante frisar, no entanto, que essas reflexões partem de realidades do norte-global, o que justifica, ainda, pesquisas como essa que estamos desenvolvendo, partindo da perspectiva Sul-Global (Santos, 2010) para essas reflexões, representações e práticas, como elencados a seguir.

Reconhecemos, portanto, que um conceito único e fechado sobre masculinidade é incerto e inseguro. Isso porque ele pode ser mutável a partir de vários aspectos e variáveis, além de, na busca da centralidade e da unidade conceitual, deixar de lado a multiplicidade da formação identitária e dos campos de estudo e prática. A principal crítica se dá, ainda, nessa dicotomia binária que desconsidera a formação do gênero em seu aspecto social amplo.

É preciso levar em consideração que, nessa busca de unidade conceitual e divisões exatas de masculinidades, os diversos tipos dela podem coexistir na construção subjetiva do indivíduo que se reconheça como homem, em seu exercício da masculinidade, gerando **ambiguidade e sobreposição** desses conceitos. Ou seja, uma mesma pessoa pode carregar traços subjacentes a diversas

masculinidades, já que elas são múltiplas, e se definir a partir dessas complexidades internas, de maneira ambígua e, ao mesmo tempo, complementar. A autora ainda alerta para o perigo da midiaticização e idealização desse tipo de masculinidade hegemônica construída e difundida pelos instrumentos operadores de poder, uma vez que não correspondem à vida de um homem real, despertando ideias fantasiosas e irreais sobre ser homem.

Na construção utópica do homem ideal, busca-se, também, o distanciamento do que se dissemina sobre a masculinidade hegemônica. Em termos práticos, a busca por ela pode estar, exatamente, em sua negação ou na direção contrária do que se emprega como padrão. Essa consideração é fundamental para compreendermos a construção dessa masculinidade a partir do processo social que a engloba, reiterando **o problema que essa reificação causa** na sociedade e na imposição do que é ser masculino.

É ainda nesse caminho de construção do **sujeito masculino** que não se busca uma universalização do que é ser homem, em um caráter unitário, sem cada uma de suas individualidades que devem ser respeitadas, vividas e consideradas para a construção da masculinidade e de sua identidade como sujeito. A masculinidade hegemônica, portanto, não representa o tipo de homem que nós buscamos ou devemos ser, mas sim como nós nos posicionamos a partir de práticas discursivas e sociais. Pode-se refletir sobre como fazemos usos dessas estruturas de poder e como nos posicionamos perante a sociedade e, principalmente, perante outros grupos, como homens beneficiados por essa norma social. Nesse ponto, o discurso se enquadra como meio de prática, de reflexão e de construção dessa masculinidade, o que justifica este presente trabalho que se debruça sobre o discurso multimodal, tendo exatamente a questão masculina como tema. Essa reflexão também guarda relações com a psicologia, uma vez que todos nós, pessoas em formação, guardamos nossas individualidades e contradições internas que nos formam e nos sustentam.

Uma vez que a masculinidade e a feminilidade são construídas a partir das relações de gênero que se estabelecem na sociedade, refletindo **padrões nas relações de gênero** (Bourdieu, 2021), é fundamental pontuar que elas se dão em uma perspectiva histórica, não autorreprodutiva ou automática. As relações de gênero são, portanto, sociais. Nesse contexto, observa-se a masculinidade externa, em que os poderes são mais visíveis, que opera institucionalmente; e a interna, a partir das reflexões que se dão a partir dessas relações e questões sociais, raciais e sexuais, carregadas como individualidade. É a partir dessa perspectiva que a exclusão de populações minorizadas é evidente e deve ser combatida, como propomos, também, a partir desta pesquisa. A masculinidade hegemônica se apropria das outras masculinidades, mas não as debate nem lhe dá a devida visibilidade e valorização para a inserção no contexto sociopolítico. Assim, a hierarquia de gênero não possui nichos múltiplos no topo dela, apesar de se beneficiar das apropriações que faz, com representações superficiais.

A partir dessas reflexões, Connel (2013) chega a possíveis definições e considerações acerca das masculinidades, levando em consideração, principalmente, a pluralidade dentro delas, aceitando, ainda, que o conceito de masculinidade hegemônica prevê a subordinação de outras masculinidades que são marginalizadas ou não hegemônicas. É nesse contexto, ainda, que podemos retomar a definição de hegemonia de Gramsci em um sentido social e de trabalho, institucionalizado.

A masculinidade não é uma entidade fixa encarnada no corpo ou nos traços da personalidade dos indivíduos. As masculinidades são configurações de práticas que são realizadas na ação social e, dessa forma, podem se diferenciar de acordo com as relações de gênero em um cenário social particular (Connel, 2013, p. 250).

Isso explica a não-generalização da masculinidade, que vai além da junção de traços e aspectos referentes a essas características historicamente elencadas como masculinidade hegemônica. Para sua construção, os aspectos sociais e econômicos, dentre outros

elementos são considerados, uma vez que essa masculinidade se dá em um espectro mais amplo socialmente, devendo-se reconhecer as desigualdades impostas e alimentadas socialmente, impedindo sua reprodução hierárquica.

Sendo uma construção social, as masculinidades também podem se portar como (e a partir de) uma expressão discursiva. As construções delas se dão, além de questões sociais e políticas já impostas e naturalizadas, a partir das interações, que podem ser estabelecidas em uma constante construção. Na prática, significa compreender que as relações sociais não podem ser demarcadas e definidas por critérios puramente biológicos, mas sim, por construção social a partir de suas interações e processos (Carvalho Filho, 2008).

Nesse sentido, é importante destacar dois tópicos: masculinidades, no plural e masculinidades na condição de discurso. Para além do que já abordamos neste trabalho acerca da pluralidade de masculinidades e suas infinitas possibilidades de performance, destacamos, aqui, a diversidade de corpos, compreendendo o corpo como meio e discurso. Essa variedade de corpos indica que cada um deles possui sua própria trajetória, sua própria construção, que vai se dar além do determinismo biológico/anatômico. Ainda que sob as mesmas regras, determinações, padrões e imposições sociais, cada um percorre seu caminho e se constrói socialmente a partir das interações e meios sociais e, não distante disso, a partir de suas próprias convicções, sentimentos, sensações e, principalmente, reconhecimentos e construções identitárias.

Compreender esse fenômeno construcional não é novidade nos estudos de gênero; basta pensarmos sobre o “tornar-se mulher”. Mas, na esfera das masculinidades, é necessário considerar que mesmo em espaços privilegiados, e reconhecendo tais posições de poder, a construção da identidade pode se dar de diferentes maneiras e por distintas vias, superando o que se espera do determinismo ideológico e biológico.

É nesse contexto que se liga ao segundo tópico destacado acima, o discurso, uma vez que tais corpos podem se firmar como símbolos e signos, numa perspectiva semiótica, e, como tal, prática discursiva. Como meios de prática social, esses diferentes corpos também não são neutros, carregam historicidades, posicionamentos, ainda que pré-determinados em suas materialidades. Tomando o discurso como poder e o corpo como meio de manutenção dele, a virilidade e a (esperada) força seriam expectativas de agenciamento a partir das quais se impõe um padrão na sociedade, com objetos da prática simbólica do poder (Carvalho Filho, 2008). Assim sendo, sua expressão, quando foge dessa representação, aponta para a inabilidade e para a vulnerabilidade, afastando-se daquilo que os regem. A construção de gênero se dá, portanto, a partir da relação entre essas possibilidades de expressão e identidade, afastando-se de determinismos sociais e, principalmente, biológicos.

Ainda como prática discursiva, é importante frisar que tais expressões de discurso, que são situadas e contextualizadas, representam formas de poder e são estabelecidas a partir da experiência coletiva, não meramente individual. Em outras palavras, ainda que raros homens abram mão da representação de poder com que a corporeidade masculina é agraciada, eles estão inseridos em uma sociedade em que tais práticas corporais-reflexivas representam e refletem o poder de um gênero sobre outro. A despeito de interesses e (des)construções subjetivas e individuais, é preciso reconhecer que o meio discursivo masculino é um operador de discurso de poder e, como tal, exerce-se a partir da dualidade.

A masculinidade não funda um objeto individuado, mas um aspecto de uma ampla estrutura. A partir do contato com uma história genericada das instituições e da economia, Connell pensa a masculinidade não apenas como uma característica da identidade pessoal, mas a encontra presente nas relações sociais, nas instituições e no mercado de trabalho. A masculinidade não apenas aí se encontra, mas são por elas estabelecidas no mais íntimo grau, instituindo-se de forma historicizada (Carvalho Filho, 2008, p. 5).

Em uma perspectiva psicanalítica, a masculinidade e a feminilidade, expressões de gênero e características sociais previamente estabelecidas, coexistem nos indivíduos, apesar de se destacarem, no homem, as relações de poder às quais ele se subordina. É a partir desse entendimento que a fluidez das masculinidades e suas formas de performatividade se firmam como prática de diversidade ao longo do tempo-espaço.

Na realidade, não há a construção de uma única, mas de masculinidades. Reconhecer a possibilidade dos vários tipos de masculinidade, não significa tornar essas variâncias fixas, mas oferecer aos homens atuais a possibilidade teórica de diferenciarem e legitimarem as suas masculinidades entre si (Carvalho Filho, 2008, p. 6).

Valencia (2015) discorre sobre o que são consideradas as novas masculinidades relacionadas à sociedade do consumo no contexto capitalista. Como abordamos ao longo deste trabalho, ao atualizar as condições de produção pluralizadas, trazendo a figura de prosumidores nesse contexto principalmente digital, a autora aponta, ainda, para a manutenção de hegemonias e pensamentos tradicionais nessas produções. Ao considerar o corpo, na manifestação biopolítica de gênero, como objeto e corroboração capitalista, principalmente sobre altos rendimentos e produtividade de trabalho, Valencia (2015) aponta que as desigualdades não deixam de existir nesse novo cenário. Pelo contrário, podem ser potencializadas, conforme discorreremos sobre a visibilidade em ambientes digitais e tradicionais de mídia.

Essa ideia está presente no nosso objeto de análise, principalmente no primeiro vídeo da série #HomemNegro, quando, no início, aponta-se para a desigualdade presente no ambiente digital, seja na produção, divulgação ou alcance dos materiais produzidos por eles. As observações evidenciam a disparidade de condições refletidas na produção de conteúdos digitais tal como se vivencia em outros meios considerados tradicionais.

Nesse contexto, ainda, Valencia (2015) acredita que há certo padrão até para o desvio da norma. Ela observa que o público

considerado “hypster”, – ou, em outra palavra mais atual nessas discussões – o “desconstruído” segue o padrão racial. Ademais, contribuem para a manutenção de violências racistas e homofóbicas, aproveitando-se desse espaço midiático, “criando uma performatividade de gênero relativa à indústria do entretenimento e de consumo” (Valencia, 2015, p. 114)¹⁰.

Somada a essa padronização, é importante considerar, também, o contexto social e geográfico no qual essas produções são incentivadas, principalmente em um trabalho sociossemiótico como este que apresentamos. Inseridos em um contexto capitalista, deve-se levar em conta “a criação de um regime semiótico-simbólico que reforce os códigos já estabelecidos e também aumentando os nichos de mercado” (Valencia, 2015, p. 115)¹¹. No contexto brasileiro, em que vivemos o mito da democracia racial (Nascimento, 2017), discutir a liberdade de pessoas negras, nesse caso específico de presença e produção de conhecimento, é fundamental, sendo um dos temas que este trabalho se propõe a publicizar.

Em outros vídeos que compõem o *corpus* desta pesquisa, essas questões são discutidas, principalmente o alto índice de encarceramento da população negra no país. Os números alarmantes refletem a contextualização sócio-geográfica em um país que se diz miscigenado, mas que concentra baixa renda e punições jurídicas a determinados tipos de público: os racializados. Fazer esse recorte de tempo-espaço é fundamental para distinguirmos e ampliarmos as discussões referentes às masculinidades, uma vez que elas se diferem de acordo com o país ou região. Isso significa que temas debatidos aqui no Brasil são diferentes daqueles debatidos em países europeus, por exemplo, dada a realidade distinta desses lugares. Assim como o que se debate no estado do Rio Grande do Sul pode se diferenciar bastante dos temas que circundam essa discussão no Amazonas, por

¹⁰Tradução livre para “crean una performatividad de género concerniente a la industria del entretenimiento y del consumo” (Valencia, 2015, p. 115).

¹¹Tradução livre para “lacreación de um régimen semiótico-simbólico que refuerce los códigos ya establecidos y además acrecienta los nichos de mercado”.

exemplo. Essas considerações são importantes para delimitarmos o uso plural do termo (masculinidades e não masculinidade), além do caráter interseccional que circunda a definição, tão presente em estudos de gênero.

Refletir sobre as relações regionais e de produção de conteúdo é fundamental não só para nosso trabalho, mas também para as discussões e percepções enquanto consumidores desses produtos de cultura digital. Em nosso objeto de estudo, percebemos essa discussão, não só nos vídeos aqui analisados, mas também em outros do mesmo canal e também da própria série. Não podemos acreditar que a busca por uma padronização de conteúdos e corpos que os produzem são inerentes ao sistema e que podem ocorrer sob uma visão inocente. Outros produtores de conteúdo que abordam essa questão atualmente também concordam com a invisibilidade provocada pelas próprias plataformas e seus respectivos algoritmos. Ainda que não seja de nossa alçada entrar nessas questões reflexivas e analíticas, não podemos deixar de lado o quanto isso influencia na produção de conteúdos como o que nos propomos a analisar aqui, além de ser alvo de discussão e reflexão para o que trouxemos neste trabalho no arcabouço teórico e metodológico, na promoção de identificação e construção de identidade. Tais reflexos podem resvalar, portanto, na produção de sentido midiativista que todos esses conteúdos carregam, considerando as características conceituais do termo, apresentadas no decorrer deste trabalho.

Nesse sentido, é preciso repensar questões de gêneros, e não as abolir. É preciso que elas coexistam e reexistam, e não que busquem seu apagamento ou negação; é preciso pensar em múltiplas representações e manifestações socioculturais e não construir apenas outra hegemonia.

No entanto, embora o caminho progressista indique o meio dos movimentos sociais como contexto e busca por essa saída, eles não abarcam (nem devem dar conta, de fato) essas mudanças que são estruturais da sociedade, para além de pequenos grupos ou determinados indivíduos. E é nesse ponto que o trabalho de Connel

(1995) justifica o trabalho que aqui apresentamos, a fim de “tentar reformular o conhecimento, expandir a compreensão e criar novas capacidades para a prática (...) ao buscar contra-narrativas em busca de contra-significados” (Connel, 1995, p. 204).

3.1.1 Heteronormatividade, masculinidades e suas interseccionalidades

Ao refletir sobre as masculinidades negras, muitas perspectivas se empreendem, sobretudo representadas (e orientadas) pela heteronormatividade. Questões sociais e emotivas que perpassam a construção das masculinidades negras estão em discussão em vídeos (como os analisados aqui), outras mídias como podcasts, textos, mídias tradicionais e em rodas/grupos de debates (Silva Junior; Caetano, 2018). Em sua maioria, a questão é apresentada sob um debate inicial acerca da virilidade masculina – que é muito imputada principalmente aos homens negros – e da sexualidade. A questão é apresentada, também, relacionada a problemas político-sociais, ao encarceramento, ao racismo criminal e à violência atribuída aos homens negros – temas, inclusive, também abordados em outros vídeos da série que aqui analisamos.

Nesse recorte temático, ancorado na heteronormatividade e em suas respectivas representações e atribuições, destacamos os trabalhos de Bola (2021) e de Caetano e Silva Junior (2018). Aquela, uma obra que dialoga diretamente com o público formado por homens negros em primeiro contato acadêmico-literário sobre masculinidade e raça, em uma abordagem mais inicial; e esta, uma coletânea que faz um recorte brasileiro sobre as masculinidades, focado em relatos de experiências e aplicações de estudos para observações preliminares sobre como a imposição da masculinidade hegemônica interfere na construção de masculinidades subjetivas, sobretudo em pessoas negras periféricas, em que a práxis é mais perceptível do que as reflexões teóricas, levando à reflexão a partir

das percepções práticas e não o inverso, como é comum no ambiente acadêmico (Pinho, 2018; Messeder; França; Lima, 2018).

Acreditamos na intersecção de temas, visões, experiências e debates que visam enriquecer a reflexão sobre o tema, em um constante diálogo e relação transversal entre os debates teóricos e práxis além da Academia. Nesse sentido, visando promover um debate que acolha esses públicos e abordagens, destrincharemos alguns temas trabalhados nas obras supracitadas que dialogam com o debate empreendido nos vídeos, como veremos com mais detalhes a seguir, nas seções de metodologia e análise deste trabalho, a fim de apontar possíveis contribuições que este trabalho pode tecer em comunhão com o que já se apresenta e se debate sobre o tema em diferentes meios, experiências e públicos.

Partindo desse recorte e aprofundamento, Bola (2021) elenca nove mitos sobre a masculinidade – trabalhando no singular, e não no plural, por compreender que esses estereótipos se referem mais ao que se espera do que é ser masculino na sociedade patriarcal do que das possibilidades de ser homem em uma sociedade mais igualitária. São eles: i) homem de verdade; ii) os homens são puro lixo; iii) o cara legal/o cara bonzinho; iv) seja homem; v) “claramente gay”; vi) homem não chora; vii) os homens são mais fortes que as mulheres; viii) os homens são lógicos (e as mulheres são emocionais); ix) os homens têm mais libido/os homens pensam mais em sexo.

Em (i), o autor propõe a reflexão e o debate sobre o que é ser considerado homem “de verdade”, com uma adjetivação calcada na heteronormatividade incentivada (e respaldada) pelo patriarcado. Tal premissa pressupõe que há homens que seguem essa norma, firmando-se como homens “de verdade” e outros que fogem delas, distanciando-se do que é ser homem. Ademais, consideram afazeres banais do cotidiano da casa e o respeito às mulheres como um adendo a ser “homem de verdade”, nivelando por baixo uma masculinidade (no singular por prever uma nova hegemonia) afastada do patriarcado, que pode ser debatida e construída.

Nesse mesmo sentido, o segundo mito presume a relação respeitosa afetiva entre homens e mulheres se referindo à opressão que nós exercemos sobre elas. Tais opressões devem sempre ser consideradas no âmbito coletivo, colocando-nos como parte e agente do problema, não levando para a seara pessoal, ainda que atitudes individuais se afastem dessas relações abusivas aqui retratadas. É nesse sentido coletivo que ancoramos os debates e considerações acerca do Midiativismo produzido e provocado pelos vídeos aqui analisados e referenciais teóricos estudados.

Nesse contexto coletivo, é preciso que nós, homens, reconheçamos as posições de privilégio nas quais o patriarcado nos coloca. O terceiro mito representa um indício do que consideramos, ao longo da discussão empreendida nesta seção, das novas masculinidades hegemônicas, a partir da expressão de sentimentos e representação mais sensível do que a anteriormente firmada. Assim, o mito (iii) se relaciona com o (i), mas se diferencia nessa carga emocional/afetiva, não reconhecendo a posição de privilégio que o circunda.

Em contrapartida, a repressão de sentimentos é considerada como sinal de força, no sentido de se assumir o que se faz e sente. Dessa maneira, (iv) reforça o aspecto da virilidade na imposição do que é ser homem, repercutindo a máxima de que “homem não chora” (vi), reforçando o estereótipo abordado no mito (v), que considera essas manifestações emotivas como características exclusivamente homoafetivas e homossexualizadas.

O controle das emoções e a expressão da força também guiam os mitos posteriores. O enunciado (vii) reforça a dicotomia binária entre homens e mulheres, delimitando diferenças de construção social que são impostas e estereotipadas, numa perspectiva de força e resistência que, na realidade, não tem nenhuma relação com gênero. Nessa mesma toada, em (viii), desconsidera-se a variedade de emoções e há um confronto entre lógica e sentimento que deve cair por terra. Por fim, o último mito elencado por Bola (2021) faz referência à virilidade e à performance sexual, ressaltando que casos

de abuso sexual, por exemplo, não são expressões de atração ou desejo sexual, mas sim, uma manifestação violenta da relação de poder que o homem exerce sobre a mulher – relação essa fomentada pelo patriarcado.

Apesar de essas discussões acima apresentadas serem, certa maneira, superficiais aos estudos teóricos de masculinidades, julgamos pertinente trazer aqui em uma apresentação mais aproximada do que se discute sobre o tema na sociedade, em debates práticos e não acadêmicos, ressoando, também por isso, em nosso objeto de estudo e outros produtos midiáticos que promovem essa discussão. Os tópicos supracitados, como já alertado anteriormente, ainda estão ligados ao binarismo de gênero e social, parecendo ignorar as complexidades que envolvem a construção das identidades a partir de suas subjetividades e individualidades. No entanto, ainda ditam regra do convívio coletivo e da representação geral da masculinidade (no singular), tema que nos é caro, principalmente pelo caráter social e de comunidade que o Midiativismo presume.

Nesse sentido, é importante ressaltar a marca de discriminação racial que opera na definição do que é considerado o homem “ideal”, “de verdade”, inserido na nossa sociedade patriarcal. Fanon (2008) metaforiza a partir do uso da linguagem como algo impositivo e, em sua realidade, da língua francesa como expressão dessa veracidade e credibilidade que o homem busca ser e se firmar. A metáfora presente também no título de sua obra, a respeito das “máscaras brancas”, já sugere o que os homens negros foram ensinados a fazer e como foram ensinados a se portar para se manterem na sociedade e conquistarem, minimamente, os espaços que a eles foram negados e dos quais eles foram excluídos.

Silva Junior e Caetano (2018) reiteram que o processo cruel de colonização reverberou fortemente na construção do que se é considerado masculinidade hegemônica, como discutido anteriormente nesta seção. Os autores acreditam que estudar e vivenciar as masculinidades negras já são, por si só, processos

decoloniais de masculinidade, considerada contra-hegemônica, uma vez que vai na contra-mão do que se foi imposto historicamente. Assim, referenciando Fanon (2008), os autores postulam que a masculinidade negra está em um “não-lugar”, entre identidades marginalizadas socialmente e exaltadas sexualmente ou no aspecto da virilidade, ignorando suas individualidades e (re)construções atuais – e decoloniais.

Sob esse aspecto linguístico e colonizador, Kilomba (2019) também indica o poder da linguagem na identidade e no processo de construção de subjetividade. Ainda que não seja nosso foco principal aqui aprofundar nessa temática, abordar a relação entre negritude, construção identitária e representação por meio da linguagem também é uma maneira de considerar a linguagem multimodal como expressão das masculinidades, para além do aparato metodológico, mas como aspecto constitutivo.

É nesse contexto de espaços de expressão discursiva que observamos, como sociedade, a necessidade de espaços midiáticos destinados a essas vozes, com produções próprias e alcances ilimitados, que abordem as questões que lhe são caras em linguagens subjetivas e identitárias que se reconheçam, afastando-se do que foi imposto até então, principalmente da lógica hierárquica e capitalista na qual a sociedade branca patriarcal opera. Assim, emanam novas representações de masculinidades que, até então, foram subjugadas e silenciadas, embora sempre existentes e resistentes. Tais representações ressoam na forma como esses homens se portam e escolhem ser representados e autorreferenciados. A saber, passam a performar a masculinidade da qual querem se sentir parte e pela qual querem se sentir representados, não apenas no âmbito pessoal, mas também coletivo, social, político e midiático, ainda que reverbere tais representações hegemônicas, uma vez que “a masculinidade é uma performance, ou seja, ela é representada de uma maneira que reforça a visão do

que é amplamente considerado normal para os que nasceram [*le se reconhecem como*]¹² homens” (Bola, 2021, p. 36).

O reconhecimento desse espaço privilegiado é um dos caminhos iniciais para a reconstrução de outras masculinidades possíveis. Ambra (2021) ressalta a importância de se ter estudos atuais sobre masculinidades que, historicamente, ficaram à sombra nos estudos de gênero, mesmo que seja para reconhecer nosso lugar de privilégio que o patriarcado nos oferece.

A masculinidade não é o patriarcado. E, considerando que o patriarcado é uma estrutura opressora que impõe a dominância de um gênero sobre o outro, precisamos imaginar e manifestar uma masculinidade que não dependa do patriarcado para existir, uma masculinidade que enxergue a necessidade da igualdade de gênero não apenas como ferramenta de sobrevivência, e sim como um impulso para prosperidade (Bola, 2021, p. 36-37).

Isso comprova que é possível pensar, articular e construir outras formas de ser homem e representar essas masculinidades. O autor reafirma a existência dessa pluralidade de maneiras de ser e homem e performar masculinidades. E completa: “essa visão globalizada e singular da masculinidade é muito mais um projeto de culturas e ideologias hegemônicas, que tentam impor suas crenças e entendimentos sobre outras nações e culturas” (Bola, 2021, p. 108).

É nesse contexto plural que, como abordamos anteriormente neste texto, tratamos o processo de masculinidades no plural, sob a ótica da interseccionalidade. Reconhecer estruturas de opressão e dominação e o quanto elas nos beneficiam também são partes importantes e constitutivas de nossas identidades. A forma como cada um pratica ou performa sua masculinidade não o faz mais ou menos homem que o outro. A visão globalizada e padronizada do homem, como cor, virilidade e sexualidade, são imposições ideológicas e capitalistas, como expressão do poder hegemônico,

¹² Trecho adicionado por nós, para incluir homens trans na discussão. Embora sejam criados e inscritos, inicialmente, sob outros aspectos, se consideramos que a discussão de masculinidades também é interseccional, não podemos excluí-los do debate e da representação.

colocando à margem quaisquer outras representações e expressões que fogem desse padrão ou normativa.

Masculinidades negras são construídas e representadas a partir de um olhar interseccional, considerando a raça, o gênero e as classes sociais, seguindo a ordem do olhar do feminismo interseccional (Akotirene, 2019). Dadas as devidas proporções, necessidades, apagamentos e visibilidades, consideramos salutar compreender o estudo das masculinidades sob a ótica interseccional, uma vez que estamos, todas as pessoas, inseridas em uma sociedade cis-heteronormativa, em que o patriarcado impera firmando-se como “um sistema político modelador da cultura e dominação” (Akotirene, 2019, p. 67).

Ainda que a interseccionalidade esteja mais diretamente relacionada aos estudos de feminismo, sob a ótica de estudos de gênero, acreditamos que nossa pesquisa tende a se potencializar se nos ancorarmos na interdisciplinaridade teórico-metodológica, como já apresentamos, e na intersecção de causas e lutas que constituem e formam as subjetividades nas quais as masculinidades, aqui debatidas, são construídas. Dessa maneira, destacamos o conceito no qual, conforme consideramos, nosso estudo se baseia, definindo a interseccionalidade como

a conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, as opressões de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento (Crenshaw, 2002, p. 177).

Como já apontado, a estrutura discriminatória fomentada pelo patriarcalismo atinge não somente as mulheres, mas também homens, principalmente aqueles cujas características subjetivas e sociais são oprimidas pelo sistema, como a raça, a classe e a sexualidade – temas que perpassam os assuntos dos vídeos aqui

analisados e abordados nos estudos de masculinidades. Especialmente sobre a construção histórica das masculinidades negras, o colonialismo exerceu forte influência na visão do homem viril, forte, que não expressa emoções, violento e sexualizado (Akotirene, 2019). No entanto, importante ressaltar que, apesar dessa abordagem, os homens continuam em uma estrutura de poder e privilégio na organização social sobre as mulheres, construindo, inclusive, novas formas de masculinidade hegemônica, fazendo valer e reafirmando seus espaços de atuação e formas de poder (Bourdieu, 2021).

Nesse contexto, Collins (2017) nos leva a refletir acerca das fronteiras entre os estudos acadêmicos e suas aplicabilidades em grupos sociais, principalmente na conceituação e na respectiva crítica no que se refere à definição e vivência da interseccionalidade. Tais questionamentos devem sempre estar em destaque, levando em consideração a prática que nossas produções acadêmicas visam e impulsionam. Contextualizando para este trabalho, é essa a premissa que rege o Midiativismo: mudança social a partir do uso das mídias, representadas, aqui, pelos vídeos em análise e pelos conceitos abordados neles e aprofundados neste trabalho, seja como referencial teórico, seja como processo metodológico.

A midiática da sociedade e das relações também impactaram na midiática da masculinidade. A autoexposição exacerbada, incentivada pelas redes sociais digitais, também contribui para o incentivo à autorrepresentação midiática, em uma supervalorização da imagem do corpo, o que evidencia como esses homens se mostram e querem ser vistos nesses espaços – digitais e físicos.

Ao mesmo tempo em que a Internet e as redes expandiram os espaços de manutenção do poder masculino, a partir de suas manifestações misóginas e contatos violentos com outras pessoas (principalmente mulheres) “escondidos” atrás de páginas e perfis *fakes* ou no imediatismo de aplicativos de encontros, esse mesmo ambiente digital também ampliou espaços para que outros homens

repensassem seu papel na sociedade e na reconstrução da masculinidade.

É nesse contexto que iniciativas como os vídeos aqui analisados se encontram e se manifestam. Projetos que incentivam a reflexão dão mais visibilidade e promovem discussões e mudanças sociais, cerne do ativismo e do Midiativismo, ainda que a partir de uma seara pessoal – que só se torna ativista quando compreende e abarca a sociedade em geral.

É nessa esteira que estabelecemos o fio condutor social desta pesquisa, numa miscelânea entre ativismo e mídia, nas suas relações e implicações sociais suscitadas, promovidas e mediadas pelas linguagens. Percebemos, portanto: o **ativismo**, como construção e impacto coletivo; o processo de **educação** que extrapole os espaços formais de ensino, focando na (e considerando a) formação de conhecimento para aplicação e vivência social; e os **materiais midiáticos** que promovam a relação entre esses dois fatores elencados anteriormente, como é o caso dos vídeos em que debruçamos nossas análises, que são produtos midiáticos que visam promover mudança social a partir de seus elementos e características que os classificam como Midiativismo.

4.DISCURSOS MULTIMODAIS EM VÍDEOS E SUAS PRODUÇÕES DE SENTIDOS: CAMINHO METODOLÓGICO TRANSDISCIPLINAR E SOCIAL

A metodologia deste trabalho está baseada em dois principais pontos de análise: i) produção/produto (Van Leeuwen, 2016); e ii) ambiente midiático on-line como espaço de circulação/distribuição (Di Felice, 2017; GERBAUDO, 2021).

Em (i), consideramos o vídeo um produto discursivo multimodal. Nesse sentido, levaremos em conta os diversos elementos que constituem o vídeo, tais como o cenário, a postura, a roupa, o texto, a distribuição dos convidados, dentre outros modos a serem observados. A análise da multimodalidade em vídeos é fundamental para nosso estudo, na medida em que permite analisarmos o produto especificamente, ou seja, os discursos que o vídeo evoca, como ele se constitui na produção de sentido à qual se propõe, e, também, como um meio de promover e praticar o Midiativismo que aqui consideramos ser realizado.

Para tanto, utilizaremos o *site* livre *Down Subs*¹³, uma ferramenta para transcrição da legenda do vídeo do *YouTube* para termos acesso direto às falas; e a descrição manual do vídeo, em relação às cores e posicionamentos dos participantes deles, que servirá de base para nossa análise multimodal. Dessa forma, teremos acesso a todo o conteúdo discursivo do vídeo, considerando os elementos elencados anteriormente neste texto e outros que o material pode vir a nos oferecer, para realizarmos a análise multimodal que estamos propondo.

Já na distribuição (ii), interessa-nos observar como o vídeo circula na Internet, um espaço de discussão e de formação de opiniões. Reconhecer o ambiente online como sendo esse espaço é fundamental para nossa análise, uma vez que permite compreender

¹³ Disponível em: <https://downsub.com/> Acesso em: 15 de setembro de 2022.

e relacionar o Midiativismo com o ativismo fora das redes digitais. Em outras palavras, como pontua Di Felice (2017), reconhecer a mudança de arena de debates do off para o on-line, guardadas as devidas características e peculiaridades.

A partir da intersecção desses dois níveis de análise, buscamos, portanto, compreender como o Midiativismo ocorre nos vídeos produzidos pelo canal *Muro Pequeno* para o projeto *Creators for Change*. Ou seja, como a linguagem, mediada pela tecnologia, produz sentidos ativistas que impactam na sociedade, considerando seus aspectos multimodais e inseridos em uma grande rede do ciberespaço. Abordaremos, a seguir, como trabalhamos cada um desses pontos metodológicos, a partir do referencial teórico que sustentamos nossa análise.

A principal base metodológica que utilizamos na pesquisa é a produção de sentido a partir da análise da multimodalidade nos vídeos (Iedema, 2001; Norris, 2004; O'Halloran, 2004; Kress, 2016).

Lankshear e Leander (2005) acreditam que, na pesquisa no ciberespaço, a Internet funciona como ferramenta de pesquisa e meio social, ou seja, que oferece material aos pesquisadores. Nesse sentido, utilizamos os “estudos analíticos de texto e discurso sobre comunicação e interação em espaços *on-line*” (Lankshear, Leander, 2005, p. 326), uma vez que nos debruçamos sobre os discursos produzidos pelos *YouTubers* divulgados em uma mídia (*YouTube*).

Entendemos que é essa interação que suscita a formação de sentido (midi)ativista, ou seja, ela se dá a partir do reconhecimento, pelo espectador, do conteúdo e do processo de construção de sua identidade como sujeito inserido em uma sociedade plural. Nesses termos, a pesquisa pretende avaliar os vídeos no *YouTube*, em que os produtores assumem a responsabilidade dos discursos que propagam, em uma autoexibição e defesa dos pontos de vista pelos quais lutam e se posicionam, facilitando o processo de verificação de autenticidade, que, por vezes, pode ser problemática no ciberespaço em detrimento da possibilidade de anonimato que ele reserva.

No ciberespaço, o significado e a verdade chegam às expressões espaciais e textuais. Michael Heim (1999) argumenta que, à medida que novas mídias digitais substituem as formas mais antigas de tipo e palavra impressa, questões sobre como a verdade se faz presente através de processos mais próximos de rituais e iconografias do que de proposições e textos ressurgem em formas semelhantes àquelas discutidas pelos teólogos desde os tempos medievais. Em muitos aspectos, então, a questão sobre as ciências sociais nas realidades virtuais pode ser vista como uma luta entre essas duas orientações para moldar e definir conceitos e práticas de pesquisa no ciberespaço (Lankshear, Leander, 2005, p. 332)¹⁴.

Figueiredo (2007) acredita que documentos de pesquisa apresentam conteúdos que visam elucidar questões suscitadas pelo pesquisador. Tais documentos, aplicados à nossa pesquisa, são os discursos dos *YouTubers*, em que trabalhamos a partir de sua observação visual e transcrição do texto divulgado. Assim, concordamos com Sá-Silva *et al.* (2009) que afirmam que “a pesquisa documental propõe-se a produzir novos conhecimentos, criar novas formas de compreender os fenômenos e dar a conhecer a forma como estes têm sido desenvolvidos” (p. 14)

Cellard (2008) lista cinco dimensões que devem ser consideradas como critérios de análise documental, as quais se encaixam em nossas futuras categorias analíticas e características que daremos especial atenção, a saber: i) contexto; ii) autor; iii) autenticidade e confiabilidade do texto; iv) natureza do texto; v) conceitos-chave e lógica interna do texto.

i) Embora o autor se refira a pesquisas em documentos históricos, tal categoria é primordial para nosso estudo, uma vez que, em sua maioria, os vídeos comentam algum acontecimento

¹⁴ Tradução nossa para: “In cyberspace, meaning and truth arrive in spatial as well as textual expressions. Michael Heim (1999) argues that as new digital media displace older forms of type and printed word, questions about how truth is made present through processes that are closer to rituals and iconographies than to propositions and text re-emerge in similar forms to those discussed by theologians since medieval times. In many ways, then, the question about social science in virtual realities might be seen as a struggle between these two orientations to shape and define concepts and practices of research in cyberspace”.

relevante na sociedade daquele momento, levantando questões e pontos polêmicos a fim de promover a reflexão e incitar atitudes ativistas para a possível mudança do paradigma social que critica. Nesse sentido, em nosso *corpus*, é importante abordar em que contexto sociopolítico nacional foram produzidos aqueles vídeos, a fim de identificarmos e apontarmos situações cotidianas e sociopolíticas que o vídeo critica, contextualizando, portanto, o ativismo que se propõe a fazer e a promover, além de considerar o contexto na análise dos comentários.

ii) Reconhecer o produtor de conteúdo como um sujeito inscrito na sociedade. Reconhecer, também, a importância de estudá-lo a partir de sua identidade construída, que busca transmitir e fundamentar a relação que ele estabelece com o tema e os convidados. Assim, o estudo do discurso oral se faz crucial na medida em que os outros modos o complementam e constituem, integrando experiências pessoais e coletivas.

iii) O caráter testemunhal é muito recorrente nos vídeos do *YouTube*, ou seja, em muitas vezes os *YouTubers* relatam casos que ocorreram consigo ou com pessoas próximas. Mesmo que não estejam inseridos nas situações que relatam, aproximam o acontecimento à sua realidade e à de seus seguidores a partir do relato mais pessoal, criando uma familiaridade com a testemunha ocular. O objetivo é provocar maior identificação, tanto própria quanto de quem assiste, com o conteúdo produzido. Assim, o próprio *YouTuber* busca, a partir do que relata no vídeo, demarcar a autenticidade e a veracidade do que reproduz e cria, como forma de oferecer maior credibilidade ao conteúdo que se produz.

iv) Além de nos atermos ao contexto sociopolítico em que o discurso e o vídeo foram produzidos, é preciso levar em consideração o contexto audiovisual no qual o texto está inscrito. Trata-se de produto audiovisual da Internet, logo, é fundamental considerar os aspectos multimodais e visuais presentes nos vídeos, situando-os no ciberespaço. Tais especificidades ancoram nosso referencial bibliográfico em linguagem multimídia e audiovisual,

além da intersecção entre linguagem e tecnologia, considerando o contexto de produção e suas características de produto midiático, exemplificado, em nossa pesquisa, pelo vídeo no *YouTube*.

v) Além de situar a produção audiovisual em questão no ciberespaço e considerar, também, o seu público-alvo majoritariamente jovem, tal aspecto também se relaciona com nosso objetivo na pesquisa de apontar as estratégias discursivas utilizadas pelos *YouTubers* a fim de promover o Midiativismo que se propõe a fazer.

Como adiantamos anteriormente, as masculinidades também servem de critério metodológico de nossa pesquisa, principalmente em sua junção e complemento com a multimodalidade. Nesse contexto, um aspecto fundamental a ser considerado é em relação à performatividade esperada e exercida de homens negros, com foco no que se pode observar nos vídeos aqui analisados. A performance da representação da masculinidade hegemônica, mais que critério de análise, é ponto de partida para a reflexão de como a linguagem multimodal e as masculinidades estão interligadas, visando a produção do sentido de perpetuar o que se tem de padronizado ou fomentar inovações e contra-hegemonias.

As performatividades são produzidas por meio da reiteração de gestos, falas etc., e que, ao se valerem dos elementos disponibilizados com a cultura, reforçam a ideia da existência de uma essência e/ou um modo preestabelecido de existir (...) A identidade é um emaranhado de atos linguísticos performativos em que o discurso tem o efeito de materializar e criar nos corpos a inteligibilidade social (Silva Junior; Caetano, 2018, p. 195).

Considerando o aspecto social deste trabalho, não só pelo caráter ativista no qual estamos ancorados, mas também pela interação social e pela multimodalidade da linguagem como meio para que ele se materialize, a metodologia se desenvolve de maneira integrada. Tomando como base a transdisciplinaridade da Linguística Aplicada, a pluralidade da linguagem multimodal e a diversidade de masculinidades, o percurso metodológico que lançamos aqui considera o atravessamento de todos esses aspectos a fim de levantar reflexões, discussões e novas perguntas, culminando

no que prega o Midiativismo em relação à mudança social a partir do uso midiático e suas representações possíveis.

A metodologia, portanto, baseia-se na relação que se estabelece entre os discursos multimodais presentes nos vídeos e o sentido ativista ao qual eles estão interligados e que buscam incentivar, considerando o hibridismo de espaços entre o virtual e o off-line. Acreditamos que, com essa triangulação de dados, sendo a interação do ciberespaço o alcance daquele material, o vídeo o discurso e os comentários a reação/recepção como forma de expressão ativista, é possível apontar como esses vídeos funcionam como produtos midiativistas e como podem promover a mudança social a partir da comprovação e da referenciação do público que os consome.

4.1 Metodologia e algoritmo de análise

Para promover uma análise dessa magnitude, principalmente inserida em uma pesquisa de pós-graduação, é importante estabelecer critérios e etapas do procedimento metodológico bem definidos, buscando tanto a replicabilidade da pesquisa quanto a padronização metodológica para que a análise seja feita (Lima-Lopes, 2012). Assim, neste tópico, descreveremos esse percurso analítico, salientando a interconexão entre os modos de linguagem a serem analisados, uma vez que estamos diante de produtos complexos e que a produção de sentidos, que esses vídeos buscam suscitar, advém da interação entre os modos semióticos aqui previamente apresentados e outros que a própria análise pode vir a levantar (Jewitt, 2016).

Sendo assim, nossa análise se dá no entrecruzamento de dois percursos teórico-metodológicos: a **linguagem multimodal** aliada a aspectos de **masculinidades**. Entendemos que a intersecção entre esses dois caminhos culmina no sentido midiativista que os vídeos se propõem a provocar. Antes de aprofundarmos como essa intersecção metodológica se dará no nosso *corpus*, julgamos

importante descrever as etapas de análise, que formam, então, esse algoritmo aqui desenvolvido:

I. Acesso ao *YouTube*, canal Muro Pequeno, projeto *Creators for Change*.

Quando digitamos, no espaço de busca do *YouTube* em uma guia anônima¹⁵, as palavras-chave “Muro Pequeno *Creators for Change*”, os vídeos aparecem sem uma ordem previamente estabelecida, sem se levar em conta a cronologia ou número de visualizações. Nessa ordem, portanto: i) #HomemNegro 1: Onde estão os homens negros? | *Creators For Change*; ii) #HomemNegro 3: Família e Paternidade Negra | *Creators For Change*; iii) Muro Pequeno | *YouTubeCreators for Change*; iv) #HomemNegro 2: Violência e Encarceramento | *Creators For Change*; v) #HomemNegro 4: Machismo na comunidade negra | *Creators For Change*; vi) #HomemNegro 5: Bichas pretas e a masculinidade | *Creators for Change*; vii) #HomemNegro - Teaser | *Creators For Change*.

Interessante observar que o terceiro vídeo de resultado da busca (iii) é uma *playlist* elaborada pelo canal do projeto *Creators for Change* que, nesse caso, apresenta o primeiro vídeo da série #HomemNegro como o primeiro da *playlist*, seguido do documentário do outro canal brasileiro participante do projeto, o filme “Negritudes Brasileiras”, do canal “Afros e Afins”, de Nátaly Neri. Em seguida, outros vídeos integrantes do projeto, de outros países.

Essa primeira busca é importante para nos dar um panorama geral da produção do canal relacionada ao projeto *Creators for Change* e como ela é elencada pelo algoritmo da plataforma, indicando uma possível ordem de consumo dos vídeos.

¹⁵ Especificamos a navegação anônima para que o histórico de buscas e visualizações aos vídeos não interferissem no resultado, criando, assim, um algoritmo que possa ser reproduzido em pesquisas futuras.

II. Escolha dos vídeos analisados

Antes de assistir aos vídeos a serem analisados, assistimos ao último vídeo que aparece na lista do resultado de busca: Teaser da série #HomemNegro. Esse é o momento fundamental para o trabalho, uma vez que apresenta informações gerais sobre os conteúdos que vamos consumir, além de indicar o objetivo do vídeo, o contexto no projeto e a relação ativista com o conteúdo. Nesse vídeo, há uma frase que nos chama a atenção: “Mais que uma conversa, uma convocação”. Entendemos que o Midiativismo se dá na prática, na ação, na convocação a partir do diálogo e da informação – aqui representados pelos vídeos nas formas e conteúdos em que são produzidos e veiculados.

Esse vídeo de apresentação da série se encerra com a fala de Murilo convidando a assistir aos vídeos: “eu queria muito convidar você pra vir com a gente nessa conversa sobre o desafio e a potência que é ser um homem negro”, seguido das informações de exibição dos vídeos, diariamente, de 12 a 16 de novembro (de 2018), às 11h. Assim, com essa indicação de que seria uma série com início e fim, pudemos fazer o recorte analítico, entendendo a série como uma narrativa totalizante, em que o primeiro e o último vídeo ocupam essa posição não por acaso, mas por um sentido que o produtor visa transmitir e provocar.

III. Tema dos vídeos e relação com a pesquisa

A temática dos vídeos como um todo é a masculinidade negra, como o próprio nome da série indica. Assim como apontado no teaser de apresentação da série, cada vídeo trata de um tema inserido nas masculinidades negras. O primeiro vídeo, “Onde estão os homens negros?”, abre a série para abordar os espaços que esses homens ocupam na sociedade e na produção de conteúdo digital. Já o último, “Bichas pretas e a masculinidade”, retrata como vários

homens negros performam suas masculinidades e como isso os afeta no convívio social e no processo formativo.

Assim, a escolha desses dois vídeos já nos indica um percurso teórico que se relaciona com nossa grande área de pesquisa. Aqui apresentamos, anteriormente, nos capítulos referentes às reflexões teóricas, que nossa área de pesquisa abrange a produção de conteúdo digital, a ocupação de (ciber)espaços, e as representações e performatividades das masculinidades, especificamente as negras.

IV. Análise da multimodalidade e masculinidades

Sendo assim, chegamos ao ponto crucial deste algoritmo de análise, que vai ditar o processo analítico deste trabalho: a intersecção entre essas duas grandes áreas de estudo e aplicação como reflexão do tema e produção de sentido que culmina no Midiativismo como prática e fenômeno sobre o qual lançamos nosso olhar. Dessa forma, elencamos, a princípio, três bases de análise como critérios que fundamentam e embasam nossas análises:

a) Voz e masculinidades

O tom de voz pode indicar sentimentos e representações que permeiam o imaginário social acerca da definição de gênero e sua performance. Portanto, esse critério visa analisar como essa alteração no tom de voz e no timbre próprio de cada pessoa pode se relacionar à expressão dessa masculinidade e o quanto isso impacta na produção de sentido sobre o tema e sua relação com o propósito ativista que a série se propõe a debater e representar.

b) Roupa e representação das masculinidades negras

Principalmente os dois vídeos escolhidos para a análise são muito representativos nesse sentido. Ainda que esse não seja um critério previamente estabelecido e fundamentado na literatura sobre linguagem multimodal, como elencamos nos capítulos anteriores, consideramos que a roupa é um meio de expressão de discurso, posicionamento e construção de identidade que é crucial para a produção de sentido em vídeos, principalmente os

produzidos com o intuito especial de debate e produção ativista, como esses que aqui analisamos. Assim, o vídeo 1, por exemplo, visa a demarcação de identidade e visibilidade do homem negro, ao se questionar onde estão em um vídeo em que são protagonistas. Ao passo que no vídeo 5, a questão da sexualidade perpassa e pode ser representada por meio das cores e acessórios que as pessoas utilizam para se vestir, demarcando sua identidade, orientação e, muitas vezes, produzindo uma intersecção de objetos, cores e vestimentas que socialmente são ditas a partir do gênero e de sua performance.

c) Postura e masculinidades

Como um modo de linguagem multimodal, a postura pode construir distintos significados a partir tanto da sua contextualização interna no vídeo quanto da sua representação social-discursiva. Como já apresentamos em estudos anteriores (Lima-Lopes; Câmara, 2019), esse é um modo que nos indica a relação com o espectador e com o tema a ser discutido no momento, produzindo sentidos que vão guiar sua representação e relação com o discurso e seus espectadores internos e externos. Assim, essas relações podem promover discussões e destaque de temas que são relevantes para a produção de sentido ativista, firmando-se como um dos modos de linguagem midiativista.

Para estabelecer melhor a relação direta entre as análises dos vídeos e esses modos de linguagem acima definidos, estabelecemos como critérios analíticos os seguintes subtópicos, que abrangem os critérios elencados:

I. Aspectos multimodais (ocupação de espaços e visualidades não normativas) – neste tópico, diferenciado para cada especificidade temática do vídeo, abordaremos, principalmente, aspectos relativos ao cenário, aos elementos cênicos e à proxêmica, dialogando com o debate suscitado pelo tema apresentado;

II. Vozes e representações das masculinidades (na busca de espaços e contra-hegemônicas) – também específico para cada vídeo, aqui, com base nos estudos sociosemióticos e de multimodalidade sobre o som, analisamos como as vozes e os referidos tons dos

participantes se relacionam com as representatividades das masculinidades;

III. Cores, roupa e a busca da representação e ancestralidade negras – nesse critério, o foco central é na caracterização e no vestuário dos participantes, relacionando como eles dialogam com a representação racial, também presente no discurso oral;

IV. Postura, gestos e a imposição e sensibilidade de masculinidades negras – por fim, o último tópico analítico se debruça sobre a postura, o olhar e os gestos dos participantes, a fim de elencar como esses elementos multimodais dialogam e representam as masculinidades ali debatidas e representadas.

V. Critérios de análise

Somado a esses tópicos acima apresentados, outros critérios de análise multimodal estão sendo empregados na análise, de modo a aprofundar e promover reflexões mais amplas de sua produção de significado. Assim como também já abordado em trabalhos anteriores (Lima-Lopes; Câmara, 2019; Lima-Lopes; Câmara; Oliveira, 2021), observaremos os modos de linguagem apontados na seção 3 deste trabalho como critérios de análise multimodal. Chegamos, então, à construção do quadro a seguir, que reúne e resume os aspectos principais a serem analisados, ainda que nos aprofundemos em elementos que o *corpus* nos ofereça.

Tabela 1: Multimodalidade descritivo-analítica

Modo	Contexto descritivo	Significante	Significado
<u>Cenário</u>			
<u>Elementos cênicos</u>			
<u>Caracterização/Vestuário</u>			
<u>Gestos</u>			
<u>Postura</u>			
<u>Som e tom de voz</u>			
<u>Olhar</u>			
<u>Discurso oral</u>			
<u>Interconexão dos modos</u>			

Fonte: Lima-Lopes; Câmara, 2019 (adaptado)

Considerando esses modos como critérios analíticos, o cenário é o espaço em que os vídeos são gravados, o que o compõe. Nessa composição, estão presentes alguns objetos que caracterizam os elementos cênicos. Uma vez que a análise multimodal prevê também a construção visual dos sujeitos que são midiaticizados, a caracterização e o vestuário dos participantes também são considerados.

Os gestos que eles fazem, seja enquanto falam ou apenas escutam, também são importantes pontos de análise para este trabalho, tal qual a postura em que ficam, firmam e modificam no decorrer do vídeo. Em suas falas, o tom de voz pode variar, sendo este critério relacionado aos estudos de sons para os quais a multimodalidade contribui.

A interação entre os participantes também pode se dar a partir da troca de olhares entre eles, que guia a forma como o espectador assiste ao conteúdo. Todos esses elementos são perpassados por, ou guardam profunda relação de interdependência com o que falam. Portanto, o discurso oral e verbal é o fio condutor dos produtos midiáticos e debates que são ali levantados. Por fim, a interconexão dos modos figura como uma espécie de resumo de como todos os modos acima elencados se relacionam e produzem o sentido sobre o qual discutimos aqui.

Apesar de apresentarmos os critérios pré-estabelecidos em uma espécie de sistematização da nossa análise dos vídeos, ressaltamos que a análise empreendida neste trabalho é qualitativa no viés interpretativo, afastando-se, portanto, da análise sistêmica valorizada na Análise Crítica do Discurso. Ainda que esta seja nossa base teórico-metodológica e seja a filiação do campo de estudo da Linguística Aplicada no qual este trabalho se insere, nossa análise não segue os moldes pregados pela linguística sistêmico-funcional no critério analítico em formar padrões de análise e métricas, como feito em trabalhos anteriores (Câmara; Lima-Lopes, 2021), mas sim, partimos de interpretações possíveis do que os elementos nos oferecem.

Assim, apresentamos, a seguir, o objeto de estudo e nossas análises sobre eles, com base no arcabouço teórico-metodológico aqui apresentado, perpassado pelas experiências subjetivas materializadas nos discursos orais, culminando na interconexão dos modos anteriormente elencados, a fim de produzir sentidos midiativistas atravessados pelas masculinidades que os constituem.

5. OBJETO DE ESTUDO: *CREATORS FOR CHANGE* E A SÉRIE #HOMEMNEGRO DO CANAL MURO PEQUENO

Para compor o *corpus* deste trabalho, tomamos como base o projeto *Creators for Change*, criado pelo *YouTube* mundial, que reconhece e incentiva canais que discutam e promovam a mudança social em todo o mundo. Iniciada em 2016, a iniciativa destaca criadores de conteúdo que usam o alcance internacional do *YouTube* para incentivar debates e causar impacto positivo e real, sobretudo nas comunidades em que estão inseridos.

Importante ressaltar que esse é o recorte analítico para esta tese, a aprofundar análises desses vídeos inscritos no projeto, mas, como pano de fundo, temos o canal como um todo e as narrativas que ele emprega produzindo sentido midiativista a partir da multimodalidade. As reflexões acerca do projeto, abordadas aqui, também já foram inicialmente elencadas em outras publicações, relacionando a iniciativa do *YouTube* com o Midiativismo em si (Câmara, 2022). Apresentaremos mais essas questões a seguir.

5.1 Projeto *Creators for change*

“Com o que você se importa mais profundamente? Como você acha que o mundo precisa mudar? E o mais importante ... quando foi a última vez que você fez um vídeo sobre isso?”. Essas são algumas perguntas norteadoras do *Creators for Change*, presentes no *site* e no vídeo de divulgação do próprio projeto. Certa maneira, tais inquietações também guiam esta pesquisa, acreditando no poder transformador das mídias atuais na sociedade e, em nosso caso, na resistência que é fazer pesquisa no Brasil, principalmente entre 2019 e 2022, período de escrita deste trabalho de doutorado sob um governo federal que descredibiliza o papel da pesquisa e da universidade pública.

O projeto *Creators for Change* apresenta cinco principais diretrizes que servem como base de incentivo para a criação dos conteúdos para os canais inscritos nele: i) Sua força é sua voz. Use-a; ii) As histórias se agarram enquanto os fatos se desvanecem. Encontre a história; iii) A coragem é contagiante. Espalhe; iv) Comunidades são complicadas. Aprenda com elas; v) As pessoas querem ajudar. Dê-lhes algo para fazer.

O primeiro busca valorizar a identidade e o perfil dos canais e produtores, para que eles utilizem a linguagem e o estilo que estão mais acostumados e que sejam a marca desses discursos para alcançar os objetivos pretendidos. Nesse sentido, as habilidades e temas já abordados costumeiramente no canal em questão devem ser realçados e melhor desenvolvidos, a fim de causar maior engajamento e, conseqüentemente, maior impacto e possibilidade de mudança social.

No nosso caso de estudo, por exemplo, os vídeos anteriormente produzidos no canal demonstram alto grau de didaticidade do produtor, além da exploração de aspectos multimodais, como as cores e os objetos, narrativas experienciais e de pesquisa, a fim de denotar maior credibilidade, conhecimento de causa e representatividade (Lima-Lopes; Câmara, 2019). Nesse caso, o incentivo da primeira lição do projeto valoriza as especificidades de conteúdo e modos discursivos do produtor para atingir o objetivo de mudança social ao qual se propõe ao se inscrever no *Creators for Change*, reconhecendo que “quanto mais você puder usar sua voz para chamar a atenção para as coisas que importam, mais impacto você terá” (*YOUTUBE, on-line*).

O segundo ponto valoriza as histórias que podem ser contadas na plataforma, o que incentiva o aprofundamento de histórias pessoais, explorando as narrativas autobiográficas. O objetivo é gerar maior identificação entre o público e adesão àquela ideia que está disseminando e incentivando, afirmando que “se você quiser fazer mudanças, comece encontrando uma ótima história para contar”. Nos vídeos que nos propusemos a analisar, assim como a

característica central de canais pessoais no *YouTube*, podemos perceber o uso dessas histórias, em que os participantes dos vídeos relatam casos pessoais, fatos que aconteceram em suas vidas, aproximando o discurso do grande público, gerando maior identificação e, conseqüentemente, engajamento (ou não) na luta que se propõe a representar. Essa característica de identificação que contribui para a construção da sociedade pode ser uma das características do conceito de Midiativismo, conforme trabalhamos anteriormente neste projeto.

Já o terceiro fundamento faz referência à coragem que os produtores devem espalhar. Como em uma forma de convite à luta, o projeto incentiva a produção de conteúdos que vão na contramão do que a cultura dominante prega, firmando-se como um discurso contra-hegemônico alternativo – conceitos que se aproximam do Midiativismo. Esse ponto do *Creators for Change* também se relaciona com o senso de comunidade presente não só no *YouTube*, mas também nos grupos sociais que aqueles produtores inscritos no projeto podem representar. Importante ressaltar esse senso de comunidade e integração que a Internet permite. Ainda que esses grupos não ocupem os mesmos espaços físicos e sequer se conheçam, estão ligados por uma rede de interesses e conexão (Castells, 2013). Essa coletividade incentiva e também pode ser considerada uma característica do Midiativismo, uma vez que diferentes sujeitos se unem a favor de uma causa ou a partir de uma identificação coletiva que fortalece a luta pela mudança social pela qual batalham e na qual acreditam. Com o processo de identificação, também se criam laços afetivos e de certa intimidade, potencializados pela narrativa pessoal empregada em vídeos do *YouTube* em geral. Essa intimidade, como aponta o próprio *Creators*, promove “relacionamento profundo e confiável com seu público-alvo necessário para impulsionar a mudança social”, reafirmando a importância de estratégias emocionais/patêmicas na prática do Midiativismo (Braighi; Câmara, 2018).

Ainda nesse aspecto de coletividade, o quarto fundamento valoriza as comunidades em que os produtores estão inseridos ou desejam retratar e representar. Nessa etapa, o projeto valoriza a integração que os vídeos podem promover, tanto no ciberespaço quanto fora dele. No contexto do *YouTube*, o *Creators* incentiva o que denomina de *feedback*, percebido por meio dos comentários deixados nos vídeos, já que pode ser uma espécie de indicador da recepção do conteúdo, ou seja, de como o público recebe aquele produto e interage com ele. Embora não seja nosso foco de atenção aqui, concordamos que a partir dessa interação pode ser possível aproximar a abordagem de tais conteúdos com os desejos dos públicos, visando promover e aprofundar práticas de mudança social a partir dessa figura de representação e de representatividade.

Por fim, o último fundamento se direciona à ação que a mudança social requer, seja ela uma mudança de percepção, crenças, comportamentos ou ajuda prática a alguma entidade ou pessoa. Nesse sentido, o projeto estimula a produção de conteúdos que coloquem em evidência o principal objetivo ao realizar aquele material, a quem deseja impactar e como pode se dar essa ação incentivada por ele. Para este projeto, é o que temos chamado de “convite à luta” (Câmara; Nogueira, 2018; Câmara, 2018) a partir de ideias práticas de como promover a mudança social que tangencia aquele produto.

Dessa forma, o projeto *Creators for Change* elenca seus principais objetivos e características, que também permeiam nossa pesquisa: voz, história, coragem, comunidade e ação. A partir desses elementos, reconhece o poder ativista que o *YouTube*, como mídia, pode carregar.

Em 2018, foram mais de 16 países representados no programa, incluindo, pela primeira vez, produtores brasileiros. Com o projeto, os criadores recebem apoio financeiro e assistência de produção do *YouTube*, além de atividades, *workshops* e conexões entre diversos produtores. Os embaixadores abordaram temas como discurso de

ódio, xenofobia e, no caso brasileiro especificamente, a questão racial da comunidade negra no país.

5.2 O canal Muro Pequeno

O canal *Muro Pequeno* foi criado pelo jornalista Murilo Araújo em outubro de 2015. Logo na descrição do canal, Murilo se apresenta como “bicha negra cristã e militante”, características marcantes de sua identidade que perpassam os conteúdos publicados por ele. Além disso, muitos dos temas que o produtor aborda em seu canal também estão presentes em outras esferas de sua vida pessoal e acadêmica, principalmente em relação à religiosidade e à homossexualidade, temas de pesquisa em seus cursos de Pós-Graduação e nos movimentos ativistas nos quais atua.¹⁶

Em seu vídeo de apresentação do canal¹⁷, Murilo conta que escrevia, em um *site* que foi extinto, textos relacionados às temáticas de gênero e sexualidade. Com o fim desse veículo, decide, então, criar um canal no *YouTube* para ter um espaço de produção própria e divulgação de suas ideias. Murilo também comenta que foi incentivado pela existência de outros canais cuja narrativa e temática se assemelham ao que ele gostaria de trabalhar. Tal afirmação é importante para nossa pesquisa, pois indica como a produção online é incentivada a partir de outros tipos de conteúdo e como esses produtos circulam no ciberespaço, incentivando cada vez mais pessoas a criarem novas mídias e meios de expressar suas opiniões e, especificamente tangencial ao nosso trabalho, novas formas de fazer ativismo por meio desses produtos midiáticos, a partir da expansão da capacidade de produção, ou, como ele próprio diz no vídeo, um “espaço para trocar ideias e fazer coisas boas acontecer”.

¹⁶ Murilo Araújo é Mestre em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Viçosa (onde se graduou em Comunicação Social – Jornalismo) e iniciou o curso de doutorado em Linguística Aplicada na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Também participa de movimentos da Igreja Católica e a relação com homossexualidade.

¹⁷ <https://www.YouTube.com/watch?v=So4scZv4PZ4>

Em sete anos de criação do canal, Muro Pequeno possui 4.335.512 visualizações e 138 mil inscritos¹⁸. O vídeo mais assistido, “O que a bíblia (não) diz sobre homossexualidade”, conta com mais de 963 mil visualizações e já foi tema de outro trabalho anterior (Câmara, 2019).

5.3 Vídeos para análise

Para o programa *Creators for Change*, Murilo produziu uma série de cinco vídeos (publicados de 12 a 17/11/2018) com a temática central de masculinidades negras. Segundo ele, os vídeos podem ser “caminhos para repensar nossas masculinidades, empoderar nossas vozes e as histórias que a gente tem pra compartilhar”. Tal afirmação coaduna nossos estudos sobre a importância da produção de conteúdos no ciberespaço como forma de empoderar e dar voz àqueles sujeitos que antes, nas mídias tradicionais, não encontravam espaço de expressão. Ainda no vídeo de apresentação do projeto, ele defende que “mais do que uma conversa, é quase uma convocação para que homens negros se unam, troquem ideias, ocupem espaço e transformem as estruturas”. Essa “transformação de estruturas” é o que acreditamos se aproximar do conceito de ativismo (Câmara, 2018) e amparar nossa classificação desses vídeos como exemplos de Mídiaativismo, considerando o *YouTube* uma mídia específica inserida no ciberespaço. Assim, a apresentação do programa e dos vídeos produzidos especialmente para eles vão ao encontro do que acreditamos e buscamos compreender melhor com essa pesquisa de doutorado, acerca do papel das linguagens e meios para a promoção do Mídiaativismo no contexto de produção ampliada característica do ciberespaço.

Dessa forma, os vídeos produzidos para o programa têm o mesmo nome de apresentação, com uma *hashtag* (#), como indexador do projeto. Os vídeos produzidos estão apresentados na tabela a seguir:

¹⁸ Dados atualizados em 17 de abril de 2023.

Tabela 2: Vídeos produzidos pelo canal Muro Pequeno para o projeto *Creators for Change*

Nome do vídeo	Temática central	Duração	Visualizações ¹⁹
#Homemnegro1: Onde estão os homens negros?	Espaços de produção de conteúdo e visibilidade de pessoas negras no ciberespaço	15'53"	28 mil
#Homemnegro2: Violência e Encarceramento	Encarceramento em massa e aspectos culturais que estigmatizam a população negra	16'01"	11 mil
#Homemnegro3: Família e paternidade negra	Paternidade negra e espaços de afeto na constituição familiar	16'01"	9,8 mil
#Homemnegro4: Machismo na comunidade negra	Machismo na comunidade negra a partir da opinião de mulheres negras	16'58"	15 mil
#Homemnegro5: Bichas pretas e masculinidade	Racismo na comunidade LGBT e seus impactos na sociedade	24'54"	26 mil

Para este trabalho, escolhemos analisar dois desses cinco vídeos: o #HomemNegro1 e #HomemNegro5. Essa escolha se deu devido ao número de visualizações – são os dois mais vistos da série –, mas principalmente por serem, respectivamente, os vídeos que abrem e que encerram a produção para o projeto. Assim, acreditamos que a análise pode apontar, certa maneira, a evolução em relação à produção e recepção dos conteúdos no decorrer do tempo e com o aumento da produção dos vídeos, além de demarcar a identidade da série e do canal a partir da observação das características narrativas dos vídeos, do fio condutor dos vídeos e das estratégias discursivas neles utilizadas, considerando que é uma série seguindo uma lógica narrativa de tema, abordagem, linguagem e produção de sentido.

¹⁹ Números atualizados em 17 de abril de 2023.

Logo na descrição dos vídeos, o produtor apresenta os conteúdos com o objetivo de “colocar essa questão em discussão, com o desejo de impulsionar o avanço das vozes de homens negros no debate sobre a questão racial na Internet” (Muro Pequeno, 2018). Essa afirmação é fundamental para nosso estudo, uma vez que representa o que apresentamos anteriormente como referencial teórico e ponto de discussão sobre o acesso às tecnologias de informação e sobre a produção discursiva nos ambientes digitais, fazendo com que mais pessoas tenham acesso, espaço e voz, alcançando outros públicos que poderiam não consumir tais conteúdos. Sendo assim, nossa análise compreenderá todo o contexto de produção e de reflexão de comunicação digital, racismo e masculinidade, além de evidenciar a linguagem multimodal como principal aparato metodológico de análises completas dos vídeos em questão, considerando os movimentos, variações e frames.

6. "MAIS DO QUE UMA CONVERSA, UMA CONVOCAÇÃO": OLHARES SOBRE A MULTIMODALIDADE NA CONSTRUÇÃO DE MASCULINIDADES MUDIATIVISTAS

6.1 Vídeu 1: "Onde estão os homens negros?"

O primeiro vídeo da série tem quase 16 minutos e debate a importância de discutir as masculinidades negras em espaços midiáticos, principalmente no ciberespaço. Para tanto, Murilo recebe três convidados, que levantam a discussão sobre o posicionamento do homem negro na sociedade e nas mídias, inclusive na arte.

A pergunta-tema "**Onde estão os homens negros?**" que guia o vídeo e o intitula, objetiva mostrar os espaços ocupados pelos homens negros, com foco no ambiente digital *on-line* e, mais especificamente, no *YouTube* como plataforma de produção e distribuição de conteúdo. A pergunta tem relação com o que abordamos anteriormente no nosso referencial teórico acerca da produção de conteúdo digital e a linguagem mediada pela tecnologia, no sentido de amplificação de vozes e possibilidades abertas de públicos e produtores.

Para além da Internet, os participantes do vídeo debatem sobre os outros espaços de comunicação em que há a forte presença de homens negros falando sobre si, debatendo suas questões e se mostrando como corpos possíveis e necessários tanto da existência quanto da reflexão sobre tudo que os circunda. Refletir sobre a importância da presença e a importância de se firmar como resistência também são características referentes ao Mudiativismo, conforme apresentamos também em nosso referencial teórico.

Mais que tema central de debate, assunto e nome da série, as masculinidades estão presentes nos elementos do discurso multimodal do vídeo, no discurso verbal e em todas as experiências

ali relatadas. Contar a sua própria história, expor as dores, sensibilidades e encontrar o que os une como homens negros, a partir da intersecção de gênero e de raça, é reforçar a relevância de se estudar, debater e viver as possibilidades do que é ser homem, das construções de masculinidades. Por isso é fundamental debatê-las como prática e área de estudo de gênero, contrariando o apagamento outrora percebido e debatido no vídeo.

Ainda que a conversa flua para caminhos de encontro das vivências e do que já se percebeu ou debateu, o fio condutor do vídeo é a masculinidade negra e sua expressividade. O espaço digital em que é situado o vídeo e que é levantado como assunto temático central se torna um ambiente para que a reflexão ocorra, impulsionado pelos elementos, discursos e experiências ali trazidas.

Além desse, importante frisar a relevância que os participantes citam de outros espaços ocupados por homens negros, como ambientes de representação, luta e, mais que isso, expressividades linguísticas, representações midiáticas, espaços ativistas e modos de vivenciar as masculinidades que antes lhes eram impedidas. O teatro e a música são dois dos principais exemplos citados no vídeo, como expressões artísticas que abrem espaço para as possibilidades de demonstração da vivacidade dessas masculinidades e da potencialidade de diversidade criativa do que se pode construir como conteúdo e práticas.

A partir desse debate de como o homem negro está presente em tantos espaços para além da Internet é que se instaura a reflexão da importância de ter ainda mais lugares voltados para suas manifestações, questões, expressões e modos de ser, existir e se mostrar. A representação, mais do que característica afim do que se entende por ativismo e Midiativismo, é fundamental para a construção de outros espaços em que eles possam se fazer presentes. O debate, então, é pautado nessa necessidade, dita os relatos pessoais dos participantes e serve como base para justificar o que se sugere e o que se pratica não só em cada trabalho próprio, mas na potência do que se produz ali e do vídeo em que estão participando.

Assim, o vídeo guia a reflexão acerca dos espaços ocupados por homens negros, da representação deles nesses ambientes, portandose como uma espécie de autorrepresentação e autodiscussão, uma vez que refletem sobre a representação midiática enquanto se faz uma representação midiática. Essas discussões são percebidas por meio dos elementos ali vistos e discussões levantadas, como abordaremos a seguir.

Todos os participantes do vídeo estão sentados em bancos dispostos em uma “semi meia-lua”, com alternância da câmera em plano geral, em que todos eles aparecem (figura 1), ou em plano de *close up* evidenciando a fala de um deles (figura 2).

Figura 1: Convidados do vídeo #HomemNegro1



Fonte: reprodução *YouTube*

A câmera em grande plano dá a sensação de debate/roda de conversa, com os olhares voltados a quem toma o lugar de fala. Logo no início, Murilo faz o convite de "convocar homens pretos pra refletir sobre essas questões, falar mais de nossas vivências e ocupar espaços como esses aqui", considerando o ciberespaço um ambiente de debate e formação de opinião, onde, também, potencializa-se o compartilhamento de troca de experiências, autonarrativas e autorrepresentações.

Figura 2: Produtor Murilo Araújo, criador do canal Muro Pequeno, no vídeo #HomemNegro1



Fonte: reprodução YouTube

Como percebemos nas figuras 1 e 2, os elementos visuais presentes na construção narrativa dos vídeos são estáticos e pouco dinâmicos. Nesse mesmo sentido, encontram-se a vestimenta dos participantes, o cenário, o cabelo e as cores das roupas. No destaque da Figura 2, podemos notar elementos que referenciam a ancestralidade, pelos desenhos e cores que se relacionam ao movimento negro, aproximando-se do tema de negritude. A cor, como elemento sociosemiótico e multimodal, produz sentidos relacionados ao tema do vídeo e transparece sobriedade, tranquilidade, confiança e credibilidade (Pastoreau, 1997; Silveira, 2015).

Importante ressaltar que o *close* nos participantes é uma ferramenta de edição que visa destacar a fala e evidenciar o discurso de cada participante. Tal destaque também deve ser observado sob a ótica de outros elementos multimodais além do discurso oral, como o movimento de cabeça, a postura, o olhar, o gestual e, principalmente para o foco aqui posto, os elementos cênicos e cores que ocupam esses espaços.

O cenário de tons terrosos, em harmonia com os figurinos e elementos cênicos, como aprofundaremos a seguir, parece se

relacionar também com a questão ancestral, em consonância com as cores presentes na roupa e acessórios de Murilo, em destaque no vídeo. Além de ser o dono do canal, que guia as discussões, os elementos cênicos também parecem apontar para a sua centralidade, tanto pela disposição cênica quanto na relação com os elementos do cenário, estando à frente do móvel e no ponto de partida da congruência dos vetores a partir do pano preto que figura ao fundo do cenário do vídeo (figura 1).

Importante ressaltar, também, a orientação por meio dos olhares das pessoas que integram o vídeo, como demonstrado na figura 2, orientando o olhar do espectador para o orador do momento. Ao mudar o turno de fala, o direcionamento do olhar também muda, apontando para quem fala naquele momento, o que indica o foco de atenção que o espectador deve ter, independentemente da posição que a pessoa ocupa no vídeo em relação ao enquadramento ou ao cenário em que está.

Sobre o cenário, a simplicidade de seu *layout*, a partir da disposição das cadeiras e da ocupação do espaço em que o vídeo é gravado, indica proximidade com o público e naturalidade da conversa, como se estivessem na sala de casa ou em um ambiente informal. Essa naturalidade é confirmada a partir da postura dos participantes do vídeo, em tom de conversa, e não de imposição. Outro fator importante de informalidade e aproximação com diálogos se dá a partir da troca de olhares e orientações que eles podem guiar. Nesse sentido, o *layout* integra a relação que se estabelece entre posturas e olhares, considerando que essa somatória chega à ocupação e distribuição do espaço ali disposto.

Essa mesma espontaneidade também pode ser observada no tom de voz e linguagem coloquial, uma vez que a conversa é fluída e direcionada a conclusões que visam a reflexão de quem assiste, impulsionando ações fora do ambiente *on-line*. Ainda que a conversa seja ordenada e editada para compor um vídeo temático, as falas se dão de maneira próxima do natural, portando-se como uma conversa, como é a proposta da série. O turno de fala é demarcado e

alternado: quando uma pessoa fala, todos os outros participantes se calam e prestam atenção no falante.

Embora não seja característico de um diálogo natural, essa troca é importante para a apreensão do conteúdo do discurso oral, para que a mensagem seja transmitida de maneira direta e assertiva. Tal fala demarcada, destacada pela alternância respeitosa e incentivada pelos falantes, se aproxima de um tom professoral de explicação do que se diz. No entanto, tal aspecto não é o predominante de todo o vídeo, mas sim incentivado a se tornar um diálogo, em que as informações proferidas sejam trocadas a fim de se construir o conhecimento em comum. Dessa maneira, o vídeo termina com o convite para maior participação e mais debates sobre masculinidades negras, e convida a população negra a ocupar todos os espaços, principalmente em conteúdos no *YouTube*.

De forma a observar esses elementos, dividimos a análise deste vídeo em dois principais temas: i) aspectos multimodais e ii) masculinidades negras em debate. Ressaltamos que essas categorias de análises não são estanques, mas complementares e entrecruzadas, principalmente considerando que as masculinidades perpassam todos esses critérios multimodais elencados a seguir. Ressaltamos, ainda, que o tema central do vídeo, sobre espaços de fala de homens negros, está presente em todas essas análises em que nos debruçamos aqui, seja como temática do discurso ou como representação dessa ocupação de espaços culturais, sociais e midiáticos.

Adiantamos que a análise multimodal, cerne metodológico desta pesquisa, subdivide-se em elementos observados como metodologia de análise, a fim de promover a replicabilidade da pesquisa e a adequação a critérios acadêmicos e normativos. No entanto, baseado na interdisciplinaridade característica da Linguística Aplicada e que rege todo este trabalho, a análise também reflete esse caminho de encontros teórico-metodológico-analíticos, resultando em critérios e análises que não se limitam nem se findam

em si mesmos, mas se amparam em outros olhares sobre o objeto aqui analisado.

A base de nossa análise, como já apontado no capítulo metodológico, é a abordagem multimodal a partir de critérios pré-estabelecidos, como apresentamos na tabela a seguir (tabela 1). Importante ressaltar que os estudos de masculinidades, especialmente negra, estão presentes como critério de análise e objeto de estudo do discurso empreendido pelos participantes. Ademais, sua participação nesta produção audiovisual, além de representar uma ocupação de espaço de fala que privilegia a raça branca e o gênero masculino sob a orientação heterossexual, reproduzindo a lógica patriarcal, também se torna objeto de análise do próprio vídeo. Aqui, para este trabalho, abordamos esse aspecto que transpassa as discussões.

6.1.1 Aspectos multimodais e ocupação de espaços

Assim como descrito anteriormente, o cenário, sem muitos elementos visuais e com cores variadas, foca em tons terrosos como o marrom e o amarelo, contrapondo com um tecido preto. Essa composição dialoga com o tema central do vídeo; ao mesmo tempo em que não se relaciona diretamente com outros elementos multimodais presentes, parece haver interação entre o cenário e os participantes. O cenário também não recebe destaque no enquadramento das imagens. Por ser estático e padronizado (é o mesmo em toda a série), o cenário acaba por se tornar a identidade visual da série e do canal, não se firmando como um elemento multimodal que visa produzir o sentido midiativista que o vídeo propõe, mas sim destacando os participantes dos vídeos, os discursos e debates empreendidos. O cenário, como identidade visual, demarca o local de produção e seu contexto, como traço identitário com sobriedade e seriedade na abordagem do assunto (figura 3). Ademais, ressaltamos que um cenário considerado mais limpo e minimalista pode levar o foco do vídeo para a discussão em si.

Isso é importante para a nossa análise, uma vez que, embora seja um importante critério multimodal, o cenário não é citado no debate, tampouco há interação entre ele e os participantes. Como observamos em outros vídeos do canal (Lima-Lopes; Câmara, 2019), nos vídeos que compõem nosso *corpus* suplementar, o participante interage com os elementos cênicos, como uma bíblia, e com o cenário, que é uma espécie de altar com imagens e objetos que remetam a práticas religiosas. Nesses outros vídeos do canal, que não estão inscritos no projeto que aqui analisamos, há uma composição do cenário feita de maneira proposital, que se relaciona com o tema do vídeo e busca fazer sentido, a fim de somar àqueles provocados pelo discurso oral.

Em vídeos analisados anteriormente, por exemplo, a bandeira LGBT em destaque e as figuras religiosas e culturais, do outro lado, expõem a relação que se estabelece entre os temas ali levantados e destacados no cenário. Ademais, somente por essa visualização, já pode se presumir o que seria abordado no vídeo, diferentemente do que observamos nestas produções que aqui analisamos.

Com o cenário neutralizado, o foco passa a ser voltado exclusivamente ao que se debate, a partir da centralidade apontada pelo *layout* e pelos vetores de visualização, e a partir da composição do cenário, centralizando Murilo, que guia as discussões. Dessa maneira, a interação, antes vista entre participante-cenário/objeto, agora ocorre entre participante-participante, enfatizando a subjetividade dos argumentos e histórias ali abordados.

Figura 3: Visão panorâmica do cenário do vídeo



Fonte: Reprodução/YouTube

Assim como o cenário, os elementos cênicos também são básicos e sem interação direta com o tema e com o discurso. São três caixas, ao fundo, com posições intercaladas e com um móvel no meio, em formato de pirâmide, sobre o fundo amarelo (Figura 4).

Esse objeto cênico inserido em uma caixa com abertura de um lado chama atenção. Para além de ser o único objeto cênico que compõe o cenário ou *layout*, ele ocupa a centralidade geométrica do vídeo, levando a simetria ao separar os quatro participantes exatamente em duas partes. A pirâmide é hexagonal, resultando na construção de um poliedro de múltiplas faces que, independente de qual face estivesse à frente, resultaria na mesma visualidade externa.

Uma possível interpretação poderia ser as múltiplas visões que resultam preenchidas por seus espaços múltiplos. Ao mesmo tempo em que há múltiplas vozes e visões representadas no vídeo pelos discursos dos participantes, todas elas culminam em um ponto em comum, representado pelo vértice da pirâmide, um prisma discursivo. Em uma comparação com a discussão ali empreendida, independente da ordem dos argumentos, todos eles levam à construção de um mesmo ponto: a masculinidade negra contra-hegemônica.

Essa construção de um prisma com base sólida a partir de fragmentos e elementos em des-re-construção pode ser encarada como uma simbologia do próprio sentido do vídeo. As masculinidades ali debatidas e propostas podem ser percebidas através (no sentido de atravessar) do que se coloca como posto, além de ser parte do que atravessa (no sentido de construir) o que constitui cada subjetividade ali demonstrada e exposta.

Figura 4: Destaque do principal elemento cênico do cenário



Fonte: Reprodução/YouTube

A centralidade destes elementos favorece a simetria da visualidade do vídeo (Dondis, 2007), tanto em relação ao cenário e seus elementos quanto aos participantes. Podemos inferir que elas se refletem, também, no tema da discussão e nas respectivas histórias e argumentos apresentados pelos convidados. Todas as falas se complementam e levam a uma espécie de denominador comum, ou seja, um eixo central das masculinidades negras que buscam mais espaço discursivo – não só no espaço digital – e suas representações midiáticas. A centralidade desses elementos mantém o indivíduo com atenção no centro e completa os vetores dos bancos. Ou seja, as pessoas são o foco.

A triangulação das abordagens dos temas também merece destaque, como o espaço midiático de fala desses homens negros (tema central do vídeo, como apresentamos no início desta seção), a representação da força e da virilidade masculinas e o afastamento desses debates quando se trata da masculinidade hegemônica, que desconsidera o debate racial. Essa tríade é abordada no vídeo como elementos centrais que regem a discussão, orientada pelos turnos de fala, olhares e posturas que indicam esses posicionamentos, conforme discutiremos ao longo desta seção. Essa triangulação nos remete ao elemento cênico piramidal de base sólida que busca um ponto em comum.

A centralização dos vetores gerados pelo cenário, o amarelo na caixa, o triângulo hexagonal e a disposição das cadeiras acompanhando os vetores, assim como a centralidade dos participantes, levam o olho do espectador para o centro da tela. O foco passa a ser, portanto, nas pessoas.

Analogamente à ocupação de espaço no próprio vídeo, está a ocupação de espaços no ambiente *on-line*, tema central do debate em análise. Mais que a representação de cores e simetria, o cenário também indica a ocupação de espaço, que é o tema central do vídeo. O distanciamento padrão entre as cadeiras e a distribuição desses elementos na sala em que o vídeo foi gravado também podem se relacionar com o tema abordado, de quem e como se produz esses

conteúdos – muitas vezes por si. A simetria distribui o espaço de forma igualitária entre os participantes, remetendo à ideia de igualdade entre eles, a partir da noção de proxêmica (Norris, 2001).

A observação desses elementos, além de nos permitir retratar a união dos homens negros e senso de comunidade, reforçando a criação de grupos (Caetano; Silva Junior, 2018), também se refere à construção, dentro e fora do ambiente *on-line*, de lugares de discussão, debate e resistência (Di Felice, 2017), firmando-se, portanto, como prática midiativista. Assim, a centralidade do vídeo na tríade nele debatida e a simetria de ocupação dos espaços podem servir como base para a analogia de união, descentralização e produção igualitária, centrada nas diversas masculinidades negras, visíveis nas figuras ali representadas e também em seus discursos e focos imagéticos.

6.1.2 Vozes e representações das masculinidades na busca de espaços

A alteração no tom de voz e o cuidado em respeitar a ordem de fala e o controle do volume são pontos importantes de observação e análise neste tópico. Isso porque o que deveria ser uma conversa banal, em que cortes e sobreposições podem ocorrer naturalmente, é pensada no diálogo em que se respeita e aguarda o turno de fala, para que todos possam expressar o que pensam de maneira mais igualitária. Esse movimento indica a alternância de ideias e visões, personificadas na elaboração de pensamento que parte da individualidade e na construção de identidade.

O tom de voz dos participantes é linear, sem grandes alterações que indiquem sentimentos como irritabilidade ou desconforto, comuns em vídeos de discussão ou embate de ideias e posicionamentos. Essa linearidade, no entanto, não torna esse modo neutro. Pelo contrário, na condição de discurso, serve à tentativa de organização da interação do vídeo entre os participantes. O tom

informal das falas contrasta com a formalidade do tom de voz professoral e pouco usual de discussões naturalizadas.

Um dos pontos de debate sobre masculinidades levantados no vídeo é o mito da virilidade e o que se espera da agressividade masculina negra. Atrelado à falta de demonstração de sentimento e sensibilidade, o tom de voz linear e sem alterações de expressividade contradiz essa representação que visa solidificar a sensibilidade, a serenidade e a não agressividade.

Essa humanização perpassa a forma como esses homens negros se expressam, sem precisar, contudo, se impor. Percebemos a união e a tranquilidade, a despeito do que comumente se diz e se espera de homens negros, a partir da representação da violência, combate e imposição (Bola, 2021). Quando o autor relata, de maneira autobiográfica, sobre o que passou em sua infância, a relação com o esporte e o que se era esperado de um homem negro, principalmente periférico, a imposição pela virilidade e certa frieza nas relações são constantes. Essas representações influenciam a maneira como homens negros são vistos, portam-se e buscam se representar na sociedade e, conseqüentemente, nas mídias, quando conseguem ocupar esses espaços e promover esse debate.

Nesse sentido, a discussão empreendida no vídeo, acerca da representação e da sensibilidade, tomaria outro viés ou efeito caso observássemos variações mais bruscas do tom de voz e de como a conversa seria conduzida. Ou seja, a inexpressividade de imposição a partir do tom de voz também é um sentido provocado que nos é caro para analisar, uma vez que diz respeito ao contraponto da virilidade e da agressividade que se espera de homens negros. Isso nos ajuda a apontar que a linearidade observada contribui para a desmi(s)tificação de como é conduzido um debate entre homens negros sobre as próprias vidas e vivências.

Aplicando às esferas do Midiativismo, como ele se manifesta e como pode impactar a sociedade, acreditamos que há certa leveza no tom de voz, o turno de fala bem demarcado na condução feita por Murilo e delimitada pela edição, e o diálogo orgânico sem

grandes interferências contribuem para a construção do conhecimento a partir do diálogo igualitário por meio da troca – não da imposição. Tal imposição poderia se dar com a elevação no tom de voz, dentre outras características oriundas dos modos de linguagem que aqui descrevemos. No entanto, não se observa essa imposição de fala, mas sim, a fluidez do diálogo, o que acaba por permitir uma incitação ao conhecimento, métrica do Midiativismo.

A construção do conhecimento a partir do diálogo parte de uma perspectiva compartilhada de Freire (1987), como apontamos em capítulos anteriores. Esse processo se firma como aspecto midiativista a partir do que observamos sobre a mudança que o debate ali empreendido visa promover e as representações contra-hegemônicas em que esses vídeos buscam se firmar (Costa, 2021). É nesse contexto, portanto, que o tom de voz é ponto crucial para análise, considerando o que se é esperado e o que se tem de efetivo em relação ao tom de voz de um homem negro. Em um resgate histórico, Nascimento (2017) rememora a escravização de homens negros no Brasil, do ponto de vista, também, do trabalho forçado. A imagem que se construiu, desde então, do homem negro, era ligada à sua força de trabalho e à virilidade.

Para além do contexto histórico e de formação racial brasileira, que é fundamental em discussões sobre masculinidades negras, a postulação de Nascimento (2017) acerca da origem da imagem viril do homem negro perpassa, em outros âmbitos, o que constitui o homem negro. A referida virilidade pode ser representada não só pela força física, mas por elementos multimodais como postura e tom de voz.

Em seu trabalho, Pinho (2018) discorre sobre a formação de Salvador, a cidade mais negra fora do continente africano, com fortes influências do processo de escravização e sua herança estereotipada viril. Sobre uma temática semelhante, Bola (2020) aponta as representações e expectativas de primeiro contato. Os trabalhos de ambos os autores convergem na indicação de que as características de virilidade são as que se pintam e estão presentes

no imaginário quando se trata da definição e classificação de como é o homem negro.

Caetano e Silva Junior (2018) elucidam que essas representações podem se dar de diversas maneiras, como essas características físicas e elementos multimodais. Os autores concordam que a partir do momento em que a virilidade é esperada de um homem negro, a expectativa é que ela se manifeste sob quaisquer aspectos, da força física ao timbre e tom de voz. Acrescentam, ainda, que o que se distancia disso vai na contra-mão do estereótipo e da construção hegemônica da masculinidade, principalmente a negra.

É preciso, portanto, trabalhar na interseccionalidade entre gênero e raça a partir de todas as formas de expressão e representação do que os constitui. Ademais, é importante notar e construir espaços para que essas diferentes formas possam se expressar. Considerar o “YouTube como espaço para representações contra-hegemônicas” (Costa, 2021, p. 51) é reconhecer que o ambiente digital pode ser espaço de ocupação de sujeitos minorizados e de construção de uma nova representação a partir do que se faz nesses espaços. Essa prática perpassa as linguagens, como viemos destacando, e a forma como elas são produzidas, conduzidas e debatidas.

Como apontamos anteriormente, esse debate se dá de forma direcionada e delimitada, evitando interposição de vozes e argumentação. Essa dinâmica contribui para a representação contra-hegemônica acima apontada, uma vez que incentiva o diálogo igualitário seguindo o tom de acolhimento e não de confronto ou imposição, que representa, de maneira estereotipada, a construção da masculinidade negra no curso da história, principalmente se considerada a formação histórica racial brasileira ancorada na escravização e exploração da força do homem negro, que era considerado servil, sempre disposto e disponível. É assim, portanto, como confirmam os próprios participantes do vídeo, que as mídias ainda representam homens negros, a partir dos mitos da virilidade, prontidão, força e conflito.

Com isso, consideramos que a representação contra-hegemônica da voz, timbre, tom de voz e alternância de fala, como observamos no vídeo, são alguns pontos que se diferenciam de outros produtos midiáticos e como eles representam a masculinidade negra. Promover essa autorrepresentação a partir de vivências pessoais, mas que se juntam à coletividade, é repensar essa construção social. Ademais, soma-se a isso a “vontade solidária” (Braighi; Câmara, 2018, p. 36) na qual o sujeito midiativista se ancora e exerce. Isso porque, a partir dessa representação pessoal, que ultrapassa barreiras individuais, a voz, na condição de modo de linguagem, constrói uma nova representação de uma das possibilidades e representações das masculinidades negras.

Tal visibilidade e o considerado empoderamento a partir de suas individualidades (Costa, 2021) encontram, na visibilidade do ambiente digital, um espaço para sua representação. Sendo um ambiente público, observamos a construção do conhecimento que se empreende ali, por meio do diálogo e da coletividade, como apontamos anteriormente, com novas representações e mudanças sociais de como esses sujeitos são vistos, interpretados e relacionados. Isso sustenta nossa análise de que o ambiente digital se trata de um modo de linguagem que contribui para o Midiativismo a partir de uma representação da masculinidade ali presente e debatida.

Com isso, acreditamos que a alternância de fala e o tom de voz ditam o andamento do debate e a troca de ideias como forma de construção de pensamento a fim de desenvolver um conhecimento sobre o tema, não uma imposição. Essa produção do conhecimento a partir do debate abarca, portanto, a característica midiativista do vídeo, que se destaca como um elemento prático de promoção de mudança social proposta intencionalmente pela série aqui analisada. Assim, esse modo de linguagem se firma como elemento do Midiativismo a partir de sua representação e de sua reprodução de masculinidades.

A não sobreposição das vozes e a concordância de argumentos promovem o direcionamento a um pensamento em comum entre os participantes do vídeo e a sugestão do mesmo caminho para os internautas. Essa confluência culmina em uma visão possível, sugerida e construída como percurso (ou seria travessia, como sugerimos de forma poética no início deste trabalho?), não como a única saída ou consequência.

A aparente neutralidade que o tom de voz linear busca gerar representa a quebra de expectativas do que se espera de um vídeo sobre essa temática com esses convidados. Essa ruptura também pode ser uma analogia à representação do homem negro e ao que se espera em relação a vários aspectos relacionados à virilidade –nesse caso, a representação do homem viril e másculo com voz grossa e impositiva, e não uma fala afetuosa, amena, dialógica e não impositiva.

Portanto, o tom de voz distante do padrão e da expectativa que se tem do homem negro é usado de modo a acalmar discussões acaloradas e propor diálogos, como o que ocorre no vídeo. Aproveitar-se desse espaço audiovisual digital *on-line* representa a ocupação dos espaços midiáticos, como se propõe no início do vídeo, a partir de uma representação midiática multimodal que gera significados contra-hegemônicos, visando representar outras masculinidades possíveis. Dessa forma, o debate se firma como um ato de resistência sobre ser homem negro na sociedade atual, formando uma rede de apoio em estratégia de defesa sobre o que se deseja impor, a fim de construir o conhecimento a partir das vivências e das informações compartilhadas discursivamente – considerando sua completude e complexidade. Assim, podemos confirmar o caráter midiativista a partir da linguagem multimodal que representa as masculinidades contra-hegemônicas.

6.1.3 Cores, roupa e a busca da representação e ancestralidade negras

Na figura 2, temos uma visão geral de todos os participantes do vídeo, o que nos permite observar como eles se vestem e o que a roupa pode indicar na condição de um modo de linguagem que se firma como uma expressão discursiva. Percebemos, então, roupas de cores neutras à esquerda, e cores vivas à direita.

Essa divisão é marcada pelo cenário, como abordamos anteriormente, que conta com uma caixa e um objeto de decoração ao centro no fundo, dividindo simetricamente o cenário. A assimetria, então, se dá pelas cores das roupas dos participantes do vídeo. Pensar no equilíbrio a partir da assimetria de cores, mas da simetria de elementos (Dondis, 2007) é um caminho de análise que se relaciona ao tema abordado no vídeo e a como essa distribuição desigual da ocupação de espaços é, também, parte proposital do que se desenha como cenário fixo, ou seja, das plataformas em que esses discursos são produzidos, veiculados e distribuídos.

A distribuição destaca essas cores, remetendo, também, à ancestralidade, tema presente em discussões sobre raça e racialidade (Kilomba, 2019). Kilomba ainda reforça a importância da língua como marca de resistência e de identidade. Mais que isso, a autora também reflete sobre como a linguagem, aqui considerando as palavras e expressões, pode referenciar movimentos históricos e sociais.

Trazendo para a nossa análise e para a multimodalidade, é possível estabelecer uma relação clara e direta entre a língua, apontada por Kilomba, e outros modos de linguagem, como defendemos neste trabalho. Considerando a cor um modo de linguagem, tomamos como base a ideia do “pretuguês” (González, 2020), que valoriza a língua portuguesa brasileira sob o aspecto da negritude do país, sobretudo da mulher negra. Destacamos essa relação por entendermos as cores como linguagem e, nesse caso, como uma expressão discursiva multimodal do “pretuguês”, em uma atualização do conceito e da ideia fundadas por Gonzáles.

Tal abordagem pode ser vista nas roupas dos participantes, ainda que de forma sutil. Murilo, como figura central do vídeo, veste calça alaranjada que remete ao cenário, ainda que em tom distinto. Ele também usa uma blusa clara com detalhes em seu topo que remetem à cultura negra, seja por referência religiosa ou de outros aspectos que constituem a formação cultural. Essa estampa está sempre em exibição, mesmo quando a edição foca em sua imagem em plano fechado.

Ele está entre dois participantes, que parecem se complementar em relação às próprias roupas e à de Murilo. Enquanto o participante do lado esquerdo da visualização usa calça jeans clara e blusa alaranjada aproximando do marrom, o participante do outro lado tem a blusa estampada no fundo da mesma paleta de cor e, então, se destaca.

Assim, notamos que há harmonia também nas roupas, causando um equilíbrio imagético, uma vez que as cores pertencem à mesma paleta, relacionando-se, também, com as cores presentes no cenário. Observamos, portanto, certa unidade identitária entre as roupas dos participantes, em harmonia, sem grandes destaques. Essa unidade cromática, aliada ao equilíbrio e simetria visuais, pode ser considerada como mais um aspecto de linguagem, uma vez que, somados, compõem elementos visuais relevantes. Ademais, há a valorização do tema abordado e o destaque ao que se é falado, já que esses outros elementos constituintes dos participantes são postos para não terem destaque maior.

Os detalhes nessas roupas demarcam a identidade negra sobre a qual se debate. Também percebida no tema dos discursos falados, a questão identitária e representacional se dá a partir das cores e do movimento negro no qual os participantes estão inseridos.

Dessa maneira, a construção de sentido referente à masculinidade negra passa pela questão de elementos que remetam à história da cultura negra a partir de suas representações religiosas, cores de bandeiras, entre outros elementos cujas cores marcantes são reconhecidas como expressão artística e representativa dessa

cultura. Portanto, firmam-se como elementos linguísticos que, como tais, produzem sentido e promovem a representatividade a partir dessa presença. Ainda que, como apresentado anteriormente, a representatividade não seja o propósito principal do Mdiativismo, ela passa por ele como forma de expressão, exemplo e, também, como um modo para que ele atue cada vez mais forte e atinja outros espaços que, inicialmente, não poderia alcançar.

A disseminação e distribuição, fatores fundamentais na produção de conteúdo on-line, como também são objetos de discussão no vídeo, podem ser incentivadas exatamente pelo foco ser no conteúdo discursivo, e não em elementos visuais marcadamente padronizados, como as cores e objetos utilizados pelos participantes. Ao apostar em cores neutralizadas que não chamem atenção para o que se veste, mas sim para o que se comenta, o foco de atenção passa a ser o debate em si. Com essa neutralização, o compartilhamento pode ser incentivado, assim como a aceitação de públicos distintos, que podem não fazer um pré-julgamento a partir de uma análise superficial do frame inicial do vídeo a ser assistido. Ao ver uma imagem que represente o vídeo, ela não diz, por si só, a temática abordada e o conteúdo de temática racial ao qual se filia, permitindo que chegue a outros públicos que não estão inseridos no debate ali suscitado, promovendo uma aproximação do vídeo a pessoas alheias à questão racial que poderiam não se sentir atraídas pelo conteúdo caso houvesse mais elementos que fizessem referência à pauta racial.

Ademais, o compartilhamento facilitado, seja por meio de tecnologias digitais ou de elementos multimodais que visem a globalidade, é um aliado para a produção do sentido mdiativista, uma vez que se ancora na reprodutibilidade e no alcance a fim de promover conhecimento a partir do que se firma enquanto conteúdo de resistência. Assim, marca presença no espaço digital a partir de sua adequação a outros conteúdos similares, mesmo que visualmente, como observamos pela “neutralidade” de cores, pela homogeneização do cenário e pelos elementos cênicos.

6.1.4 Postura, gestos e a imposição e sensibilidade de masculinidades negras

Observamos que as posturas dos quatro participantes se alteram de acordo com a ordem de fala, não só para tomar o turno da fala e centro de atenção, além de internamente, com contribuição da edição de vídeo e posicionamento da câmera, mas também de diálogo com o espectador, em uma aproximação entre produtores/debatedores e receptores. Mais do que simplesmente assistir à conversa que ali se dá, a postura dos participantes, principalmente do “anfitrião”, mais aberta, indica uma abertura ao diálogo e à reflexão, convocando o público a se sentir inserido no debate ali proposto (Figura 5).

Figura 5: Como mediador do debate, Murilo é a figura central do vídeo, promovendo a integração dos outros participantes



Fonte: Reprodução *YouTube*

Principalmente quando se é o orador, a postura do convidado se volta para frente, como tomada de fala em uma discussão, numa representação de imposição do que se fala, ainda que de forma sutil, para demonstrar abertura e respeito à opinião, à ideia e à representação alheia. Do mesmo modo, os gestos e os movimentos de cabeça, que também são modos de linguagem que elencamos na

multimodalidade, levam à percepção de que interagem com os convidados, integrando todos no debate, incluindo o espectador.

Essa postura centrada, ereta e formal indica a seriedade do assunto e o *ethos* de autoridade que os participantes do vídeo assumem para conduzir o debate (Figura 6), como portadores das informações que evoluem para o conhecimento acerca do tema de masculinidades negras. Dessa forma, percebemos como a postura dos falantes (Norris, 2004), em turno de fala, pode contribuir para o sentido ativista do vídeo, uma vez que ela completa o discurso oral no caminho de incentivar reflexões e discussões acerca do tema abordado.

Figura 6: Participantes se firmam em postura ereta no turno de fala



Fonte: Reprodução *YouTube*

A postura dos participantes é, ao mesmo tempo, convidativa para o debate e também séria e firme no que tange a defesa do ponto de vista ali levantado. A junção dessas características resulta no aspecto de autoridade e de firmeza da postura aliada com sua fala, fazendo com que os participantes do vídeo proponham a formulação do conhecimento a partir da discussão ali empreendida. Se a mesma fala, em discurso e tom, fosse feita sob uma postura acanhada ou tímida, por exemplo, a análise sobre o mesmo discurso poderia

culminar em significados distintos, afastando-se do *ethos* de autoridade e de conhecimento que observamos no vídeo. Pensar nessa possibilidade pode comprovar o sentido aqui proposto, no caminho da construção do conhecimento a partir do diálogo de pessoas que são autoridades no assunto.

Ainda que admitindo que o Midiativismo se dá a partir das cinco frentes anteriormente apontadas neste estudo (informação, conhecimento, resistência, presença e defesa), sem hierarquia desses elementos, notamos, neste primeiro vídeo, a predominância do conhecimento e da presença, uma vez que o debate ali empreendido, dialógico e harmônico, homogêneo sem contrapontos, visa o conhecimento de quem assiste. Assim, o conhecimento é construído por caminhos convergentes, e não pela oposição ou confronto.

Essa característica é exemplificada, visualmente, a partir de elementos multimodais aqui elencados, com foco na postura, como indicamos nesta seção. Isso porque a postura aberta e não combativa, de ensino e não de confronto, de diálogo e não de imposição culmina na construção do conhecimento a partir do que é em comum com o que se discute no vídeo. Desse modo, a postura complementa o que o discurso aponta e incentiva o sentido ativista ansiado, já que, analisando todos esses modos linguísticos em conjunto, podemos perceber o exercício da masculinidade contra-hegemônica em conformidade com o sentido ativista de presença e conhecimento empreendidos a partir do ponto de encontro dos elementos aqui trabalhados.

Diálogo, conhecimento, troca e sensibilidade observados também nos gestos realizados pelos participantes do vídeo. Isso porque quando se refere aos gestos dêiticos, observamos a indicação de caminhos e de futuro, presentes no discurso, com apontamentos que passam a ideia de continuidade, guia e direção, assim como o abraço final de agradecimento que, embora distanciado pela posição das cadeiras, transmite a ideia de união, de apoio à resistência dessas pessoas.

Ponto importante de análise é o gesto de distanciamento que um convidado faz ao se referir à masculinidade branca, em oposição à masculinidade negra debatida ali (Figura 7).

Figura 7: Separação entre homens brancos e homens negros é indicada gestualmente



Fonte: Reprodução/YouTube

O gesto representado na imagem acima é ponto fundamental do debate de masculinidades, compreendendo suas pluralidades. Mesmo quando se faz um tipo de recorte, como o racial, ainda há subdivisões e outros elementos que não permitem englobar todos os sujeitos naquela representação, como é demonstrado no vídeo e já debatido neste estudo.

Ao indicar separação entre as duas masculinidades debatidas naquele momento do discurso, o participante aponta que a masculinidade hegemônica que visam reformular não o contempla. Por causa disso, é necessário discutir as masculinidades negras, como fazem no vídeo, mas também sob o prisma de ser outro caminho possível para se pensar na masculinidade, principalmente tornando-se uma espécie de modelo ou referência para que novos meninos sigam.

Mais do que indicar tal distanciamento, esse movimento gestual também pode auxiliar no entendimento de defesa sobre o ativismo que ali é representado e desejado. Reconhecendo-se como parte das masculinidades negras, que são exclusas dos privilégios brancos, o grupo ali presente se coloca como integrante da sociedade no geral sob o recorte racial de homens negros, fazendo a relação do que é externo ao que se debate ali.

Essa separação demarca, portanto, a necessidade de se debater as masculinidades negras sob a ótica de quem as vive, e não trazendo realidades e conceitos que são de terceiros, em uma realidade branca, que não é a deles. Por conseguinte, o gesto dêitico se firma como um elemento multimodal que simboliza a defesa que o Midiativismo carrega, portando-se como resistência de grupo ao qual pertence.

Ainda no sentido coletivo, ancorado na vontade solidária que o Midiativismo se constitui, o sentimento de coletividade também é fundamental ponto de análise neste vídeo. Além do discurso oral, esse sentimento coletivo se faz presente nos gestos, toques e proximidade entre os participantes.

Na figura 8, podemos notar um momento em que Murilo, dono do canal que guia o debate, toca em outro participante para interrompê-lo, como um pedido de desculpas, para tomar o turno de fala.

Figura 8: Murilo toca ombro de Rodrigo a fim de sinalizar a interrupção para tomar o turno de fala



Fonte: Reprodução/YouTube

Essa sutileza é importante para este ponto analítico, uma vez que denota a sensibilidade que os participantes tanto pregam, comentam e com a qual se identificam, como uma marca identitária nessa construção subjetiva da masculinidade negra contra-hegemônica. A sensibilidade no toque, além do afastamento da virilidade e brutalidade de embates, como era de se esperar de homens negros a partir do que apregoam certos imaginários, segundo o debate empregado no vídeo e outras discussões aqui

empreendidas, também é um sinal da coletividade que se prega e de como o vídeo se pauta no debate entre percepções convergentes, fugindo do embate de confronto.

A sensibilidade, mais que característica pessoal de quem faz parte do vídeo, torna-se elemento multimodal representado pelo toque e, também, pelo abraço fraterno. A coletividade, portanto, é demonstrada não só no discurso oral ou na busca de representatividade, mas também entre os participantes a partir das sutilezas que esses elementos multimodais podem representar. Mais que isso, a ideia de coletivo, indicada pela primeira pessoa no plural sempre presente nos discursos orais, é representada por abraços e proximidades entre os participantes (figura 9). Em uma analogia com o que trabalhamos no conceito de midiativismo, essa proximidade de “há braços” indica, também, o espraiamento desses discursos e dos ativismos ali empreendidos e debatidos.

Figura 9: Gestos que representam união e proximidade como um abraço no final do vídeo



Fonte: Reprodução/YouTube

Além da união e do afeto, representados pelo “abraço”, a proximidade e junção das mãos também podem denotar a criação de uma rede de apoio e de defesa, características midiativistas.

Considerando tais gestos como linguagens multimodais, eles metaforizam as redes que são estabelecidas entre os participantes, com uma conexão que vai além do toque, mas é reforçada por olhares e sorrisos (Lima-Lopes, 2016). Sorrisos esses que podem simbolizar o acolhimento naturalizado, o afeto entre homens negros que tanto debatem e incentivam. Assim, demonstrar esses sentimentos, por meio do toque, sorriso, abraço e conexão, é reforçar características que os unem a fim de sensibilizar o que construíram no debate e reforçar a rede de defesa que formam entre si.

A união retratada na imagem anterior, representando uma despedida de um encontro presencial, simboliza a rede de defesa criada por homens negros e pela coletividade que presume o Midiativismo. Ademais, o gesto de união também denota o caminho da construção do conhecimento, como elemento midiativista, a partir da congruência de ideias, centralizada em Murilo, e experiências visando um destino comum. Ancorar o sentido na unidade e na união também se firma como objetivo de mudança social a partir da união de elementos multimodais, aqui representados pelos gestos de proximidade.

Assim, unimos tais elementos ao que eles significam na construção e na representação das masculinidades, aliado à resistência como uma característica midiativista, considerando a imposição do que se defende e a demarcação espacial naquele ambiente. Além disso, a rede de defesa, tão importante em movimentos sociais e ativistas, e também para se firmar como coletividade, pode ser representada a partir dessa multimodalidade, personificando a masculinidade negra que visa retratar.

Ademais, destacamos que a multimodalidade não se encerra na linguagem visual de elementos do espaço, mas também (e principalmente) de tudo o que circunda o discurso e a subjetividade de quem o profere, a partir de sua caracterização e modo de expressão com tudo o que isso envolve, como postura, gestos, tom de voz, entre outros aspectos sobre os quais aprofundamos nesta seção. Nesse sentido, nossa análise foca na relação desses outros

elementos multimodais com a expressão e a representação das masculinidades, a fim de melhor compreendermos o sentido midiativista que o vídeo propõe.

Na segunda parte deste capítulo, analisamos o segundo vídeo que compõe nosso *corpus* de pesquisa, denominado “Bichas pretas e a masculinidade”. As discussões e relações advindas das análises aqui apreendidas serão apresentadas no capítulo seguinte.

6.2 Vídeo 2: “Bichas pretas e masculinidade”

O vídeo #HomemNegro5 é o maior da série, com quase 25 minutos de duração. Nele, Murilo recebe 11 convidados, todos produtores de conteúdo no *YouTube*, com o objetivo de discutir sobre a masculinidade negra na comunidade LGBT (figura 3). Nesse sentido, o vídeo aborda os estereótipos e padrões racistas que ainda impactam diretamente a vida dessas pessoas que estão procurando mais espaços para divulgar suas vozes e ideias, como a própria plataforma. O vídeo, assim, possui uma ideia perpassada por uma mensagem temática ao final: união e pertencimento.

Figura 10: Participantes do vídeo #HomemNegro5



Fonte: Reprodução *YouTube*

A figura 3 é representativa do vídeo por mostrar todos os participantes dele e por retratar a disposição deles no cenário e, também, por evidenciar alguns aspectos nos quais a nossa análise se baseia e os quais detalharemos no decorrer desta seção. O *frame* na Figura 3 foi escolhido para ser o *thumb* (miniatura de um vídeo, que serve de capa) do material. Ele mostra Murilo, proprietário do canal, em posição baixa, abraçando outros participantes do vídeo, mas sem ser possível identificá-lo, uma vez que a cabeça está abaixada e escondida atrás de outro participante. Tal imagem representa que a centralidade do vídeo não está no dono do canal nem nas suas experiências pessoais explanadas nesse material, mas sim na representação coletiva do que, na temática do vídeo, reflete ser um homem negro gay ou bissexual. A coletividade como principal característica e representação é fundamental para nossa análise, tanto pela imagem que se forma e pelos aspectos multimodais do vídeo com um olhar semiótico desse quadro, como também pelo elemento midiativista pautado na solidariedade e nas conquistas públicas, no sentido de pluralidade de pessoas e alcance expandido, assim como a mudança social que visa alcançar, uma vez que a sociedade está pautada na coletividade de representações e direitos.

A pluralidade de pessoas representada na imagem, assim como os aspectos identitários raciais, como os cabelos, também são importantes marcadores temáticos e representativos. A simetria da imagem, demarcada pela distribuição espacial das pessoas e até dos gestos, levando à centralidade imagética, também denota a união das ideias ali debatidas a fim de se encontrar um consenso, não só no sentido harmônico, mas no sentido representativo das experiências ali relatadas que lhes são comuns.

Ainda que a coletividade seja a marca principal desse vídeo, já representado em sua imagem exemplificadora e ilustrativa, o vídeo começa com foco em Murilo, com dois participantes também enquadrados (Figura 4), individualizando a discussão e guardando similaridades com outros vídeos anteriores em que não há tantos

convidados. Esse enquadramento dura pouco tempo na introdução, até expandir e enquadrar todos os participantes ali presentes.

Figura 11:Frame inicial do vídeo, com foco em Murilo



Fonte: Reprodução *YouTube*

É interessante destacar o discurso oral desse início, em que Murilo afirma não ter preparado um texto inicial para introduzir o vídeo, como o fez nos anteriores. Como esse é o último vídeo da série #HomemNegro, que integra o projeto *Creators for Change*, ele dialoga com outros anteriormente produzidos, presumindo que o expectador tenha assistido aos outros vídeos da série até chegar nesse. Nos outros vídeos, como observado no primeiro que analisamos aqui, há uma apresentação do material a ser exibido, a partir de um resumo do tema a ser abordado e do anúncio dos participantes, justificando a presença deles nesse espaço midiático.

A partir dessa demarcação, já se subentende que o vídeo faz parte de uma série de vídeos, ainda que não tenha indicado o projeto nesse primeiro momento. Somente quando ele anuncia que está com “todas as bichas pretas do *YouTube*” é que a câmera abre e as pessoas reagem de maneira efusiva, formando a imagem representada na figura 3, em um jogo de revelação. Podemos relacionar esse processo como uma metáfora para a revelação de quem se é, como a

descoberta e anúncio da sexualidade, que perpassa os discursos e histórias do vídeo.

Somente depois da vinheta de abertura, que indica que o vídeo é parte do projeto *YouTube Creators for Change*, é que Murilo contextualiza que esse material integra a série de vídeos que ele produz para o projeto, apresentando-o como uma iniciativa da plataforma que visa incentivar debates sociais, ampliando seu alcance. Feita a apresentação, ele aponta para o tema do vídeo, acerca da representação gay e bi do homem negro.

No entanto, embora o tema seja baseado na sexualidade, a pergunta inicial, como pontapé do debate, versa sobre a observada invisibilidade, na plataforma, de homens negros heterossexuais:

Um dado importante que me fez pensar e produzir essa série de vídeos é o fato de que a gente tem no *YouTube* hoje alguma invisibilidade ou alguma ausência de homens negros falando sobre as suas questões sobre as suas vivências, e a maior parte dos homens negros que estão hoje na plataforma somos nós, que somos gays e bissexuais. A gente tem uma invisibilidade de homens trans que a gente sabe que é uma realidade fruto da transfobia, mas a gente também tem uma ausência de homens héteros e que é uma coisa que a gente investiga. O que vocês pensam sobre isso? (Muro Pequeno, on-line).

Interessante colocar esse debate, pois, a despeito de reunir tantos produtores de conteúdo gays e bissexuais, a discussão começa sobre o que eles não representam, distanciando-os do assunto sobre o qual debatem. Talvez por isso, o início do vídeo é mais tímido, com apontamentos contidos sobre a realidade que não os atravessa. A pouca interação entre os participantes nesse primeiro momento é perceptível na linha narrativa que se estabelece e na progressão de debates, que se inicia mais contido até ganhar mais força e naturalidade.

Os temas debatidos no vídeo passam pela ótica da sexualidade, mas abarcam o que constitui o homem negro e o forma, para além de atração e orientação sexual. Características como virilidade, sensibilidade e até resgate histórico da escravidão e a força de

trabalho perpassam a reflexão ali empreendida, como representada no diálogo transcrito a seguir:

P1: não pode falar de emoção você não pode falar de afeto não pode assumir fraqueza (P3 complementa, baixinho: "não pode chorar") pode falar disso é sempre assumir buracos que a gente tem e você pra parecer um homem hétero negão você tem que ser um cara forte tem que ser um cara viril, você não pode ficar se importando com esse tipo de coisa

P2: eu acho que isso vem muito da nossa história porque eu por exemplo meu avô excelente escravo meu avô ele era um homem muito foda, morreu com 104 anos até e assim acho que é uma certa diferença quando está falando de família tradicional e acho que a família tradicional negra porque tipo quando está chorando por exemplo quando o cara tá chorando é um menino branco "pô, homem não chora, cara" (fala baixinho, manso), agora quando é o menino negro "negão!!"

P1: Porrada, teu pai te dá um sacode! Você é viado!?

P2: E aí negão! Um negão desse chorando, acho que tem muito disso sabe

Esse diálogo entre dois participantes tem como tema central a demonstração de sensibilidade e a representação do homem negro emotivo. No entanto, essa questão esbarra em outras características que formam a identidade negra a partir do debate racial, na medida em que transpassa a ancestralidade, o resgate familiar, a história de escravização do homem negro e a representação da força dele pela sua longevidade, a despeito do sofrimento causado por esse período.

Uma possível interpretação de tal progressão temática pode estar na importância de ressaltar e demonstrar que, ao se debater masculinidade negra gay e bi, não devemos nos limitar à sexualidade, mas ampliar a discussão para todos os aspectos que perpassam e constituem a subjetividade de cada um, no sentido interseccional. É nesse tom de debate plural e aberto que o vídeo se desenvolve, se constrói e se desenrola. A partir de suas vivências pessoais, os participantes relatam o que os construiu como homens negros, e como foi essa percepção dentro da comunidade LGBTQIAPN+. Ademais, partem de suas experiências pessoais para encontrar pontos de encontro, a fim de debater e refletir o que a sociedade espera e como trata pessoas como eles.

Outro aspecto importante a ser observado é o sentimento de solidão que esses homens sentiam no que tange a vivência de suas sexualidades e o autorreconhecimento da negritude em comparação à identificação e percepção sobre a sexualidade. Esse é um recorte temático interessante, na medida em que dita alguns comentários no vídeo sobre visões e posicionamentos a respeito do que é ser um homem negro na sociedade. Assim, reconhecer-se negro, para além de assumir a sexualidade, é um ponto importante de encontro entre os participantes. Um deles relata: “eu me aceitei gay muito antes de eu me aceitar negro”, e outros dois, incluindo Murilo, reafirmam, falando que passaram pelo mesmo processo, e os demais ainda concordam com gestos positivos de cabeça. Dessa forma, aliar a negritude à sexualidade se firma como tema central do vídeo e da série na qual se insere.

Nesse vídeo, tanto pelo grande número de pessoas quanto pelas relações prévias que os participantes já estabeleciam, a naturalidade da conversa e suas respectivas características, como falas sobrepostas e interferências nos assuntos, são mais presentes e marcantes. Por diversas vezes, mais de uma pessoa fala ao mesmo tempo, o que é comum em conversas em grupo. Isso também denota maior conexão entre os participantes, na medida em que a conversa se desenvolve a partir das experiências pessoais de cada um.

A autoestima também é um tema muito presente nos assuntos debatidos no vídeo, que perpassa essas conversas. Quando se relatam as experiências e vivências sexuais, esse assunto vem à tona como algo em comum. Então, os participantes compartilham esses sentimentos de inferioridade que se distancia do que se espera de um homem negro pela sua virilidade e força estereotipadas.

Entre reflexões mais profundas e momentos de descontração, como relatos de experiências sexuais, o vídeo se desenrola como uma grande conversa entre amigos, que partem de suas individualidades para encontrar similaridades a fim de encontrarem um ponto em comum que forma a identidade do homem negro gay e bissexual. Perceber que as discussões ali levantadas a partir das

experiências de cada um também são importantes para a formação subjetiva, não só individual, mas coletiva, é apontar para o senso de coletividade identificada na imagem inicialmente aqui representada. Nesse sentido, o intuito é apontar que a multimodalidade dos discursos presente no vídeo converge na formação de identidade que ali se estabelece, servindo à coletividade como sentido midiativista. Pois é a partir de experiências individuais que se compreende a coletividade e se reflete sobre essas vivências, a fim de apontar um possível caminho que visa propor um novo rearranjo social, a partir dessa mudança prevista e inscrita na ideia de ativismo com a qual estamos trabalhando aqui.

Por fim, em um tom mais emotivo, o vídeo finaliza também com um convite para que mais pessoas ocupem esses espaços midiáticos, principalmente a plataforma *YouTube*. Dessa forma, percebemos um movimento endógeno de produção de conteúdo e de busca por representatividade e por espaços de debate e produção discursiva, também com efeito ativista desses vídeos. Isso se dá de maneira direta ao interlocutor, mas também está presente na multimodalidade discursiva dos vídeos, a partir da análise multimodal deles, que resulta em como esses produtos são consumidos e recebidos pelo público, conforme abordamos no decorrer deste trabalho.

Terminar o vídeo com essa mensagem é entender a construção dos vídeos da série #HomemNegro como um só produto midiativista, como um ciclo. O vídeo termina com o mesmo foco do primeiro vídeo, em ocupar espaços, mesmo que essa não tenha sido a temática central dele. É importante frisar isso, visto que é o último vídeo da série que se liga ao primeiro dela, em uma construção narrativa cíclica que (não) se encerra nela mesma, o que justifica, portanto, as análises aqui empreendidas.

A partir disso, seguimos para nossa análise tomando como base o algoritmo anteriormente apresentado e a tabela informada no capítulo anterior (Tabela 1, na página 85), a fim de pautarmos o padrão que pode ser seguido em vídeos com esse intuito. As

atualizações deste capítulo se dão com a contextualização e a especificidade temática do produto em questão, que debate a sexualidade do homem negro, colocando em evidência o homem gay e bissexual, considerando tudo o que o constitui, perpassando as questões relativas à raça e ao gênero.

6.2.1 Aspectos multimodais e visualidades não normativas

Ainda que a base do cenário seja a mesma do vídeo anteriormente analisado, o cenário se diferencia daquele, acrescentando elementos e possíveis significados que se relacionam com a temática abordada, conforme podemos observar na Figura 5. Apesar de sutil, a diferença no cenário é representativa.

Figura 12: Cenário do vídeo conta com composição lateral colorida



Fonte: Reprodução *YouTube*

A base do cenário é a mesa de tons terrosos com um elemento cênico central ao fundo, e as três caixas pretas à frente de um pano pronto. No entanto, para este vídeo, a diferença fundamental está nas laterais.

Dos dois lados, há uma estrutura que remete a um material de construção de um telhado de metal, na cor verde (no tom verde-

limão, mais aproximado do amarelo), que ocupa as laterais quase em sua totalidade. Eles se destacam pela cor chamativa e também por contribuir para a centralidade do vídeo, em um encontro de vetores a partir da leitura do cenário, como um quadro estático em que as informações repetidas nas laterais estão como dados e se complementam, levando a ordem de leitura para o centro do vídeo, onde se encontra a informação central (Barbosa, 2022). Ademais, essa estrutura imagética centralizadora também concentra os participantes em um espaço aparentemente menor, não totalizante de todo o espaço disponível para a gravação e abrangente pela câmera aberta.

A cor escolhida não é em vão. O vídeo tem foco na comunidade LGBT, especificamente Gay e Bissexual, de homens cisgêneros, que se identificam com o gênero que nasceram. Essa comunidade tem como principal símbolo uma bandeira colorida, com as cores do arco-íris. Ainda que a novidade do cenário não seja da cor contemplada na bandeira, o colorido que o novo cenário destaca faz alusão a essas cores de maneira discreta, contrastando com a aparente neutralidade que o representava. Essa discrição pode ser interpretada, também, como um afastamento visual que chame a atenção de imediato para o tema, mas que seja construído ao longo do processo – construção essa que o cenário também faz alusão. Os coloridos, portanto, podem ter relação com a cultura *queer* no sentido de quebra de expectativa e das normas anteriormente firmadas. Assim, o cenário se expande e libera a interpretação fechada que a heterossexualidade carrega e que é representada nos discursos orais e nos gestos expansivos presentes nesse vídeo.

Relacionando ao tema do vídeo e da série, focado na construção do homem negro perpassado por sua sexualidade, acrescentar cores aos tons terrosos que buscassem neutralizar o tema abre para a interpretação da importância de se destacar essa peculiaridade na formação subjetiva do indivíduo, compreendendo-o de maneira completa e complementar. Além de continuar com os traços da masculinidade negra considerada básica, representada, aqui, pelo

cenário em tons terrosos e sóbrios, a cor agrega espontaneidade e leveza para sua subjetividade e para o processo de autoentendimento como homem negro.

É importante refletir, também, sobre o objeto que é utilizado para compor esse cenário, que faz alusão a um telhado de metal de construção. As masculinidades ali retratadas e debatidas são frutos de um processo subjetivo, mas também coletivo. O caminho pode ser árduo, mas representa a solidez de sua construção para se ter a base firme que se cubra de elementos fortes a fim de que o conteúdo interno não se dissolva nem desmanche.

Tal como o telhado de metal, comum em construções de ambientes coletivizados, como galpões e grandes terrenos, o objeto que compõe o cenário em suas extremidades laterais pode contribuir para a ideia de que todos os participantes ali presentes estão inseridos nesse mesmo local sob a estrutura forte comum. Considerar a coletividade como base e cobertura, na analogia com a construção do que se é, estabelece uma relação fundamental com a construção das masculinidades ali representadas, e, também, com o caráter ativista social da comunidade na qual o grupo se insere com sua formação identitária.

A cor que a singulariza faz referência ao detalhe que os diferencia das outras masculinidades negras, à margem (na lateral) do que se espera da padronização da masculinidade negra sóbria e sombria representada pelos tons terrosos do centro. Assim, a construção, à qual o cenário faz referência, é pautada na masculinidade negra com especial atenção à sexualidade como elemento novo, porém fundamental na constituição do que se forma e se representa.

Para compor o cenário, outros dois elementos cênicos também são acrescentados: dois pufes, que são uma espécie de grandes almofadas com a função de poltrona, para que as pessoas se sentem, um na cor do objeto do cenário, e o outro, preto, da cor do pano de fundo central. Nessas extremidades, dois participantes passam, portanto, a ganhar destaque (figura 6).

Figura 13: Cenário com toque colorido e elementos cênicos destacados



Fonte: Reprodução *YouTube*.

À esquerda do *frame* que é a capa do vídeo, está um participante sentado no *puff* verde com a mão no queixo em uma pose considerada mais próxima da feminilidade, destacando o rosto de maneira sutil e meiga. Tal destaque chama atenção, ainda, para seu cabelo estilo “Black Power”, um importante demarcador racial.

Do outro lado do vídeo, na mesma linha horizontal, está outro participante sentado em um *puff* preto, que também olha para a câmera com uma risada natural, sem pose pré-estabelecida. Ele, por sua vez, tem o cabelo trançado de *dread*, outro importante demarcador racial e identitário, amarrado em um grande coque acima da cabeça. Sentado de maneira mais natural e despojada, aproxima-se mais da naturalidade e da espontaneidade, características importantes que ditam a linha narrativa condutora do vídeo como um todo e do encontro ali proposto para o debate.

A formação do cenário com os elementos cênicos dá uma sensação de aconchego, pela disposição dos objetos e pelo preenchimento do espaço pelos participantes, que ocupam todo o cenário central. As cores representativas do movimento negro e as mais vivas que dialogam com a temática da orientação e diversidade sexual indicam força e acolhimento.

A simetria de toda essa composição foca a atenção para o que está sendo discutido, apontando para a centralidade do ambiente cênico. O elemento que se assemelha a um telhado é a cor que se destaca no ambiente, podendo ser interpretada como uma construção, uma formação da identidade que foge da normativa, e/ou como cobertura e fortaleza, no sentido de segurança em ser quem se é. Assim, as visualidades dos elementos multimodais à primeira vista do vídeo, principalmente imagéticos, convergem para a produção de sentido de formação e representação de masculinidades contra-hegemônicas, visualizadas ali na sutileza dos elementos cênicos e na composição do cenário.

6.2.2 Vozes e representação das masculinidades contra-hegemônicas

O vídeo conta com a presença de muitos participantes em um debate que visa ouvir e contar com a participação de todos eles. Isso faz com que a conversa flua de forma natural e espontânea, ainda que de maneira formal no início. A diferença pode ser percebida pelas interrupções nas falas e na progressão do uso de gírias, comentários entre as falas, risadas e outras marcas da oralidade espontânea que constituem um diálogo rotineiro. Essa característica mais fluida do bate-papo acarreta algumas sobreposições de falas, o que acaba culminando em alterações no tom de voz para serem ouvidos e participarem da conversa naquele momento.

A principal alternativa observada nesse elemento multimodal é o timbre como uma representação contra-hegemônica da masculinidade negra, na contramão da virilidade, poder e força que se espera de um homem negro desde a infância, corporificada, também, no modo de se expressar verbalmente (Bola, 2021). Na sociedade patriarcal de construção de masculinidade hegemônica que sobrepõe a força masculina em detrimento da sensibilidade e da fragilidade – que ela considera como características femininas –, a força, muitas vezes, é associada ao timbre de voz (Bola, 2021). Apesar de esse elemento que não ter qualquer relação lógica com a

representação de força, ficou convencionado dessa forma. Assim, os timbres e os tons de voz mais finos são preconceituados pela masculinidade hegemônica por não se aproximarem do que se espera dela, que são, principalmente a força e a virilidade retratadas como principais características do homem negro.

Exemplos disso são quando relatam o que se espera, seja por aplicativo de relacionamento ou encontros presenciais, sobre ser “ativo” na relação sexual, além de estarem sempre prontos para o sexo. Nos relatos, os participantes comentam sobre a expectativa do outro em relação ao tamanho do pênis e de “preferência sexual”²⁰, sempre atribuindo a imagem estereotipada do homem negro de ter pênis grande e ser “o provedor”, fazendo o papel ativo da relação sexual.

As diferenças no tom de voz, de acordo com o assunto e o número de pessoas que participam daquele momento enunciativo, também se relacionam com a pluralidade de possibilidades que os homens negros carregam e que estão ali representadas. A principal variação no tom de voz se dá quando se tenta desvencilhar da representação de virilidade e potência sexual, que é imposta a homens negros. A voz mais impositiva denota a reprodução da fala de terceiros, a fim de demarcar quando se trata do outro, em um afastamento do que se é. A voz mais natural, fina ou mais próxima do que se considera como feminino, principalmente no tom informal de brincadeira, por vezes é acompanhada do relato de relações sexuais, o que pode corroborar com o estereótipo dessas representações.

Ao relatar tais impressões, os participantes também estereotipam suas representações, ao engrossar a voz, distanciando-se de quem são por demonstrar que se trata de outras vozes que buscam os retratar. Em contrapartida, quando abordam as próprias preferências e identidades a partir do que são e gostam nas relações

²⁰ Importante ressaltar que represento linguisticamente aqui o que é discutido no vídeo, apesar de as discussões sobre essas “posições” ou “preferências” não mais serem tratadas de maneira tão dualística e binária, definindo e separando “ativo”, “passivo” e “versátil”, por exemplo.

sexuais, reafirmam o estereótipo mais feminilizado, com a voz fina e com gestos mais soltos, que se aproximam do que se retrata em relação ao feminino. Dessa forma, percebemos que, apesar de procurar se afastar dessas representações hegemônicas e estereotipadas, os participantes ainda reproduzem o discurso normativo de simbolizar relações de gênero a partir das características multimodais aliadas ao papel que exercem também no sexo. Simbolicamente, continuam a perpetuar a heteronormatividade que visam combater, tanto discursivamente quanto pauta ativista.

Por outro lado, de maneira geral em relação ao tom de voz e à forma como a conversa é conduzida e acontece, a naturalidade se realiza na construção coletiva do que é ser gay ou bissexual na sociedade como um todo, na busca de representatividade e de pertencimento. Quando se sentem parte de um grupo, o tom é mais natural e espontâneo, diferente do momento em que se conta uma história pessoal ou chama atenção para si, em um trabalho autocentrado e de expressão da autoridade.

Assim, a pluralidade também se firma como uma metodologia de ação para análise, uma vez que é a partir dela que podemos perceber as diferenças entre os integrantes de uma mesma comunidade, ao mesmo tempo em que se colocam como parceiros e apoiadores. Ademais, o reforço de cada identidade, a partir de sua vivência única, fortalece o valor de se identificar e respeitar a construção individual em prol de uma causa comum.

Tal representatividade, apesar de não ser marca ou elemento midiativista, como elencamos em capítulos anteriores, é importante meio para que a mudança social possa ser incentivada e batalhada em conjunto, baseada na coletividade que essa frente prega. Fazer-se presença a partir de características individuais e únicas é força motora para produzir mecanismos de defesa e amparo coletivo a partir da união como forma de resistência sobre o que se prega da masculinidade hegemônica.

Dessa forma, a partir das variações do tom de voz e do timbre característico individualmente, as representações de masculinidades contra-hegemônicas são construídas e difundidas, firmando-se não somente como forma de expressão e objeto de análise, mas também como elemento fundador que constitui a construção de cada sujeito como parte da comunidade em questão. Ainda assim, percebemos que as representações normativas ainda podem ser repetidas pelos próprios sujeitos que buscam se livrar das estereotipações, haja vista o enraizamento de tais discursos.

6.2.3 Cores, roupas e a busca da representação e ancestralidades negras

As cores dos elementos cênicos e do cenário, como levantamos anteriormente, exercem importante papel de pluralidade da representação das masculinidades, principalmente relacionadas ao tema de sexualidade. Além dessas cores, outras que estão nas roupas dos convidados também são importantes para nossa análise.

Dois pontos principais em relação às roupas nos chamam atenção: a blusa utilizada por Murilo e a usada pelo participante mais à direita do vídeo, em destaque por estar sentado em um banco alto. Murilo usa uma blusa preta, com o escrito “#Imgay” colorido (figura 7), já sinalizando, pelo próprio vestuário, sua orientação sexual e a relação com o ambiente *on-line*, representado pelo uso de *hashtag*, muito comum nesses espaços digitais. Representar, já pela roupa do participante central do vídeo, a orientação sexual, é um importante demarcador em relação ao tema e ao que o espectador pode esperar do vídeo.

Figura 14: Roupa de Murilo aponta sua sexualidade



Fonte: Reprodução *YouTube*

O outro participante está com uma blusa branca com uma faixa colorida das cores do arco-íris, que simbolizam o movimento LGBT, com a palavra “*missing*”, ou seja, ausente (figura 8). Importante ressaltar, também, que quando se dá o foco a esse participante, destacando a vestimenta e sua participação, ele está com uma feição séria, sisuda, sem sorrir. Considerando o sorriso como um elemento de leveza, afeto e conexão, além de concordância, representar a ausência com a seriedade ou com a inexistência de significantes de felicidade é uma forma de representar o que a invisibilização midiática pode repercutir e o que essas masculinidades ali presentes podem representar.

Essa invisibilização também é pauta do debate empreendido no vídeo, não do ambiente *on-line* ou da plataforma do *YouTube* em si, mas como os próprios participantes silenciavam ou escondiam sua orientação sexual ou como ela é silenciada no debate de masculinidades negras. Esses dois pontos de atenção nos guiam na construção da identidade gay e bissexual, e, também, chamam a atenção para a importância de se demarcar visualmente sobre o que se trata o produto audiovisual, como marca identitária.

Figura 15: Blusa de participante indica ausência do movimento LGBT



Fonte: Reprodução *YouTube*.

Para além desses dois pontos de atenção, a marca racial também é importante foco de análise do vídeo. Ainda que com cores discretas, outros elementos visuais e característicos dos próprios participantes funcionam como exemplo ilustrativo sobre a masculinidade negra, principalmente os cabelos.

A diversidade de cabelos crespos e cacheados, com diferentes penteados, é o que se destaca no vídeo quando se aborda a questão racial. *Black Powers*, trança, *dreads* e cabelos cacheados volumosos são marcas do vídeo que demarcam a relevância de usar o cabelo como uma forte marca da identidade negra a partir do primeiro contato visual. Ressalta-se, aqui, o papel importante que o cabelo crespo e o cacheado representam para o movimento negro, como símbolos de resistência e empoderamento.

A edição de imagem corrobora para essa valorização. Ao final do vídeo, enquanto Murilo fala da importância de se debaterem questões raciais na comunidade LGBT, a câmera faz uma espécie de giro no ambiente, com foco em cada participante do vídeo, em especial nos cabelos e em outros traços marcantes de cada um para o reconhecimento da negritude (23'13" a 23'59").

No momento representado pelo vídeo acima, é fundamental nos atentarmos a como o discurso oral está casado com a seleção de imagens feita pela edição. O movimento de câmera começa no trecho em que Murilo diz: “(...) para que a gente consiga entender que construir outras masculinidades é possível enquanto pessoas negras mas pra que a gente entenda também a importância de falar sobre racismo, sobre a questão racial dentro da comunidade LGBT...”. Em uma análise que convirja o que é falado com o que é mostrado visualmente, as imagens ilustram bem a diversidade das masculinidades possíveis, como homens negros, mesmo em abordagem visual de identidade. O uso enfático da palavra “racismo”, principalmente no final do vídeo, em que se mostram todos os participantes do vídeo, também é importante para demarcar o que eles sofrem e como se sentem dentro da masculinidade LGBT, uma vez que o debate de masculinidade, quando ocorre, é pautado na branquitude, como os participantes elencam no vídeo.

O movimento de câmera termina quando Murilo fala: “(...) o recado que eu tenho pra esse vídeo é: ouçam as bichas pretas. Ouçam as bichas pretas! A gente tem muita coisa pra dizer. (...)”. Esse recorte é importante pois considera o coletivo, não só o orador. Ao reforçar a importância de se ouvir “as bichas pretas” enquanto mostra os participantes, culminando em ressaltar o papel e o destaque de todos eles que “têm muita coisa para dizer”, a coletividade e a união dessas pessoas são destacadas. Dessa forma, a inserção social se firma como fundamental característica do vídeo e do debate produzido ali. Ademais, reconhecem a importância de espaços discursivos como esse, que se fazem presentes com característica midiativista e que lhes permitem se firmarem como pessoas de resistência, em uma rede de defesa. Todos esses elementos, impulsionados pelas características destacadas no vídeo, contribuem para a construção midiativista do vídeo, resultando em um pensamento que envolve a sociedade a partir da construção coletiva.

Por fim, a aparente neutralidade do vestuário da maioria dos participantes pode indicar que ele não se firma como um fundamental elemento multimodal, com sua relação com as cores e tudo o que isso representa. Apesar disso, o destaque de suas roupas já produz um significado acerca do tema debatido no vídeo e da abordagem das discussões. Outra estratégia discursiva para chamar mais atenção ao que debatem e ao discurso oral acontece a partir do discurso oral aliado às representações imagéticas destacadas na edição do vídeo e no movimento de câmera. Esse apontamento presente no final do vídeo revela relações com o tema, indicando mais sua pluralidade e relevância, do que, necessariamente, a forma como se vestem, conforme se observa em outros produtos audiovisuais.

6.2.4 Postura, gestos e a imposição de sensibilidade de masculinidades negras

O frame inicial do vídeo, que o representa como imagem estática, apresenta uma espécie de sinopse dos gestos e posturas presentes no vídeo e como sua diversidade aponta para a construção da narrativa. Na foto, podemos ver, à frente e ao centro da imagem, um rapaz com as mãos em contato simulando uma pose de oração. Destacamos esse gesto aqui pela relação que estabelece com outros vídeos do canal, que abordam o tema de religiosidade, e, também, pela relação com a própria descrição da página, que, conforme apontamos na seção sobre o canal, reforça a relevância da identidade religiosa.

Em outro trabalho (Lima-Lopes; Câmara, 2019), analisamos dois vídeos do canal: “De um filho gay cristão para pais cristãos de filhos gays” e “O que a bíblia não diz sobre homossexualidade”, que abordam, diretamente, a relação entre sexualidade e religiosidade. Nesses vídeos, há elementos cênicos e visuais que remetem à religião e a colocam como figura central não só do produto audiovisual, mas também, do debate que se empreende. Em nossa análise, percebemos como o discurso religioso e teológico permeiam as reflexões sobre sexualidade e como a produção de conteúdo audiovisual, para se

fazer valer e conquistar a credibilidade pretendida, utiliza atributos discursivos religiosos no tom de voz, na postura e em outros elementos multimodais (Lima-Lopes; Câmara, 2019).

Ainda que não seja um ponto de debate deste vídeo especificamente, a imagem angelical que faz referência à religião guarda relações subentendidas entre a homossexualidade, a bissexualidade e o que a Igreja, na condição de instituição independente da religião específica, considera como pecado. Ademais, a imagem faz referência, também, ao quanto essas pessoas ali presentes e representadas podem exercer o papel simbólico da pureza, como outras que, hegemonicamente, ilustram essa imagem.

Outro ponto importante de se destacar como elemento de análise multimodal presente em todo o vídeo é a proxêmica, a distância entre os participantes. Aglomerados, eles estão muito próximos uns dos outros, por vezes abraçados ou com toque de carinho representado pela mão na perna da pessoa ao lado ou por outra demonstração de afeto. Em alguns momentos, essa proximidade se aflora e é manifestada em abraços de acolhimento e apoio entre os participantes (Figura 9).

Figura 16: Participantes se abraçam em sinal de apoio e afeto



Fonte: Reprodução *YouTube*.

É importante ressaltar que os abraços e outros momentos de troca de carinho e afetividade, quando, de maneira geral, envolvem mais de dois participantes, são em direção única e centralizante, orientando nosso olhar ao meio do ambiente visual, culminando no destaque a Murilo. Além dessa centralização imagética, a imagem também sugere espécie de coroação do que se disse, uma vez que é em seguida a alguma fala conclusiva ou de efeito proferida pelo proprietário do canal. Além, óbvio, de se dar o foco para o anfitrião, é interessante estabelecer a relação de centralidade de afeto quando ele é unido: há uma busca por uma referência, que sirva de âncora ou base para todas as masculinidades negras baseadas na sexualidade que o cercam.

Mais do que relação de proximidade e intimidade entre os participantes, esses momentos demonstram a importância da união em debates como o levantado no vídeo para se firmarem como rede de proteção e defesa, baseada no coletivo. Assim, firmam-se como uma possível demonstração de elementos midiativistas, como a presença, a defesa e a resistência, em prol de um bem comum e na efetiva ação da sociedade e da coletividade, para além dos individualismos e das características pessoais que constituem cada sujeito e formam a comunidade, sem invisibilizar tais especificidades. Tal proximidade incentiva o público a agir de maneira semelhante e também se sentirem parte do que se é observado no vídeo.

Por fim, os gestos interacionais e efusivos são os mais representativos nesse vídeo. Essa interação é significativa, na medida em que vai na contramão do estereótipo de homem negro no sentido de virilidade, dureza e não demonstração de sentimentos. Já nos gestos efusivos, como de comemoração ou de alegria extrema, denotam, principalmente, a liberdade pela qual lutam e da qual se orgulham. Sentir-se livre e à vontade para fazer esses gestos expansivos, para exagerar nos sentimentos e sensações que os atravessam são aspectos que os colocam em comunidade e união.

Apesar de estarem em planos distintos no vídeo, sentados em bancos altos, médios e no chão, não há uma hierarquia visual a partir da postura nem do vídeo em si. Quando um participante fala, a postura dos outros indica abertura de diálogo e relação direta com o falante, que passa a interagir por meio dessa linguagem corporal de acolhimento, concordância e carinho, demarcando a alteração de turno de fala. Dessa forma, a partir da interação entre os participantes, promove-se a relação mais enfática da união e da coletividade, demonstrando o apoio que buscam.

Todas essas discussões e reflexões estão presentes não só no discurso verbal, como também na multimodalidade que ultrapassa a linguagem visual, mas considera sua relação: com o espaço, entre os envolvidos no debate e com as escolhas de edição do que se mostra. No capítulo a seguir, condensamos essas discussões, relacionando os dois vídeos aqui analisados, culminando nas masculinidades como tema, teoria, debate e metodologia de análise, perpassando todas essas questões que provocam o sentido midiativista ao qual os vídeos (e a série) se propõem e que aqui pontuamos.

7. MULTIMODALIDADE E MASCULINIDADES QUE EVOCAM SENTIDOS ATIVISTAS. O QUE AS ANÁLISES PODEM NOS MOSTRAR?

7.1 As relações dos significados multimodais

Considerando as análises feitas no capítulo anterior, nossa discussão sobre os sentidos evocados pelos vídeos parte da multimodalidade, perpassada pelas masculinidades, resultando no ativismo pretendido e potencializado pela temática. Dessa forma, com base nos critérios metodológicos e algoritmos de análise previamente estabelecidos, apontados e explicados, resumimos o que interpretamos a partir do olhar sociosemiótico, a partir da descrição de um modo linguístico e dos respectivos significantes e significados, em um cruzamento entre os dois vídeos, a fim de apresentar os pontos de convergência e outros em que a variação indica a produção de sentido midiativista que o vídeo suscita.

O cenário, que é o ambiente físico no qual os participantes estão, é composto, em ambos os vídeos, por um pano preto ao fundo com mobiliário em caixas, com destaque para a do meio, que comporta o elemento cênico que está presente nos dois vídeos. As cores em tons terrosos, principalmente no primeiro vídeo, indicam firmeza e sobriedade, relacionando com a temática de movimentos negros e debates raciais.

Assim, as cores e a disposição do cenário incentivam o debate sobre raça, apostando na informalidade de uma conversa e na naturalidade de um espaço que pode ser reproduzido em larga escala, sem grandes produções e investimentos, fomentando o debate, também, para quem assiste aos vídeos. O quadro abaixo indica essa análise.

Quadro 1: Análise do cenário do vídeo 1

Modo	Contexto descritivo	Significante	Significado
<u>Cenário</u>	Ambiente físico no qual estão os participantes do vídeo, composto por panos e paredes. Cenário estático, como uma sala.	Cores em tons terrosos, aproximando-se da firmeza e das cores referentes ao movimento negro.	As cores representativas do movimento negro dialogam com o tema e a raça em debate. Além disso, pode indicar a força e a sensação de acolhimento, já que “se veem” representados, também, nas cores do cenário.

Já no segundo vídeo, o cenário-base é o mesmo, já que a série é gravada no mesmo ambiente. A principal diferença entre os dois vídeos aqui analisados se dá no complemento do espaço de gravação. Enquanto no primeiro há somente o pano preto e elementos mais simples e padronizados na mesma paleta de cor, o último vídeo da série apresenta outros componentes coloridos, dividindo o espaço em três quadrantes, centralizando os participantes em um ambiente aparentemente reduzido, favorecendo a proximidade que é característica desse vídeo.

Também simétrico, não há interação entre participantes e cenário, focando na discussão que se estabelece no encontro entre os produtores de conteúdo gays e bissexuais. A simetria do cenário se contrapõe à movimentação que os integrantes fazem, tanto no sentido gestual quanto na aproximação entre eles, em diversos momentos, indicando carinho e afeto. Esse diálogo de cores promove, portanto, a intersecção do debate de masculinidades negras sob o prisma da sexualidade, representado pela junção das cores chamativas do elemento em construção que é inserido no cenário junto aos tons terrosos que compõem o ambiente, conforme indicado no quadro a seguir.

Quadro 2: Análise do cenário do vídeo 2

Modo	Contexto descritivo	Significante	Significado
<u>Cenário</u>	O fundo é composto por três tons de cor, intercalando de maneira simétrica: nas extremidades, verde-limão; ao lado, marrom/bege e, no meio, pano preto com as caixas. Também compõem o cenário os pufes em que dois participantes estão sentados: um verde, da cor do cenário, e outro preto, também em alusão ao pano central. Os outros participantes parecem estar sentados em bancos que não são revelados como elemento do cenário.	O cenário é simétrico e prima pela aparente neutralidade, uma vez que não há destaques para ele nem interação com o ambiente. Esse afastamento demonstra que o foco do vídeo não é esse aspecto, mas sim a discussão que se estabelece ali, com as outras interações possíveis.	As cores representativas do movimento negro dialogam com o tema e a raça em debate, e as cores mais vivas dialogam com a temática sexual. Além disso, podem indicar a força e a sensação de acolhimento, já que “se veem” representados, também, nas cores do cenário, formando uma sensação de aconchego, pelo tamanho do cenário.

Dessa forma, enquanto um cenário preza pela sobriedade da mesma paleta de cor escura, o outro dialoga com o colorido, indicando mais leveza e a diversidade que busca retratar e debater. Assim, a relação com o tema do vídeo se dá, também, pelo uso das cores que compõem o cenário, a fim de ampliar e apontar o debate, mesmo que não haja interação direta entre os participantes e o ambiente.

Nesse mesmo sentido, os elementos cênicos complementam o cenário e apontam para os mesmos significantes e sentidos que o cenário, a partir da completude com os referidos elementos. No entanto, um elemento cênico se destaca como uma simbologia do que se debate a partir da representação de três temas que sustentam os vídeos e da masculinidade que perpassa todos eles. O referido

objeto, de decoração em formato de pirâmide, está no centro geométrico do vídeo, apontando a centralidade, também, do debate que se empreende, destacando os assuntos abordados no vídeo nos discursos orais. Os demais elementos não recebem interação com os participantes, apenas compõem o cenário, como resumimos no quadro a seguir.

Quadro 3: Análise dos elementos cênicos do vídeo 1

Modo	Contexto descritivo	Significante	Significado
<u>Elementos cênicos</u>	Cadeiras, quadro e enfeite, que compõem o cenário.	Estão simetricamente expostos, dividindo o ambiente e a tela em duas partes de igual distribuição espacial.	A simetria foca a atenção para o que está sendo discutido e para o turno de fala, indicado pelo movimento. Os elementos que não interagem com o tema nem com os participantes podem indicar um afastamento dessas pessoas ou ainda o afastamento dessa simetria ordinária, sendo uma metáfora para a “desordem” ou a fuga do padrão que os vídeos representam.

Já no segundo vídeo (quadro 4), existem outros elementos cênicos que, ainda que também não interajam com os participantes, são importantes pontos de análise pela cor e representação delas. Ademais, o objeto lateral que compõe o cenário pode representar a ideia de construção, em uma relação simbólica da discussão acerca da masculinidade contra-hegemônica ali representada e visada a ser desenvolvida.

Quadro 4: Análise dos elementos cênicos do vídeo 2

Modo	Contexto descritivo	Significante	Significado
<u>Elementos cênicos</u>	Puffes, caixas com enfeite ao fundo e laterais que simulam telhado de construção.	Estão simetricamente expostos, dividindo o ambiente e a tela em duas partes de igual distribuição espacial.	A simetria foca a atenção para o que está sendo discutido. O elemento que se assemelha a um telhado é a cor que se destaca no ambiente, podendo interpretar uma construção, uma formação da identidade e a representação não-heterossexual, além de cobertura e fortaleza, no sentido de segurança em ser quem se é.

Dessa forma, os elementos cênicos destacados nos dois vídeos, apesar de não estabelecerem relações diretas com o debate nem com os participantes, simbolizam as conclusões e representações do debate sobre masculinidades. Pensar nas masculinidades atravessadas pela linguagem multimodal é buscar a representação delas de modo alternativo, que ajude na construção de outras possibilidades de a exercer.

Aliado ao cenário e aos elementos cênicos está a distância entre os participantes dos vídeos, aqui denominada proxêmica. No primeiro vídeo analisado neste trabalho (quadro 5), essa distância é simétrica e linear, obedecendo à formalidade sugerida pelo cenário. As únicas variações desse distanciamento são nos momentos de maior interação entre os participantes e na troca de carinho entre eles, sendo essa, também, um sinal da contra-hegemonia que visam incentivar e promover.

Quadro 5: Análise da proxêmica do vídeo 1

Modo	Contexto descritivo	Significante	Significado
<u>Proxêmica</u>	A distância entre os participantes, e a distância entre eles e os elementos cênicos.	Distância simétrica e padronizada entre as pessoas, com certo afastamento, ainda que minimamente próximos.	A variação dessa proxêmica se dá a partir dos movimentos de união e de repulsa que os participantes fazem, em momentos específicos das falas. Ou seja, há a quebra do equilíbrio e da simetria quando se enfatizam: as particularidades das masculinidades negras, a necessidade de união para sua representação e o afastamento ao se tratar da masculinidade hegemônica branca.

A distância simétrica observada no primeiro vídeo da série não se repete no último. Na contramão da formalidade e do distanciamento entre os participantes, o que fomenta o discurso professoral, no segundo vídeo aqui analisado, é o fato de as pessoas estarem aglomeradas e muito próximas umas das outras, com toques e abraços mais presentes (quadro 6). Essa proximidade denota a contra-hegemonia sobre a qual comentam, e que consiste na troca de carinho, no afeto e na representação do sentimento.

Quadro 6: Análise da proxêmica do vídeo 2

Modo	Contexto descritivo	Significante	Significado
<u>Proxêmica</u>	Os participantes estão aglomerados, sem muita distância entre eles.	A proximidade física pode denotar a proximidade relacional entre os participantes, além de demonstrar o acolhimento e a união entre eles, como uma comunidade.	A proximidade estimula o carinho, que é percebido pelos constantes toques entre eles e os movimentos de abraços e mãos dadas, representando contato e intimidade. Essas ações fogem do estereótipo da não sensibilidade do homem negro.

Dessa forma, a proxêmica se firma como um importante ponto de análise, na medida em que reproduz representações imagéticas das masculinidades negras de acordo com cada tema de vídeo, sendo uma importante simbologia do que se retrata nele. Ademais, a evolução desse distanciamento também pode denotar que o debate se inicia de forma longínqua, visando a união e a congruência de ideias, representadas pela proximidade dos homens negros se entendendo como pares na comunidade.

As roupas do vídeo que abre a série são de cores neutras, com detalhes que remetem ao movimento negro, apesar de não receber tanto destaque na edição do vídeo. Essa busca pela neutralidade da roupa e da caracterização, ainda que com alguns elementos chamativos, pode ser uma forma de ampliar o alcance do material, chegando a públicos e lugares que não queiram se vincular a esses debates a partir do seu primeiro contato visual, como observamos no quadro a seguir.

Quadro 7: Análise da caracterização/vestuário do vídeo 1

Modo	Contexto descritivo	Significante	Significado
<p><u>Caracterização/Vestuário</u></p>	<p>Roupas de cores neutras e sem muitas estampas. Os detalhes chamam a atenção para cores e elementos representativos para o movimento negro.</p>	<p>Roupas neutras que não chamem atenção para o que vestem, mas sim para o que está sendo dito. Ao mesmo tempo, detalhes podem indicar a identidade.</p>	<p>Apesar de serem importantes elementos identitários que se relacionam com a temática, de modo que seria importante uma discussão aprofundada deles, esses elementos não são bem explorados neste vídeo, apostando em uma aparente neutralidade para atrair a atenção para o debate. Pode ser, também, no objetivo de expandir o alcance, interesse e discussão para outros públicos que não estão acostumados a consumir esse tipo de conteúdo,</p>

			atraindo-o a partir da simplicidade e da neutralidade.
--	--	--	--------------------------------------------------------

O segundo vídeo (quadro 8) apresenta alguns elementos nas roupas que se relacionam com o tema, como a autoidentificação como gay, do próprio Murilo, e o destaque de ocupação de espaço dado a outro participante, que veste uma blusa com a bandeira do movimento LGBTQIAPN+. Dessa forma, apesar de apresentar pontos de destaque que relacionam o vestuário ao tema debatido no vídeo, o foco continua sendo no discurso verbal e em outros elementos, uma vez que não há citação nem interação entre os participantes e as roupas.

Quadro 8: Análise da caracterização/vestuário do vídeo 2

Modo	Contexto descritivo	Significante	Significado
<u>Caracterização/Vestuário</u>	Apesar de alguns estarem com roupas neutralizadas, o vídeo destaca as cores presentes em outras roupas, tanto o arco-íris em uma blusa quanto cores marcantes, como a violeta, e outras características que se aproximam do mundo da moda.	As roupas coloridas e "fashionistas" demonstram a liberdade criativa e de projeção e visibilidade de sua identidade, representando o tema da sexualidade que abordam	Ainda que com cores em destaque, elas não estão presentes em todas as roupas. A aparente neutralidade do vestuário indica que ele não se firma como um fundamental elemento multimodal com sua relação com as cores e tudo o que isso representa. Outra estratégia discursiva para chamar mais atenção ao que debatem e ao discurso oral do que, necessariamente, à forma como se vestem e a relação disso com o tema, como observa-se em outros produtos audiovisuais.

Com isso, percebemos que, apesar de carregar elementos importantes que referenciam tanto o movimento negro quanto o

movimento LGBTQIAPN+ em suas roupas, os participantes dos vídeos não os citam, ignorando-os no contexto de debate. Essa característica observada nesses vídeos, aliada ao não destaque dado também pela edição de imagem, não é tão comum em produtos audiovisuais *on-line*, que geralmente relacionam as roupas e a caracterização como parte do debate que visam empreender.

Como uma conversa informal, os gestos surgem naturalmente enquanto os participantes do vídeo falam. Sendo assim, principalmente no primeiro vídeo, eles acompanham o discurso, dando ênfase em algumas palavras ou para representar o sentido que o orador deseja denotar, como o distanciamento entre as masculinidades negras e as masculinidades brancas, ou quando um dos participantes representa o choro que observou de um pai na plateia do teatro, tampando os olhos com as mãos. Nos gestos enfáticos, portanto, reitera-se a distinção entre as masculinidades negras e as brancas, o que é um importante registro de presença no debate racial que se produz. Nesse primeiro vídeo (quadro 9), a interação entre os participantes se dá mais pelo gesto que pelo toque, devido à distância simétrica entre eles e à configuração da roda de conversa.

Quadro 9: Análise dos gestos do vídeo 1

Modo	Contexto descritivo	Significante	Significado
<u>Gestos</u>	Os principais gestos são de acompanhamentos das próprias falas, enfatizando alguma intenção ou na interação com outro participante, incentivando o diálogo e o contato com o outro.	Os gestos enfáticos são aliados ao discurso oral, numa espécie de ilustração do que está sendo dito ou apontado, enfatizando aquela característica. Quando há gesto interacional, é no contato com o outro, como um pedido de	Principalmente nos gestos enfáticos, há nitidamente uma separação de “nós x eles”, quando se trata de masculinidade hegemônica branca, no sentido de afastamento. Essa representação é fundamental para a análise, na discussão das masculinidades como questão central e que rege: todo o vídeo, os elementos multimodais e suas

		desculpas por uma interrupção, ou a deixa de fala.	respectivas representações. Outro gesto importante é na interação com o outro, no sentido de se desculpar por interromper um raciocínio, com toques leves, ou a alternância do turno de fala, no sentido de gentileza de ceder o espaço discursivo ali apreendido.
--	--	----------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Por outro lado, essa distância não se faz presente no segundo vídeo, em que há uma aproximação maior entre os participantes, como apontamos anteriormente. Essa proximidade também influencia na caracterização e na prática de gestos interacionais, uma vez que, quanto mais próximos, mais os participantes se tocam e interagem entre si. Importante ressaltar, também, os gestos considerados de carinho entre eles, como o toque da mão na perna ou no abraço (quadro 10). Essa característica denota o sentido contra-hegemônico da masculinidade, pois reflete a sensibilidade e a expressão de sentimentos afetivos entre homens, o que a masculinidade hegemônica repulsa.

Quadro 10: Análise dos gestos do vídeo 2

Modo	Contexto descritivo	Significante	Significado
<u>Gestos</u>	Os gestos estão presentes em todas as falas, sejam dêiticos ou interacionais. Também são marcantes em comemorações e encenações.	Os gestos enfáticos sinalizam o que está sendo dito, como para ilustrar o discurso verbal. Os gestos interacionais apontam para a sensibilidade e a intimidade entre os participantes. Os efusivos representam a	Os gestos interacionais e efusivos são os mais representativos nesse vídeo. Nas interações, observa-se mais contato e demonstração de carinho entre os participantes, com toques na mão, na perna e abraços. Essa troca é significativa, na medida em que vai na contramão do estereótipo de homem negro no sentido de virilidade, dureza e não

		liberdade e a espontaneidade.	demonstração de sentimentos. Já os gestos efusivos, como de comemoração ou de alegria extrema, denotam, principalmente, a liberdade pela qual lutam e da qual se orgulham. Sentir-se livre e à vontade para fazer esses gestos expansivos e exagerar nos sentimentos e sensações que os atravessam são aspectos que os colocam em comunidade e união, percebidos pela proximidade e pelos toques e gestos entre eles.
--	--	-------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Assim como a caracterização e as cores evoluem na ordem dos vídeos, considerando-os como um plano narrativo contínuo, os gestos seguem a mesma linha. De manifestações tímidas a toques mais íntimos, essa sequencialidade evolutiva se relaciona com o desenvolvimento e com o reconhecimento de masculinidades negras em contraponto à masculinidade hegemônica. No sentido de se reconhecer homem negro gay ou bissexual, essa percepção passa e atravessa, também a forma de se relacionar com outros homens, na proximidade, toque e nos gestos que são feitos individualmente ou na interação com o outro.

Portanto, a evolução desses gestos também pode representar o movimento de libertação e de liberdade a partir do reconhecimento de sua identidade, demarcando presença e se firmando resistência em uma sociedade que não espera tais representações de homens negros. Assim, os gestos se configuram como um importante elemento multimodal, aliado às masculinidades, provocando sentido ativista, firmando-se, portanto, uma característica midiativista potencial.

Aliada aos gestos, está a postura, que acompanha a informalidade pretendida pelo debate e pela gesticulação do orador. A postura principal se mantém durante todo o primeiro vídeo, com os participantes sentados de forma ereta na cadeira, motivados, principalmente, pela disposição do cenário e *layout*. Apesar disso, ela varia de acordo com o turno de fala, com os participantes se curvando para comentar algo e ouvir o que o outro diz. Tal variação denota o respeito mútuo e a horizontalidade do debate, característica essa que também é tema do vídeo sobre a produção de conteúdo *on-line* e os espaços ocupados pelos homens negros na plataforma. Assim, a postura dialoga tanto com o próprio tema quanto com outros elementos multimodais, somada, principalmente, aos gestos.

Quadro 11: Análise da postura do vídeo 1

Modo	Contexto descritivo	Significante	Significado
Postura	Os participantes estão sentados com a mesma postura, que se alterna quando se pega o turno de fala, em que se curva como em um diálogo.	A postura ereta e formal dita a narrativa do vídeo, enquanto as autoridades do assunto, que são os convidados, opinam. A curvatura para outras pessoas indica, com o próprio corpo, que está sendo cedido o espaço para que o outro também participe da conversa.	Não há uma hierarquia observada a partir da postura, em que, normalmente, nota-se a imposição do que se acredita e da não abertura para outras visões com a postura mais elevada e outra curvada. A alternância de postura no decorrer do diálogo indica a união e a horizontalidade que se pretende com o debate, numa representação igualitária do que se apresenta e defende, afastando-se de estereótipos viris e violentos.

A alternância na postura é mais presente no último vídeo da série, uma vez que, com mais participantes, ela se altera em relação ao turno de fala e ao destaque discursivo. No entanto, a fim de

promover a união entre eles baseada na temática abordada, quando o orador entra em destaque, ele assume a postura de autoridade, ao relatar sua vivência e compartilhar, com os outros participantes, experiências com as quais eles se identificam. Também se faz presente, no segundo vídeo que analisamos (quadro 12), a horizontalidade, importante característica para promover a igualdade a partir da práxis e do debate ali levantado.

Quadro 12: Análise da postura do vídeo 2

Modo	Contexto descritivo	Significante	Significado
Postura	As posturas se alteram de acordo com o turno de fala e, principalmente, em momentos de troca de carinho ou simbolismo de união, em que se curvam para alcançar o outro. Enquanto fala, a postura não se distancia muito da inicial.	A postura de orador reafirma o ethos de autoridade de que relata aquilo que se viveu. Quando se relaciona com o outro, em sinal de respeito, união e carinho, a postura se curva e promove o encontro entre eles em um sentido de complemento e acolhimento.	Apesar de estarem em planos distintos no vídeo, sentados em bancos altos, médios e no chão, não há uma hierarquia visual a partir da postura nem do vídeo em si. Quando um participante fala, a postura dos outros indica abertura de diálogo e relação direta com o falante, que passa a interagir por meio dessa linguagem corporal de acolhimento, concordância e carinho.

Assim, percebemos que a postura contribui para o direcionamento do vídeo em relação ao tema que se discute e à horizontalidade das ideias apresentadas. A postura aberta ao diálogo enquanto o outro fala também é importante ponto de análise e discussão, uma vez que promove o diálogo e coloca o espectador sob o mesmo prisma de igualdade e debate.

Em conversas informais, é comum que as falas sejam sobrepostas, na medida em que o diálogo se desenvolve de forma mais natural. No entanto, essa característica não é observada no primeiro vídeo (quadro 13). Nele, os participantes respeitam o turno de fala do outro, o que torna a conversa mais formalizada, menos

espontânea e mais professoral. Ao mesmo tempo em que há essa imposição da fala, observamos, também, um tom de voz suavizado, sendo um retrato da sensibilidade que é tirada historicamente de homens negros, firmando-se, portanto, como um dos traços da masculinidade contra-hegemônica.

Quadro 13: Análise do som e tom de voz do vídeo 1

Modo	Contexto descritivo	Significante	Significado
<u>Som e tom de voz</u>	O tom de voz é linear, sem muitas alterações ou vibrações, num diálogo mais contínuo. O som também não altera muito sua frequência, somente quando as vozes se sobrepõem, o que é raro no vídeo como discussão, somente como concordância.	O tom de voz mais impositivo tem fortes relações com a representação da masculinidade viril, a qual o vídeo se propõe a discutir e da qual deseja se afastar. O tom linear, então, busca neutralizar as expectativas acerca do que se espera de uma padronização masculina negra, viril, de voz grave e impositiva, abrindo interpretações para outras possibilidades de ser um homem negro, aproximando-se da sensibilidade e da arte.	O tom de voz distante do padrão e do que se espera do homem negro é usado para acalmar as discussões e propor, ao mostrar na prática, outras formas de se exercer a masculinidade negra. Ao usar um espaço midiático audiovisual se representando de maneira não padronizada, os participantes já rompem com as expectativas que lhe são geradas e impostas, propondo as rupturas a partir do que se é e a partir de como o discute.

O segundo vídeo que analisamos aqui apresenta outra configuração dialogal, aproximando-se da informalidade e da conversa rotineira. Com isso, é comum observar interrupções ou falas atravessadas, assim como também comentários paralelos acerca do que se está dizendo no destaque principal. Outro ponto de destaque é a representação, por meio de tom de voz grosso, de terceiros, ou em casos de opressão (quadro 14). A voz natural mais

fina e o tom de voz suave perpassam toda a produção, confirmando a contra-hegemonia a qual representam.

Quadro 14: Análise do som e tom de voz do vídeo 2

Modo	Contexto descritivo	Significante	Significado
<u>Som e tom de voz</u>	O tom de voz varia de acordo com a pauta, o assunto que é discutido e as interações que são ali provocadas, alternando entre o tom professoral ao contar uma história e o tom mais efusivo ao participar de outra, comentando.	As diferenças no tom de voz de acordo com o assunto e o número de pessoas que participam daquele momento enunciativo também se relacionam com a pluralidade de possibilidades que os homens negros carregam e que estão ali representadas. Quando se sentem parte de um grupo, o tom é mais natural e espontâneo, diferente do momento em que se conta uma história pessoal ou chama atenção para si, em um trabalho autocentrado e de expressão da autoridade.	A principal variação no tom de voz se dá quando tenta se desvencilhar da representação que é imposta a homens negros, pela sua virilidade e potência sexual. A voz mais impositiva denota a reprodução da fala de terceiros, a fim de demarcar quando se trata do outro em um afastamento do que se é. A voz mais natural, fina ou mais próxima do que se considera como feminino, principalmente no tom informal de brincadeira, por vezes é acompanhada do relato de relações sexuais, o que pode corroborar com o estereótipo dessas representações.

Dessa maneira, a variação no tom de voz também pode denotar a separação entre “nós e eles”, percebida nas análises anteriormente apresentadas. Além disso, esse é um elemento multimodal relacionado à virilidade, da qual buscam se desvencilhar na construção da masculinidade contra-hegemônica. Portanto, também observamos a evolução da preocupação com o tom de voz no sentido de demarcar o diferencial da masculinidade construída

subjetivamente a partir de sua representação midiática nos vídeos aqui estudados.

O direcionamento dos olhares dos participantes dos vídeos orienta para onde o espectador deve observar, centralizando o assunto naquele que o discursa (quadro 15). O olhar voltado para a câmera é uma tentativa de diálogo com o público, convidando-o a se sentir parte daquele debate, interagindo com o tema e com os participantes. Ainda assim, essa aproximação não ocorre com frequência nem com aprofundamento no primeiro vídeo, em que a troca de olhares e a interação são voltadas, principalmente, para entre os participantes, o que fecha o debate entre eles.

Podemos inferir que essa dinâmica promove uma sensação de palestra ou explicação, não o diálogo construtivo e interativo. Isso porque o debate no vídeo se aproxima do funcionamento de uma roda de conversa voltada somente para os participantes dela, tendo o público como expectador que ouve e aprende, mas que não interage em tempo real. Essa dinâmica influencia na formação do conhecimento, cerne midiativista, mas promove a informação. A sensação de pertencimento, portanto, não é incentivada ao público, mas sim aos participantes, destacando quem está no turno de fala e o assunto que ele debate.

Quadro 15: Análise do olhar no vídeo 1

Modo	Contexto descritivo	Significante	Significado
<u>Olhar</u>	A troca de olhares entre os participantes se dá da maneira natural de um diálogo, evidenciando-se quem está com a fala. O olhar direto à câmera só é feito pelo dono do canal, que guia a	A interação com o público a partir do olhar é quase nula, convocando o espectador somente no início e no final do vídeo. Durante o vídeo, os participantes trocam olhares para indicar a quem se deve dar a devida atenção (com quem está a palavra).	Enquanto o espectador é convidado a participar do vídeo no início, a partir do olhar e discurso diretos à câmera, no desenvolvimento do vídeo, o espectador apenas assiste à discussão, que acontece a partir do discurso oral aliado aos gestos e outros elementos aqui

	discussão inicial e a encerra no final, olhando para o público.		apresentados. No entanto, o espectador não é considerado como integrante dos participantes; apenas como público. Os participantes do vídeo, ao trocarem olhares durante as falas, indicam que participam daquele diálogo e que são parte do que se é debatido, afastando do público que consome tal conteúdo.
--	-----------------------------------------------------------------	--	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

No segundo vídeo analisado, o olhar voltado para a câmera é presente em mais momentos (quadro 16). Como os participantes também são *YouTubers*, esse motivo pode ter contribuído para que a interação se intensifique e seja mais presente. Ademais, a dinâmica da participação dos convidados é diferente, mais próxima com traços de sensibilidade e afeto entre eles. Isso contribui para que o diálogo direto com o público seja incentivado, fazendo com que coloquem os espectadores como parte do debate a partir das vivências compartilhadas. Outra característica que acompanha o olhar é o sorriso sempre presente nesse material. Mais do que marca pessoal, destacamos tal elemento tendo em vista a sensibilidade e afeto que formam o vídeo. Acreditamos, portanto, que esse passa ser um aliado ao olhar enquanto elemento multimodal na construção de sentido de rede de apoio e de defesa, no efeito midiativista.

Quadro 16: Análise do olhar no vídeo 2

Modo	Contexto descritivo	Significante	Significado
<u>Olhar</u>	Os olhares são voltados a quem está com o turno de fala, orientando o olhar do	Em dois momentos principais o olhar é direcionado à câmera: no início e no final do vídeo. Por serem	Tanto pela profissão de <i>YouTuber</i> quanto pelo tema do vídeo, os participantes olham para a câmera, inserindo os

	<p>espectador. O orador olha tanto para os participantes quanto para a câmera, em um diálogo direto com o público.</p>	<p>criadores de conteúdo do <i>YouTube</i>, a possível familiaridade com a câmera pode ser a principal causa desse direcionamento e relação com o público. Paralelo às falas, em alguns momentos os participantes que não estão inseridos na interação se entreolham e criam laços e relações para além do que se é debatido e mostrado no vídeo.</p>	<p>espectadores no debate. Para além do tecnicismo, a conversa direta com o público é uma forma de introduzi-lo ao tema e promover a sensação de pertencimento, união e aconchego, assim como pode ser percebido entre os participantes do vídeo com seus gestos, falas de concordância e olhares afetuosos um com o outro.</p>
--	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Dessa forma, também observamos certa evolução no direcionamento dos olhares, no sentido de pertencimento, interação e acolhimento. Além disso, considerando os vídeos uma linha narrativa, podemos concluir que ela se inicia com informações verticalizadas e termina na rede de apoio horizontalizada, em que o espectador se sente parte do grupo, incentivado a construir novas narrativas midiáticas e a divulgar suas experiências e vivências relacionadas aos temas ali debatidos.

Como observado ao longo da análise e das discussões deste capítulo, o discurso oral, referente às falas dos participantes, firma-se como o principal conteúdo dos vídeos (quadro 17). Principalmente no primeiro vídeo, em que o tema circunscreve o discurso midiático, atentar-se à oralidade é abordar o assunto central do vídeo e, também, fomentar debates para que mais espaços midiáticos sejam ocupados por homens negros, com foco na plataforma do *YouTube* em que o vídeo circula. Dessa forma, o discurso oral é representado por ele mesmo na condição de objeto, produto e resolução, uma vez que também incentiva que outros espaços midiáticos sejam ocupados por homens negros.

Quadro 17: Análise do discurso oral do vídeo 1

Modo	Contexto descritivo	Significante	Significado
<u>Discurso oral</u>	As falas são o ponto principal do vídeo em relação ao conteúdo.	O tema do vídeo e o que o circunscreve, como a representação masculina negra, são os pontos principais abordados nas falas dos participantes, que conversam entre si, trocando experiências e visões. Assim, o discurso oral se firma como principal linguagem multimodal deste vídeo em análise.	O significado do compilado do discurso oral é a valor do debate e da relevância do tema para a sociedade, a fim de discutir os espaços que aquelas pessoas podem ocupar – como já estão realizando ao fazer o vídeo. O discurso oral torna-se, assim, a representação de si mesmo, o resultado do que a própria conversa aponta e relaciona.

Como o segundo vídeo analisado tem outros modos de linguagem que se sobressaem e se sobrepõem, o discurso oral, nesse caso, mais dita o que é refletido e debatido, guiando a conversa e as reflexões que se ancoram e se complementam (quadro 18). A conversa ainda se torna um importante meio de reflexão entre os próprios participantes, ao ponto de auxiliar no autorreconhecimento e na percepção identitária acerca da raça e da sexualidade. O discurso oral, aqui, além de um modo de linguagem e de incentivo, torna-se parte do processo de identificação que permeia o vídeo e os sentidos que ele evoca.

Quadro 18: Análise do discurso oral do vídeo 2

Modo	Contexto descritivo	Significante	Significado
<u>Discurso oral</u>	Incentivados a debater o tema verbalmente, o discurso oral dita as discussões e	Ainda que a interação entre os participantes seja fundamental para a interpretação e análise do vídeo, as falas são o conteúdo	O discurso oral firma-se como principal meio experiencial em que as vivências convergem a fim de encontrar uma nova experiência basilar

	reflexões que são dali suscitadas.	principal. É a partir delas que se estabelecem as outras relações observadas e as representações que os participantes buscam pontuar e viver.	em comum baseada na coletividade e na união em prol da causa pela qual lutam e representam. É o discurso verbal que incentiva a autopercepção como integrantes do mesmo grupo, não só a partir do recorte social e identitário da orientação sexual, mas principalmente a partir de vivências que os constituem e os levam a se perceberem como uma rede de defesa, contribuindo para o midiativismo ansiado.
--	------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Por fim, no primeiro vídeo, todos os modos, juntos em movimento e naturalizados, auxiliam na formação do sentido ativista acerca das masculinidades negras. O debate só é efetivo pois há a interação, com os gestos, entre as pessoas. Ademais, as posturas e olhares indicam a relevância de se discutir aquele tema naquele determinado momento por aquela pessoa que toma o lugar de fala. Assim, o principal significado dessa interconexão de modos é o objetivo que o vídeo propõe, de dar visibilidade e promover discussões acerca do tema em debate, visando a mudança social que é abordada no vídeo a partir de todos os modos acima elencados, aliados às características formadoras e representacionais das masculinidades negras.

Enquanto isso, no segundo vídeo que analisamos, a naturalidade com que os modos se conectam e interligam possibilita maior proximidade com a realidade na qual os participantes vivem, considerando o que os formam como homens negros e as experiências por eles sentidas como gays e bissexuais. A relação de

afeto e pertencimento, só é possível interpretar a partir da interconexão entre o gesto de proximidade, as falas que se cruzam e provocam a identificação, a proximidade entre eles e o que visam representar a partir do que vestem e de como se comportam entre os seus e na frente das câmeras, principalmente em momentos de maior naturalidade e espontaneidade. Assim, o Midiativismo se constrói a partir da formação de uma rede de defesa ancorada nas informações trocadas, visando garantir a presença conectada um ao outro, no sentido de coletividade e transposição social.

Com essa base analítica, chegamos ao segundo ponto temático deste capítulo, que ancora o resumo do que foi apresentado até aqui, considerando a triangulação do enredo de multimodalidade, a ocupação de espaços e as masculinidades, que amparam e se firmam como práticas midiativistas.

7.2 Masculinidades em debate

O tema central do primeiro vídeo analisado é a possibilidade de produção de conteúdo de homens negros e como eles podem ocupar esses espaços, principalmente considerando a Internet como um ambiente, conforme abordamos nos capítulos teóricos. Nesse contexto, a abordagem que sobressai é a construção da masculinidade e como ela é refletida nessa falta de produção, na cobrança de espaços de fala desses homens negros.

Considerados “à margem” da sociedade, como relata um dos entrevistados (13’16” a 13’28”) ²¹, esses homens negros encontraram espaço de discurso em movimentos e expressões artísticas, ainda que também fossem considerados “espaços marginalizados”. Exemplo disso são estilos de música como rap e samba, que têm forte

²¹Esse é o intervalo de tempo do vídeo em que um participante diz: “é eu gosto muito de pensar também que a gente que está à margem, a gente já está do lado de fora, então a gente pode tentar comprar esse biscoito a vida toda mas a casa vai ser sempre deles, a jarra do biscoito vai ser sempre deles, a gente vai continuar do lado de fora”.

apelo social e origens periféricas, que refletem as histórias de homens negros, os quais encontram, nessas manifestações, espaços de fala em que podem reverberar suas vozes, mazelas, dores e construções subjetivas, demarcando-se historicamente.

Nesse sentido, os participantes do vídeo se afastam da masculinidade hegemônica, conceito também trabalhado aqui neste texto, que é branca e heterossexual. Essa masculinidade hegemônica se torna um “não-lugar” do homem negro, da mesma forma que os espaços de produção de mídia e outros lugares de poder o eram também, historicamente. Por isso, comparamos o discurso empreendido no vídeo com o referencial teórico trazido neste trabalho, tanto sobre a construção da masculinidade hegemônica (Ambra, 2021; Bourdieu, 2021) quanto os recortes que envolvem a masculinidade negra e não-heterossexual (Caetano; Silva Junior, 2018; Bola, 2021). Ainda que, neste vídeo, o foco não seja a representação da sexualidade, é importante perceber o quanto essa discussão perpassa todo o debate, principalmente quando se discute a performance que o homem negro deve exercer na sociedade e como isso dita o comportamento masculino.

Nesse contexto, reivindica-se o chamado “direito à fragilidade”, para manifestar emoções e sentimentos, despindo-se da armadura da virilidade, da força e da braveza. Tais assuntos são caros aos estudos de masculinidades, principalmente se considerarmos a colocação desses homens na sociedade no papel que exercem e as figuras que representam (Fanon, 2008; Bourdieu, 2021). Importante ressaltar que essa representação viril pode ser uma manifestação confortável no que se refere às representações masculinas e o lugar que ocupamos na sociedade. Isso porque “a masculinidade será assim tanto baseada quanto assombrada pela virilidade, que a sustenta, ao mesmo tempo em que, ao se afirmar como função operante para o conjunto homem, fundará esse mesmo mito viril” (Ambra, 2021, p. 115). O trabalho braçal e a hipersexualização dos corpos negros também passam por essa associação à virilidade masculina, que é ainda mais potente na

cobrança de comportamento de homens negros para se posicionar, exercendo o que, dentro da construção hegemônica, espera-se deles.

Em consequência dessas observações aqui levantadas, podemos inferir que, nesse caso, a multimodalidade do vídeo visa valorizar mais o discurso e a discussão dos participantes do que outros aspectos visuais e sonoros, uma vez que eles não apresentam fortes elementos que os destaquem e chamem a atenção no lugar do que é debatido. Apesar disso, considerar a multimodalidade é fundamental também nesses casos para, além de enaltecer o discurso oral e o conteúdo da fala, comprovar que o sentido só se constrói de maneira múltipla, a partir de todas essas linguagens. Tal constatação nos permite pressupor, por exemplo, que se essas mesmas falas fossem proferidas em um cenário mais sombrio, por exemplo, ou que remetesse a algum tipo de tragédia, o sentido seria outro – possivelmente com foco na violência ou desastre, por exemplo, e não na esperança, como termina o vídeo.

Já no segundo vídeo analisado, ele aborda relatos de experiências e vivências a partir de linguagens multimodais e não-verbais, como gestos e roupas, que fogem da masculinidade hegemônica. No entanto, é importante refletir que essa quebra de paradigma ainda assim está inserida nas relações que historicamente são estabelecidas sobre o que se espera de homens e como essas masculinidades são expressas, considerando o contexto social mais amplo de formação masculina (Bourdieu, 2021).

Nesse contexto, homens que não performam a masculinidade esperada tendem a ser tratados como mais femininos ou, ainda, relacionado à orientação sexual previamente estabelecida, mesmo que não seja sua realidade. Isso porque ocorre um processo de feminilização de homens que apresentam maior sensibilidade, cuidado e demonstram mais afeto e carinho entre outros homens (Bola, 2021). O autor ainda relaciona a falta dessas consideradas fragilidades como não sendo homens de verdade.

Os estereótipos de homens gays está relacionado à forma como nossa sociedade é constituída, a partir do distanciamento de outros

homens e a falta de qualquer relação de carinho que possa ser estabelecida entre eles. Especialmente sobre homens negros, é esperada ainda mais firmeza, frieza e força, o que afasta da demonstração de sentimentos (Fanon, 2008).

Assim, os homens negros que fogem a essa regra se encontram na margem da sociedade, em uma espécie de “não-lugar”, uma vez que não se sentem pertencentes ao que é pregado a homens negros, tampouco na masculinidade hegemônica tipicamente branca (Fanon, 2008). É nesse contexto que é preciso considerar outros aspectos para a vivência desses homens negros, quando se discute sexualidade, pois, assim, compreendem-se outras relações que são possíveis e existentes a partir da contra-hegemonia que modela a cultura social dominada pelo patriarcado, firmando-se necessária a análise sob a ótica interseccional, em que todos esses papéis formativos constituem esses sujeitos (Akotierene, 2019).

Portanto, ao reunir homens gays e bis em um mesmo espaço, discutindo a formação de suas masculinidades com foco na sexualidade, o vídeo abre espaço para a discussão e publicização de questões que antes lhes eram apagadas. Além disso, promover a discussão sobre a formação das masculinidades negras é fundamental para pensar outras possibilidades de ser homem que fujam do normativo e da hegemonia.

Nesse sentido, as discussões que os participantes levantam em relação à sexualidade e ao ato sexual também são importantes no que tange a sexualização que é imposta a corpos negros (Akotierene, 2019). Essa realidade é debatida no vídeo na medida em que os participantes comentam sobre o que se espera deles nas relações sexuais, seja sobre seus corpos ou preferências no ato sexual.

Arelado à representação estereotipada do sexo, tema forte nas relações e estudos de gênero, o vídeo também levanta outros debates, como a expressão da virilidade desde a infância e como essas representações afetam a construção da subjetividade das masculinidades negras. Além disso, busca refletir como as violências e apagamentos sofridos por eles constituem sua autoestima,

segurança e relações interpessoais, que moldam a subjetividade a ser construída.

Assim, o vídeo é perpassado por temas importantes que fundam a construção subjetiva da masculinidade negra, como a socialização, a sexualização e a invisibilidade. Tudo isso baseado e sendo representado pela coletividade, em que a mesma questão pode atravessar diferentes pessoas de distintas maneiras. Tal sentimento coletivo é fundamental para a relação midiativista dos vídeos e do debate, uma vez que pauta as relações sociais e os seus impactos na sociedade, para além da representatividade única ou pessoalizada.

8. POR CAMINHOS INFINDADOS: IMPRESSÕES QUE A TRAVESSIA NOS PERMITE OBSERVAR

*Para quem quer me seguir
Eu quero mais
Tenho o caminho do que sempre quis
E um Saveiro pronto pra partir
Invento o cais
E sei a vez de me lançar
Cais – Milton Nascimento*

Atravessar percursos nem sempre é fácil. No meio do caminho de Drummond, há pedras que podem, às vezes, nos servir de guia. Seguir a trilha obstinado ao destino final pode nos cegar e nos impossibilitar de olhar ao redor. Mas é só quando se olha o céu que se entende o porquê de seguir. Chegando agora às considerações finais deste texto, ressaltamos a importância de um olhar abrangente, completo, que considera o ambiente, entende as dificuldades, respeita as quedas, mas que se levanta para seguir. O destino final, ainda que recompensador, não se finda nele – e se torna ainda mais belo quando se entende a completude do caminho.

O intuito deste trabalho é apresentar caminhos teórico-metodológicos para analisar produtos audiovisuais em plataformas digitais de forma complexa e completa, considerando as linguagens ali presentes que se complementam a fim de produzir o sentido visado. Atravessadas na multimodalidade, estão as representações subjetivas referentes aos sujeitos presentes nos vídeos, que, a partir de suas vivências, histórias e enunciações discursivas, firmam-se como sujeitos completos que buscam, a partir de seu discurso, a autorrepresentação e a sua construção subjetiva.

Dessa forma, acreditamos que conseguimos atingir os objetivos iniciais de demonstrar as relações que se estabelecem entre linguagem multimodal e masculinidades na construção de sentido midiativista. Mais do que provocar essas conexões por meio da

linguagem mediada pela tecnologia, destacamos como essas questões atravessam a construção subjetiva do ser humano. Especificamente sobre o tema aqui debatido, as masculinidades negras se constroem a partir de suas diversificações e processos que se complementam e se formam, a partir das relações que se estabelecem com o mundo e com sua própria identidade racial, de orientação sexual, classe social, entre outros aspectos sociopolíticos que nos atravessam.

Nos vídeos, podemos perceber como esse processo se dá de forma gradual e individual. A partir de relatos pessoais, percebemos que a construção de cada masculinidade é única, e por isso a pluralidade é tão importante. Ademais, tudo o que os atravessa, permeado pelas linguagens e modos de ser, agir e existir culminam no sentido ativista da mudança que visam promover. Não somente a macrossocial, mas a própria resistência e a presença desses corpos já se firmam como elementos midiativistas, fundamentais e vitoriosos.

Assim, no entrecruzamento de aspectos teóricos e metodológicos, acreditamos que a intersecção entre a linguagem multimodal, as masculinidades e o Midiativismo nos dão base para formar novos olhares sobre os produtos e problemas complexos que a realidade nos apresenta. Mais que isso, indicam modos de analisar academicamente que fujam do habitual e corriqueiro, no que tange as nomenclaturas e separações do que se considera estritamente teórico e exclusivamente metodológico.

Considerando, portanto, as definições apresentadas ao longo deste trabalho acerca do Midiativismo e da pluralidade das masculinidades, passando pela multimodalidade, podemos notar cada característica midiativista em suas representações linguísticas de masculinidade. Sendo assim, percebemos que os vídeos aqui analisados contribuem para a formação do **conhecimento** acerca do tema, de modo amplo e subjetivo, a partir da co-construção do que se debate. Essa coletividade é importante não só como mudança social, mas também no desenvolvimento desse conhecimento macroestrutural, que atravessa os vídeos e vai além; conhecimento

esse que se baseia nas **informações** ali apresentadas a partir de cada experiência pessoal. Tais relatos nos indicam frentes de informação para a construção da pluralidade da realidade.

Fazer vídeos é, também, marcar **presença** não só no ambiente digital que busca ocupar, mas também no tema do debate ali empreendido. Mostrar-se é mais do que levantar a discussão pretendida; é, também, se colocar como parte da problemática e não fugir das responsabilidades imputadas a essas pessoas, centralizando o assunto naqueles que são diretamente envolvidos e interessados. A partir dessa presença digital e social, criam, então, mecanismos de **defesa**, tanto midiática quanto social. Midiática pois pode usar os produtos audiovisuais como argumentação de defesa do idealismo que acredita e prega. Social, uma vez que os vídeos incentivam o debate e a mudança social a partir da interação presente tanto no vídeo quanto nos assuntos ali atravessados. Dessa forma, os participantes se defendem não de ataques, mas dos sentimentos ali expressos. Os discursos verbais e não-verbais, portanto, servem como âncora para as masculinidades que visam representar e reverberar.

Por fim, todas essas representações simbolizam a **resistência** que se é debater e repensar as masculinidades negras em uma sociedade pautada pela branquitude que sofre as consequências do imperialismo da masculinidade hegemônica. Assim, a própria produção do vídeo se firma como resistência midiática, na medida em que foge da padronização da representação das masculinidades negras, e na resistência linguística, uma vez que quebra o paradigma imposto socialmente criado pelas masculinidades brancas. Produzir um conteúdo discursivo complexo, que busca representar outros tipos de masculinidades, já é uma forma de se portar como resistência social e midiática. Essa característica é, então, potencializada pelas masculinidades negras diversas que os produtores desses conteúdos visam representar e viver, a partir das múltiplas possibilidades que a multimodalidade indica.

Importante ressaltar que este trabalho não se faz somente nestas linhas, nem discursivamente e constitutivamente, tampouco analiticamente. Além dos vídeos aqui analisados, contamos com um *corpus* complementar, que são os outros vídeos do canal. Ainda que não coubesse, aqui, esse olhar aprofundado sobre toda a obra, é importante tê-las como subsídio para verificarmos a regularidade de conteúdos como esse, e como o Midiativismo se dá no canal, seja intencional ou naturalmente.

Uma vez que consideramos que todo texto, independente de qual linguagem se utiliza, segue uma linha narrativa, acreditamos que o canal também se enquadra nessa classificação e apresenta similaridades e elementos que podem ser observados em outros vídeos no decorrer de sua história. Destacamos que tal olhar vai além dos que já empreendemos em trabalhos anteriores, mas de outras temáticas que são abordadas no decorrer dos anos de produção do canal. Assuntos como não-monogamia, homossexualidade, saúde mental, intolerância religiosa, branquitude, saúde masculina, entre outros temas. Somente pelas palavras-chave, podemos inferir do que se tratam os vídeos. Assim, suscitam-se algumas perguntas: como esses vídeos promovem o sentido ativista? Eles se firmam como exemplos midiativistas? Quais características os perpassam a fim de defini-los como tal?

Sendo assim, a partir desse olhar macro para o canal, considerando apenas dados quantitativos, de número de visualizações, comentários e curtidas, percebemos que outras produções do canal ganham mais visibilidade e alcance do que esta que estamos estudando. Não só deste projeto, mas de outros que o canal participa e produz conteúdo seja colaborativo ou de produção individual especial.

Isso pode nos levar à hipótese de que a naturalidade dos outros vídeos não-temáticos ou não-engessados ou não-inscritos em projetos de terceiros consegue atingir mais públicos e ganhar mais notoriedade no ambiente *on-line*. Tal perda da naturalidade e, porque não, da identidade, pode ser observada na mudança de

cenário, sobretudo, mas também acaba refletindo na postura, voz, convidados, dentre outros aspectos a serem analisados.

Destarte, podemos pensar em uma possível conclusão de que quando o produtor se veste na alcunha de criar um conteúdo midiativista, ele causa menos impacto do que em produções mais orgânicas. Apesar de parecer, tal reflexão não invalida nosso trabalho, tampouco nossas hipóteses iniciais, mas sim as reforçam. Reafirmam que a produção de sentido midiativista se dá por múltiplas linguagens, não apenas temática ou como obrigação. A mudança social é motivada em todos esses conteúdos, mas é a partir da naturalidade e da espontaneidade, que se aproxima do ambiente *off-line*, que ela se dá de maneira mais assertiva. Firma-se, portanto, a relação entre Midiativismo e ativismo, aquele na condição de aparato midiático ambiente de registro, e este na condição de movimento social, manifestações de rua e corpo vivo em movimento fora das telas.

Tais impressões só são possíveis, pois nos colocamos a olhar para o canal por completo, não nos restringindo aos vídeos aqui destacados. Considerando esse aspecto, de não separação do objeto de análise, a série proposta, o objeto como um todo, o canal Muro Pequeno é importante como ponto de orientação de futuras pesquisas e olhares inter e transdisciplinares. Assim como não podemos olhar para um produto linguístico apenas sob a ótica de uma determinada linha de estudo de linguagem, mas considerar seu contexto social, político e histórico, também não podemos lançar luz sobre um corpus como se fosse um único produto, ignorando a que se relaciona. Portanto, utilizar um *corpus* suplementar como base para nossas análises neste trabalho é ir ao encontro do que a transdisciplinaridade firma e do que a Linguística Aplicada prega. É valorizar o contexto e as peculiaridades não só do que se propõe a estudar, mas também de sua cadeia produtiva e de quem faz a pesquisa.

No campo dos estudos da linguagem, abre-se o caminho para descentralizar a produção científica, incentivando novas pesquisas na área a fim de que o país se torne, também, referência teórica nos

temas aqui levantados. Ainda que tenha tentado construir a pesquisa sob olhares diferentes dos que costumeiramente observamos no ambiente acadêmico, fortemente influenciado por estudos anglo-saxões, urge a necessidade de consumir, citar e aprofundar trabalhos brasileiros, africanos, indígenas, valorizando a produção intelectual e cultural que ainda é tanto subjugada.

Reconhecemos, assim, que este trabalho falha nesse sentido. A presença de autoras e autores negros e nacionais é perceptível, mas o espaço ainda é pequeno, principalmente no tocante dos estudos da linguagem. Ainda que entendamos a importância de autores e textos clássicos, a Academia é o ambiente de inovação e de renovação, buscando a constante atualização e aplicação do que se pesquisa. Por isso, é fundamental que essa lógica de construção de conhecimento acadêmico seja revista e debatida, considerando os diversos saberes que constituem não só os sujeitos-pesquisadores, mas também (e principalmente) a sociedade que recebe essas reflexões e que ampara todas as existências e vivências múltiplas.

Somadas a essas possibilidades, outros caminhos possíveis se pintam à frente. Ainda sobre os vídeos aqui analisados, eles trazem temas e debates que não foram aprofundados aqui sob a ótica sociológica e antropológica, por exemplo. Até mesmo no campo da Comunicação, valem estudos e abordagens que se singularizariam, uma vez que cada área de pesquisa pode observar o mesmo *corpus* de diferentes maneiras e perspectivas; e está aí a beleza da pluralidade científica.

Na antropologia, uma questão que se levanta é o papel e a presença do midiativismo na sociedade do consumo. Os vídeos aqui analisados são produtos midiáticos e, como tais, estão sob a lógica comercial. Percebemos, como sociedade e, nós, pesquisadores, que grandes marcas de comércio estão se utilizando do viés ativista para aumentar as vendas.

A política do consumo parece guiar e se amparar no consumo da política. Reafirmando que todos os seres são políticos e que viver a subjetividade é uma forma de resistência, aproveitar-se dessas

discussões ativistas nas mídias comerciais e mercadológicas, tendo como objetivo final o aumento de vendas e de consumo de qualquer produto, é reconhecer o lado comercial de produções como as analisadas neste trabalho e o questionamento sobre o papel e o lugar do midiativismo.

Como prática, tal apropriação deve visar mudanças sociais sobre os temas que são ali debatidos. As marcas de produtos, como de beleza, por exemplo, se utilizam desse discurso para ampliar o leque de clientes e vendas. Com isso, reconhecemos que o debate sobre essa relação se expande de tal maneira que pode ser trabalhado sob o olhar antropológico relacionado à publicidade e propaganda, por exemplo.

Na perspectiva transdisciplinar, especificamente sobre o estudo que aqui empreendemos, a possibilidade de diálogo com a educação se faz pungente. Trabalhar com produtos audiovisuais midiativistas em sala de aula, formal ou informal, sobretudo de temas sociais tão atuais e caros à formação de nossa sociedade, é apostar em um futuro mais igualitário, plural e diverso. Aliados à educação, como campo de estudo e de atuação, acreditamos que nossos trabalhos científicos e midiáticos tomam ares inusitados que podem alcançar públicos e objetivos surpreendentes que promovam, de fato, a mudança social pretendida.

Assim como postulamos sobre o midiativismo, que ele só ocorre a partir de sujeitos, pessoas, e ações, também acreditamos que o debate sobre masculinidades se firma ainda mais profícuo quando se expande para outros públicos além do nicho que a Internet propicia. É assim como a multimodalidade, que não é mais ampla por meio de câmeras e cenários pré-produzidos, com gestos comedidos e atenuados, mas sim, no contato físico *off-line*, em que se observa a completude do ser humano em suas nuances discursivas e subjetivas. Dessa forma, impulsionar atividades e projetos para além do aparato tecnológico digital é, também, reconhecer seu potencial de expansão, fomentando as conexões possíveis a partir dele.

Demarcarmo-nos, aqui, como pesquisadores que reconhecem os privilégios de cor e classe, sobremaneira, que visam produzir ciência em sua pluralidade e completude, com ação social, relacionando-nos, portanto, ao grande tema deste trabalho, em que se desenham, em cada linha, o Midiativismo e sua relação com as linguagens. Destacamos, portanto, a relevância, a necessidade e a urgência de se ampararem as discussões teórico-metodológica-analíticas em aspectos, também, decoloniais (Cusicanqui, 2010; hooks, 2013; Kilomba, 2019). Tal olhar decolonial se firma fundamental pelo objeto de análise e pela valorização da produção de conhecimento que se afaste da norma padrão. Acreditamos que só assim a ciência poderá ser plural, diversa e democrática. Alcançar lugares além-muro, não só fictícios ou intelectuais, mas também os físicos de universidades, é o objetivo não só de produtos midiativistas-científico (Braighi; Câmara, 2021), mas também de uma produção acadêmica que se diz social, como esta se propõe a ser. Reconhecer essas fendas e apontar caminhos para que elas sejam supridas fazem parte do processo e da caminhada que aqui estamos construindo – em conjunto.

Fazer uma trilha e construir um livro não são tarefas fáceis. Mas só se valoriza o destino final, o título ou o lago, quando se entende todo o caminho pelo qual se percorreu. Aquele que, como Milton desenha, sempre se quis: de um sonhador.

REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. (Série Feminismos Plurais). São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

AMBRA, Pedro. Cartografia da masculinidade. **Revista Cult**, São Paulo, v. 22, n.242, 2019.

AMBRA, Pedro. **O que É um homem?** Psicanálise e História da Masculinidade no Ocidente. São Paulo: Zagodini, 2021.

ARAGÃO, Mayllin Silva. **Na contramão da hegemonia: vídeo é tudo mentira como produto do Midiativismo**. Dissertação (Mestrado em Letras)– Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagens e Representações da Universidade Estadual de Santa Cruz. Ilhéus, 2013.

ARAGÃO, Mayllin; FREITAS, Ricardo. Na contramão da hegemonia: vídeo *É tudo mentira* como produto do Midiativismo. **Litterata: Revista do Centro de Estudos Portugueses Hélio Simões**, Ilhéus, v. 4, n. 1, p. 30-49, 2014.

ASSIS, Érico Gonçalves de. **Táticas lúdico-midiáticas no ativismo político contemporâneo**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade Vale do Rio dos Sinos. São Leopoldo, 2006.

BENTES, Ivana. **Mídia-Multidão: estéticas da comunicação e biopolíticas**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2015.

BOLA, JJ. **Seja homem: a masculinidade desmascarada**. Porto Alegre: Dublinense, 2021.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina: a condição feminina e a violência simbólica**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.

BRAIGHI, Antônio Augusto. **Análise do Discurso Midiativista: uma abordagem às transmissões simultâneas do Mídia Ninja**. 2016.

Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2016.

BRAIGHI, Antônio Augusto; CÂMARA, Marco Túlio. O que é Midiativismo? Uma proposta conceitual. In: BRAIGHI, Antônio Augusto; LESSA, Cláudio; CÂMARA, Marco Túlio (Orgs.). **Interfaces do Midiativismo: do conceito à prática**. CEFET-MG: Belo Horizonte, 2018.

BRAIGHI, Antônio Augusto; LESSA, Cláudio; CÂMARA, Marco Túlio (Orgs.). **Interfaces do Midiativismo: do conceito à prática**. CEFET-MG: Belo Horizonte, 2018. Disponível em: <https://interface.sdoMidiativismo.wordpress.com/>

BRAIGHI, Antonio; CÂMARA, Marco Túlio. Midiativismo científico contra a covid-19: uma reflexão a partir da análise de blogs de ciência da UNICAMP. **Revista Linguagem**, São Carlos, v. 40, **Número temático. Covid-19: uma pandemia sob o olhar das ciências da linguagem**, p. 146-175, 2021.

BURGESS, J., GREEN, J. **YouTube e a revolução digital: como o maior fenômeno da cultura participativa transformou a mídia e a sociedade**. São Paulo: Aleph, 2009.

CAETANO, Marcio; SILVA JUNIOR, Paulo Melgaço (orgs.). **De guri a cabra-macho: masculinidades no Brasil**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2018.

CÂMARA, Marco Túlio. "Ativismo de Internet é ativismo?": o Midiativismo em pauta no YouTube. **Brazilian Journal of Technology, Communication, and Cognitive Science**, São Paulo, v. 8, p. 1-12, 2020.

CÂMARA, Marco Túlio. O ativismo inserido no ciberespaço: uma análise da página "Feminismo sem demagogia - Original". **International Journal of Marketing, Communication and New Media**, v. Special, p. 62-78, 2016.

CÂMARA, Marco Túlio. O poder da voz no ciberespaço: o impacto político-social do projeto *Creators for Change*. **Revista Brasileira em Humanidades Digitais**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p.17-35, 2022.

CÂMARA, Marco Túlio. Vamos fazer um escândalo: a discussão de (re)configuração do Midiativismo no YouTube. *In: Anais do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. Joinville: INTERCOM, 2018.

CÂMARA, Marco Túlio. Voz calada: uma análise da cobertura da execução de Marielle Franco. **Cenários: Revista de Estudos da Linguagem**, Porto Alegre, v. 1, p. 62-81, 2019.

CÂMARA, Marco Túlio; NOGUEIRA, Erika Cristina Dias. O ethos ativista no Facebook: uma análise discursiva das narrativas digitais de mulheres ambientalistas. **Calidoscópico**, São Leopoldo, v. 16, p. 206-215, 2018.

CARREIRA, André Luiz Antunes Netto. **O ator periférico: a busca pela identidade**. Dissertação (Mestrado em Teatro) – Curso de Mestrado em Teatro da Universidade do Estado de Santa Catarina. Florianópolis, 1998.

CARROLL, William K.; HACKETT, Robert. A. Democratic media activism through the lens of social movement theory. **Media, Culture and Society**, Reino Unido, v. 28, n. 1, 2016, p. 83-104.

CARVALHO FILHO, Sílvio de Almeida. A masculinidade em Connell: os mecanismos de pensamento articuladores de sua abordagem teórica. *In: Anais Complementares do XIII Encontro de História Anpuh-Rio: Identidades*. Rio de Janeiro: Anpuh, 2008.

CASTELLS, Manuel. A transformação do mundo na sociedade em rede. *In: Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da Internet*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

COLLINS, Patricia Hill. Se perdeu na tradução? Feminismo negro, interseccionalidade e política emancipatória. **Parágrafo**, São Paulo, v.5, n.1, 2017.

CONNEL, Robert; MESSERSCHMIDT, James. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Estudos Feministas**, Santa Catarina, v. 21, n. 1, p. 241-282, 2013.

CONNELL, Robert. Políticas da masculinidade. **Revista Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 185-206, 1995.

CORUJA, Paula. **Expressões do(s) feminismo(s): discussões do público com a YouTuber Jout Jout**. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2017.

COSTA, Adrian Busch Pereira. **Desafiando a heteronormatividade no YouTube: possibilidades e limitações de uma disputa cotidiana: um estudo de caso do canal Luci Gonçalves**. Dissertação (Mestrado em Mídia e Cotidiano) – Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano da Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2021.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas**, v. 10, n. 1, 2002. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2002000100011/0>. Acesso em: 06 fev. 2023.

CUSICANQUI, Silvia Rivera. **Ch'ixinakaxutxiwa**. Una reflexión sobre prácticas y discursos descolonizadores. Buenos Aires: Ed. Tinta Limon, 2010.

DA-RIN, Sílvio. **Espelho partido: tradição e transformação do documentário**. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2006.

DI FELICE, Massimo. **Net-ativismo: da ação social para o ato conectivo**. São Paulo: Paulus Editora, 2017.

DI FELICE, Massimo. O Net-ativismo e as dimensões ecológicas da ação nas redes digitais. **PAULUS: Revista de Comunicação da FAPCOM**, São Paulo, v. 4, n. 7, p. 17-37, 2020.

DONDIS, Donis. **Sintaxe da linguagem visual**. São Paulo: Martins Fontes, 2007

EVERSEN, Lars. Sigred. A Linguística Aplicada a partir de um arcabouço com princípios caracterizadores de disciplinas e transdisciplinas. *In*: Signorini, I.; Cavalcanti, M. C. (Orgs.) **Linguística Aplicada e transdisciplinaridade**. Campinas: Mercado de Letras, 1998.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

FRANÇA, Vera. Convivência Urbana, lugar de fala e construção do sujeito. **Intexto**, Porto Alegre, v. 2, n. 7, p. 1-10, 2001. Disponível em: seer.ufrgs.br/intexto/article/download/3392/4320 . Acesso em: jul 2022.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GERBAUDO, Paulo. **Redes e ruas: mídias sociais e ativismo contemporâneo**. São Paulo: Editora Funilaria, 2021.

GÓMEZ, Guillermo. O telespectador frente à televisão. Uma exploração do processo de recepção televisiva. **Revista Comunicare**, São Paulo, v.5, n. 1, p. 27-42, 2005.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos**. Organização de Flavia Rios e Márcia Lima. 1ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2020

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. *In*: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. (Org.). **Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

IEDEMA, Rick. Analysing Film and Television: A Social Semiotic Account of “Hospital: An Unhealthy Business”. *In*: JEWITT, Carey;

- LEEUEWEN, Theo (Orgs.). **The Handbook of Visual Analysis**. Los Angeles: SagePublications, 2001.
- JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.
- JENKINS, Henry; GREEN, Joshua; FORD, Sam. **Cultura da conexão: criando valor e significado por meio da mídia propagável**. São Paulo: Aleph, 2014.
- JEWITT, C. **The Routledge Handbook of Multimodal Analysis**. London: Routledge, 2016.
- JORDAN, Tim. **Activism!** Direct action, hacktivism and the future of society. London: Reaktion Books, 2002.
- KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação - Episódios de racismo no cotidiano**. Tradução de Jesse Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- KRESS, G. Multimodal discourse analysis. *In: GEE, J. P.; HANDFORD, M. The Routledge handbook of discourse analysis*. London/New York: Routledge, 2012.
- KRESS, G. What Is Mode? *In: JEWITT, Carey (Org.). The Routledge Handbook of Multimodal Analysis*. London/New York: Routledge, 2016.
- KRESS, G.; VAN LEEUEWEN, T. Colour as a semiotic mode: notes for a grammar of colour. **Visual Communication**, v.1, p. 343-368, 2002.
- LATOUR, B. **Reagregando o social: uma introdução à teoria do Ator-Rede**. Salvador: Edufba, 2012.
- LEVY, Pierre. A revolução contemporânea em matéria de comunicação. **Famecos**, Porto Alegre, v. 9, p. 37-49, 1998
- LIMA-LOPES, Rodrigo; CÂMARA, Marco Túlio. Arco-íris na cruz: A multimodalidade no Midiativismo em vídeos no *YouTube*. **Policromias - Revista de Estudos do Discurso, Imagem e Som**, Rio de Janeiro, v.4, n.2, p. 78-102, 2019.
- LIMA-LOPES, Rodrigo; CÂMARA, Marco Túlio; OLIVEIRA, Maria Luiza. Textos audiodfônicos e multimodalidade: Experiência de

formação de professores na área de linguagem e tecnologia. In: SILVA, R. C. da Silva; QUEIRÓZ, L. A. A. (Orgs.), **Multimodalidade, ensinos e aprendizagens**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2021.

LIMA-LOPES, Rodrigo. **Sociossemiótica da produção audiovisual** : uma proposta metodológica para análise multimodal da comunicação em vídeo. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2012.

LIMA-LOPES, Rodrigo Esteves de. Vídeos publicitários e o discurso da tecnologia: metáforas verbo-visuais. **DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, São Paulo, v. 32, n. 2, p. 325–354, 2016.

MACHADO, Débora. A modulação de comportamento nas plataformas de mídias sociais. In: SOUZA, J.; AVELINO, R.; SILVEIRA, S.A.; (Orgs.). **A Sociedade do controle: manipulação e modulação nas redes digitais**. São Paulo: Hedra, 2018.

MACHIN, D. What is multimodal critical discourse studies? **CriticalDiscourseStudies**, v. 10, n. 4, p. 347–35, 2013.

MACHIN, David; VAN LEEUWEN, Theo. Multimodality, politics and ideology. **Journal of Language and Politics**, v. 15, n.3, p.243–258, 2016.

MACHIN, David;VAN LEEUWEN, Theo. Sound, music and gender in mobile games. **Gender and Language**, v.10, n.3, p. 412-432, 2016.

MACIEL, Danielle Edite Ferreira. **Midiativismo**: entre a democratização e a assimilação capitalista. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2012.

MARTÍN-BARBERO, Jesús; POLITO, R., & ALCIDES, S. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

MATEOS, Concha; RAJAS, Mario. Videoactivismo: concepto y rasgos. *In: RAIGADA, José Luís Piñuel (Org.)* **Videoactivismo**. Acción política, cámara en mano. Tenerife: Cuadernos Artesanos de Comunicación, 2014.

MATTONI, Alice. **Media activism**. The Wiley-Blackwell encyclopedia of social and political movements. Nova Jersey: Blackwell Publishing, 2013.

MEDIA Activism. In: Andrew Eusebio, 2016. Disponível em: <<http://www.andreweusebio.com/writingresearch/mediaactivism>>. Acesso em: 22 jan. 2018.

MEIKLE, Graham. Intercreativity: mapping online activism. *In: HUNSINGER, Jeremy.; KLASTRUP, Lisbeth.; ALLEN, Matthew. (Orgs.)*. **International handbook of Internet research**. Dordrecht: Springer, 2010.

NASCIMENTO, Abdias. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado**. São Paulo: Perspectiva, 2017

NASCIMENTO, Gabriel. **Racismo Linguístico: os subterrâneos da linguagem e do racismo**. Belo Horizonte: Letramento, 2019.

NORRIS, Sigrid. The implication of visual research for discourse analysis: transcription beyond language. **Visual Communication**, v. 1, n. 1., p. 97-121, 2002.

NORRIS, Sigrid. **Analyzing Multimodal Interaction: A Methodological Framework**. London/New York: Routledge, 2004.

NORRIS, Sigrid. Multiparty interaction: a multimodal perspective on relevance. **Discourse Studies**, v. 8, n. 3, p. 401-421, 2006.

O'HALLORAN, K. L.; TAN, S.; WIGNELL, P. SFL and Multimodal Discourse Analysis. *In: THOMPSON, G. et al. (Ed.)*. **The Cambridge Handbook of Systemic Functional Linguistics**. Cambridge: Cambridge University Press, 2019.

- O'HALLORAN, Kay L. Visual semiosis in film. *In: _____*
Multimodal discourse analysis: systemic-functional perspectives. London/New York: Continuum, 2004.
- PASTOREAU, M. **Dicionário das cores do nosso tempo.** Lisboa: Editorial Estampa, 1997.
- SANTOS, B. S.; MENESES, M. P. (Org.). **Epistemologias do Sul.** São Paulo: Cortez, 2010.
- SARTORETTO, Paola Madrid. Ativismo mídiático circunstancial – uma análise da relação entre representações mídiáticas e políticas. **Animus: Revista Interamericana de Comunicação Midiática**, Santa Maria, v. 15, n. 30, p. 118 – 139, 2016.
- SCOLARI, Carlos Alberto (Org). **Ecología de los medios.** Barcelona: Editorial Gedisa, 2015.
- SIGNORINI, Inês. Do residual ao múltiplo e ao complexo: o objeto da pesquisa em Linguística Aplicada. *In: I. Signorini, I.; Cavalcanti, M. C. (Orgs.)* **Linguística Aplicada e transdisciplinaridade.** Campinas: Mercado de Letras, 1998.
- SILVEIRA, Luciana Marta. **Introdução à teoria da cor.** Curitiba: Editora UTFPR, 2015
- SOUSA, Ana Lucia. Vídeo-Ativismo: práticas digitais para narrar os movimentos sociais durante a Copa do Mundo da FIFA (2014). **BrazilianJournalismResearch**, São Paulo, v.13, n.1, p. 78-103, 2017.
- VALENCIA, Sayak. ¿Nuevas masculinidades? Sexismo hipster y machismo light. *In: BERCOVICH, Susana H.; SIERRA, Salvador Cruz. (Orgs.)*.**Topografías de laviolencia.** Alteridades e impasses sociales, Tijuana: El Colegio de La Frontera Norte, 2015.
- VAN LEEUWEN, T. Tipographic meaning. **Visual Communication**, v. 4, n.2, p. 137-143, 2005.

VAN LEEUWEN, Theo. Parametric Systems: The Case of Voice Quality. *In: JEWITT, Carey (Org.)*. **The Routledge Handbook of Multimodal Analysis**. London/ New York: Routledge, 2016.

VAN LEEUWEN, Theo. **Discourse and Practice**: new tools for critical discourse analysis. New York: Oxford University Press, 2008.

VAN LEEUWEN, Theo. Parametric Systems: The Case of Voice Quality. *In: JEWITT, Carey (Org.)* **The Routledge Handbook of Multimodal Analysis**. London/New York: Routledge, 2016.

WEST, Tore. Music and Designed Sound. *In: JEWITT, Carey (Org.)* **The Routledge Handbook of Multimodal Analysis**. London/New York: Routledge, 2016.

SOBRE O AUTOR



Marco Túlio Pena Câmara é professor de Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Sociedade da Universidade Federal do Tocantins (UFT). Este livro é uma versão da tese de doutorado em Linguística Aplicada na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), defendida em 2023. Mestre em Estudos de Linguagens pelo Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG) e Jornalista pela Universidade Federal de Viçosa (UFV), é organizador do livro *Interfaces do Midiativismo: do conceito à prática* (CEFET-MG, 2018) e criador do *Homine* (Grupo de discussões sobre Masculinidades da Unicamp, 2019-2020). Integrante do Grupo de Pesquisa em Mídia, Discurso, Tecnologia e Sociedade (MíDiTeS/Unicamp), do Coletivo de Estudos das Diversidades Audiovisuais (Outrocampo/UFT) e do Grupo de Estudos sobre Discurso, Interseccionalidade e Subjetividade (GEDIS/UFU), defende a linguagem enquanto luta social e defende a prática jornalística antirracista.



Como expressamos nossas masculinidades por meio da linguagem? Discutir temas como gênero, raça e sexualidade pode ser considerado uma prática midiativista? Este livro busca responder essas e outras questões. O estudo mostra que os vários modos de linguagem podem produzir sentidos midiativistas que vão além da representação e reflexão, contribuindo para potenciais mudanças sociais.

Marco Túlio Pena Câmara

